



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

EDITE CONSUÊLO DA SILVA SANTOS

O ESTATUTO DA ERGATIVIDADE NA LÍNGUA KATUKINA-KANAMARI

RECIFE

2019

EDITE CONSUÊLO DA SILVA SANTOS

O ESTATUTO DA ERGATIVIDADE NA LÍNGUA KATUKINA-KANAMARI

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Letras.

Área de concentração: Linguística

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cláudia Roberta Tavares Silva

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Zoraide dos Anjos Gonçalves da Silva Vieira

RECIFE

2019

Catálogo na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira, CRB-4/2223

S237e Santos, Edite Consuelo da Silva
O estatuto da ergatividade na língua Katukina-kanamari / Edite Consuelo da Silva Santos. – Recife, 2019.
159f.: il.

Orientadora: Cláudia Roberta Tavares Silva.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2019.

Inclui referências e apêndices.

1. Ergatividade. 2. Katukina. 3. Morfema {-na}. 4. Processos sintáticos.
I. Silva, Cláudia Roberta Tavares (Orientadora). II. Título.

410 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2019-259)

EDITE CONSUÊLO DA SILVA SANTOS

O ESTATUTO DA ERGATIVIDADE NA LÍNGUA KATUKINA-KANAMARI

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Letras.

Aprovada em: 30/08/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Cláudia Roberta Tavares Silva (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Zoraide dos Anjos Gonçalves da Silva Vieira (Coorientadora)
Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Marcelo Amorim Sibaldo (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Maria Luísa de Andrade Freitas (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Manoel Gomes dos Santos (Examinador Externo)
Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori (Examinador Externo)
Instituto de Estudos da Linguagem

Ao Senhor e Salvador Jesus Cristo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, que, com sua infinita misericórdia, me resgatou e me sustentou em todos os passos da Pós-graduação stricto sensu e de toda a minha vida. Ele é tão Maravilhoso que, além de Seu sacrifício naquela Cruz, ainda cuida de nós aqui na Terra. Toda a gratidão do mundo não seria suficiente para agradecer ao Senhor. Obrigada, Obrigada, Obrigada.

A painho e mainha, Bartolomeu e Edite, por tudo o que sempre foram e são pra as filhas: fonte de amor, carinho, apoio e ensinamentos. Vocês são um presente de Deus pra nós. Amo vocês.

Às minhas irmãs Maria e Lúcia, meus dois olhinhos de gato, por fazerem a minha vida muito mais feliz, e por me ajudarem tanto e de tantas formas. Não tenho palavras para agradecer a vocês por existirem e serem o que são.

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Cláudia Roberta Tavares Silva, pela extrema paciência, pelo incentivo, por compartilhar comigo seu conhecimento científico e por não desistir de mim. Não tenho palavras pra agradecer, professora. Muito obrigada.

À minha coorientadora, Prof^a Dr^a Zoraide dos Anjos, por me apoiar e me acompanhar na pesquisa de campo e por me ajudar tanto na coleta de dados. Muito obrigada por compartilhar comigo seu conhecimento científico e de mundo e estar sempre disponível. Muito obrigada.

Aos índios Katukina da Aldeia Boca do Biá, pela colaboração e pelo respeito que tiveram comigo e com a professora Zoraide durante o período da coleta de dados.

Aos professores que fizeram parte da banca de defesa da tese – Prof. Dr. Marcelo Amorim Sibaldo, Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori, Prof^a Dr^a Maria Luisa de Andrade Freitas e Prof. Dr. Manoel Gomes dos Santos – e das defesas do projeto e da qualificação – Prof^a Dr^a Maria Luisa de Andrade Freitas e Prof^a Dr^a Stella Virginia Telles de Araujo Pereira Lima, pelas importantes contribuições para a melhoria desta tese.

Aos professores doutores Antonio Carlos dos Santos Xavier, Cláudia Roberta Tavares Silva, Jose Alberto Miranda Poza, Marcelo Amorim Sibaldo, Stella Virginia Telles de Araujo Pereira Lima e Vicente Masip Viciano, pelas aulas nas disciplinas do curso de Doutorado.

Ao professor Ricardo Antônio da Silva, meu professor de Língua Portuguesa e Inglesa no Ensino Fundamental II, por fazer seu trabalho com todo amor que um professor pode ter. Por todo o incentivo e cuidado com os alunos que sempre teve, por ser um exemplo de profissional, uma inspiração.

À Profª Drª Vanúbia Araújo Moncayo, por sempre ter me incentivado muito desde a minha graduação e por ser um grande exemplo de profissionalismo, dedicação e amor pela docência.

A Jozaias Santos, secretário do Programa de Pós-Graduação em Letras, por fazer o seu trabalho de forma excelente, indo além de suas inúmeras obrigações, estando sempre disponível para ajudar professores e alunos. Muito obrigada e parabéns.

A Vandete da Rocha Sousa, funcionária da biblioteca do IPAAM, em Manaus, por todo apoio na procura de material bibliográfico.

Ao Pastor Levi Alencar e sua esposa, a irmã Gilvanete Alencar, ao Pastor Luiz Henrique e sua esposa, a irmã Rosalma, e ao Pastor Petrochelle Marques e sua esposa, a irmã Maria dos Remédios, pelas orações e por todo apoio, incentivo e aconselhamento durante o período do Doutorado. Que o Senhor os cubra de Bênçãos aqui na Terra e por toda a eternidade.

Às minhas irmãs Dolores Duarte e Andréa Monteiro de Melo pelas orações e por todo apoio, aconselhamento e amizade durante a caminhada. Louvo a Deus pela vida de vocês.

Aos meus amigos Cícero Kleandro, Flávia Ramos, Dilma Fernandes, Alane Luma, Dérick Ferreira, Patrícia Fernandes de Messias, Thiago Alves França e Clara Regina Rodrigues de Souza, que estiveram junto comigo nas batalhas durante o Doutorado. Obrigada por vocês existirem, pelas batalhas que travamos juntos e pelas conversas amigas que tornaram o percurso mais agradável e menos árduo.

Aos meus amigos Letícia da Cunha Silva, Maria Felícia, Marco Túlio, Juliana Maria, Moacir Natércio, Humberto Borges, Roberta Ribeiro, Carla Braga, Ana Mattos, que mesmo distantes fisicamente continuaram sendo companheiros de estrada. São presentes para toda a vida que eu ganhei no Mestrado.

Ao meu amigo Antônio José da Silva, um exemplo de garra, força de vontade e empatia, que sempre me incentivou, me apoiou e me ajudou. Nunca terei como agradecer o que você fez por mim.

Aos meus amigos Glenda Aparecida Rodrigues de Oliveira, Dominique Lima Silva e Jacira Alves do Nascimento, que caminharam comigo e são ombro amigo desde sempre. Agradeço a Deus pela vida de vocês.

Às minhas irmãs Ana Paula Souza Vieira, Ikelly Araújo e Cláudia Saraiva. Conviver com vocês é sempre muito importante pra mim. Muito obrigada por tudo.

À minha amiga Madalena Vitorino dos Santos Rodrigues, que esteve comigo durante o período mais difícil do Doutorado, por seu apoio, incentivo e ajuda de muitas formas, o que

possibilitou a finalização desta tese. Nada do que eu faça poderá retribuir o que você fez por mim.

Aos meus amigos Edileusa Batista da Rocha, Letícia Belmiro, Bruno Costa Luna de Souza, Nereida Neri, Renan Cavalcanti, Sandra Dantas, Patrícia do Canto, Camilo Santana, Erik Silva, Jéssica Maciel, Andréa França, Istarlet de Melo, Amanda Mirella, Amanda Costa, Luiz Henrique Wink, Ricardo Alves, Paula Lapenda, Raiana de Oliveira, Josias Leonardo de Moura, Paulo Jacinto, Rogério de Oliveira Júnior, Lorena Félix, Yasmin Galindo, Paulo Fernando, Viviane Santos, Jefferson Rodrigues, Jéssica Barreto, Jéssica Priscila, Suellen Pamela, Ivson Bruno, Shirley Thaisa, Pamella Soares, Rafael Andrade, Alessandra Alves, Danilo Macedo, Natalia Roberta, Juvita Muniz, Geovany Barnabé, Nilvânia Nascimento, João Batista Pereira, Dorilma Neves, Inaldo Firmino Soares, Hérica Karina, Ewerton Luna e tantos outros amigos que eu tive o privilégio de conhecer na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

Confia no Senhor de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-O em todos os teus caminhos, e Ele endireitará as tuas veredas. Não sejas sábio aos teus próprios olhos; teme ao Senhor e aparta-te do mal; será isto saúde para o teu corpo e refrigério, para os teus ossos. (BÍBLIA SAGRADA, Pv 3:5-8).

“Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes impropera; e ser-lhe-á concedida.” (BÍBLIA SAGRADA, Tg 1:5).

RESUMO

O presente estudo trata da discussão do status da ergatividade e da descrição do uso de um morfema, o {-na}, na língua indígena Katukina, falada por comunidades indígenas de mesmo nome situadas no sudoeste do estado do Amazonas. As nossas questões de pesquisa são sobre o comportamento do morfema {-na} – se ele é intercambiável com o morfema {kana}, se já está afixado ao núcleo do sintagma, se pode ser suprimido da sentença – e sobre a ergatividade em Katukina – se há alterações nos resultados dos processos sintáticos e se essas possíveis alterações afetam a ergatividade nessa língua. A pesquisa pretende contribuir minimamente para a revisão do estatuto do morfema {-na} na língua Katukina e dos critérios das propriedades morfológicas e sintáticas dos sistemas de alinhamento ergativo, a partir principalmente dos estudos de Queixalós (2004, 2007, 2013) e Dos Anjos (2011). Nosso objetivo é analisar a ergatividade no Katukina morfológica e sintaticamente e descrever o status do morfema {-na} nessa língua. As técnicas de pesquisa foram a documentação direta – uso de dados coletados em pesquisa de campo – e indireta – uso de dados bibliográficos de estudos anteriores. Entre os resultados, verificamos que o morfema {-na} (i) não é intercambiável com {kana}, (ii) pode ser suprimido da sentença, embora essa não seja a forma preferencial e (iii) está afixado ao núcleo do sintagma, podendo, porém, ser separado dele pela inserção de um advérbio entre o {-na} e o núcleo. Verificamos também algumas mudanças no status morfológico da ergatividade do Katukina – a possibilidade de ausência do {-na} – e sintático – modificações nos resultados dos processos de movimento, elisão e secabilidade. Essas mudanças, porém, não mudam a classificação do Katukina como uma língua fortemente ergativa, uma vez que nos outros sete processos – ostensão, coordenação, focalização, interrogação, relativização, nominalização e correferência – os resultados permanecem inalterados.

Palavras-chave: Ergatividade. Katukina. Morfema {-na}. Processos sintáticos.

ABSTRACT

This research discusses the status of ergativity and describes the use of a morpheme, {-na}, in Katukina, an indigenous language spoken by namesake communities located in the southwest Amazonas. Our research questions are about the behavior of {-na} - if it is interchangeable with the morpheme {kana}, if it is already attached to the head of the phrase, if it can be deleted from the sentence - and about the ergativity in Katukina - if there are changes in results of syntactic processes and whether these possible changes affect ergativity in that language. The research aims to contribute minimally to the revision of morpheme {-na} status in Katukina and of criteria of morphological and syntactic properties of ergative alignment systems, mainly from Queixalós (2004, 2007, 2013) and Dos Anjos (2011). Our goal is to analyze ergativity in Katukina morphologically and syntactically and to describe the {-na} status in that language. The research techniques were direct documentation - use of data collected in field research - and indirect - use of bibliographic data from previous studies. Among the results, we find that {-na} (i) is not interchangeable with {kana}, (ii) can be deleted from the sentence, although this is not the preferred form and (iii) is affixed to the head of the phrase, but it can be separated from it by inserting an adverb between the {-na} and the head. We also verified some changes in morphological status of Katukina ergativity - the possibility of absence of {-na} - and syntactic - modifications in the results of movement, elision and secabilidad. These changes, however, do not change Katukina's classification as a strongly ergative language, since in the other seven processes - ostension, coordination, focusing, interrogation, relativization, nominalization, and coreference - the results remain unchanged.

Keywords: Ergativity. Katukina. Morpheme {-na}. Syntactic processes.

RESUMEN

Este estudio analiza el estado de la ergatividad y la descripción del uso de un morfema, {-na}, en la lengua indígena Katukina, hablada por comunidades indígenas del mismo nombre ubicadas en el suroeste del estado de Amazonas. Nuestras preguntas de investigación son sobre el comportamiento del morfema {-na} - si es intercambiable con el morfema {kana}, si ya está unido al núcleo del sintagma, si puede eliminarse de la oración - y sobre la ergatividad en Katukina - si hay cambios en los resultados de los procesos sintácticos y si estos posibles cambios afectan la ergatividad en ese idioma. El objetivo de la investigación es contribuir mínimamente a la revisión del estado del morfema {-na} en el idioma Katukina y de los criterios de las propiedades morfológicas y sintácticas de los sistemas ergativos, principalmente de los estudios de Queixalós (2004, 2007, 2013) y Dos Anjos (2011). Nuestro objetivo es analizar la ergatividad en Katukina morfológica y sintácticamente y describir el estado del morfema {-na} en ese idioma. Las técnicas de investigación fueron la documentación directa, el uso de datos recopilados en la investigación de campo, y el uso indirecto de datos bibliográficos de estudios previos. Entre los resultados, encontramos que el morfema {-na} (i) no es intercambiable con {kana}, (ii) puede eliminarse de la oración, aunque esta no es la forma preferida y (iii) está adherido al núcleo de la frase, pero se puede separar insertando un adverbio entre {-na} y el núcleo. También verificamos algunos cambios en el estado morfológico de la ergatividad de Katukina, la posibilidad de ausencia de {-na}, y modificaciones sintácticas en los resultados de los procesos de movimiento, elisión y secabilidad. Sin embargo, estos cambios no cambian la clasificación de Katukina como un lenguaje fuertemente ergativo, ya que en los otros siete procesos (ostensión, coordinación, focalización, interrogación, relativización, nominalización y correferencia) los resultados permanecen sin cambios.

Palabras clave: Ergatividad. Katukina. Morfema {-na}. Procesos sintácticos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização da Terra Indígena Rio Biá no contexto nacional.....	20
Figura 2 - Localização da Terra Indígena Rio Biá no contexto municipal.....	21
Figura 3 - Casas da comunidade indígena Boca do Biá.....	22
Figura 4 - Escola com três salas de aula.....	22
Figura 5 - Polo da OPAN com farmácia e enfermaria.....	23
Figura 6 - Casa de máquinas do poço artesiano.....	23
Figura 7 - Casa de máquinas dos geradores a diesel.....	24
Figura 8 - Espaço para festas. Fonte: Santos.....	24
Figura 9 - Igreja da Recordação da Santa Missão (RDSM).....	29

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Crescimento populacional Katukina por 20 anos (DETURCHE, 2009, p. 33).....	26
Tabela 2 - Crescimento populacional Katukina por 24 anos.....	26
Tabela 3 - Prefixos pessoais (Dos Anjos, 2011, p. 134).....	87
Tabela 4 - Formas pronominais livres (Dos Anjos, 2011, p. 142)	87

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A	agente
ABS	absolutivo
AC	acusativo
ALT	alativo
ANTIPAS	antipassivo
ASP	aspecto
CAUS	causa
COL	coletivo
COMINST	Comitativo Instrumental
CONJ	conjunção
CONT	contínuo
CTRF	centrífugo
CTRP	centrípeto
DEM	demonstrativo
DIR	direção
DTC	dêitico
DUR	durativo
ERG	ergativo
FOC	focalizador
FUT	futuro
FUTPROX	futuro próximo
GEN	genitivo
IMPF	imperfeito
INES	inessivo
INT	interrogação
INTR	intransitivo
ITRV	iterativo
LOC	locativo
MCaso	Marcação de Caso
NEG	negação
NGR	Nome Genérico Relacional
NOM	nominativo

NOMNLZ	nominalizador
OBJ	objeto
OBL	oblíquo
P	paciente
PAS	passado
PERF	perfectivo
Pl	plural
POSS	possessivo
PRES	presente
PRLT	perlativo
PROG	progressivo
PRVT	privativo
REL	relativo
S	sujeito
Sg	singular
SOC1	sociativo 1
SOC2	sociativo2
SUB	subordinação
SUB	subordinador
SUBLT	sublativo
SUBS	subessivo
SUPS	superessivo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	18
1.1	OS KATUKINA.....	19
1.1.1	Localização e Infraestrutura.....	19
1.1.2	Sociedade.....	25
1.1.3	Mitologia/religiosidade.....	28
1.1.4	Cultura/Eventos Culturais.....	29
1.1.5	Educação formal.....	30
1.2	A LÍNGUA KATUKINA-KANAMARI.....	31
1.2.1	Línguas amazônicas.....	31
1.2.2	Classificação linguística.....	32
1.3	DELIMITANDO O OBJETO DE ESTUDO: <i>O ESTUDO DO {-NA} E A ERGATIVIDADE NA LÍNGUA KATUKINA-KANAMARI</i>	34
1.3.1	Questões e hipóteses.....	37
1.3.1.1	Questões.....	37
1.3.1.2	Hipóteses.....	37
1.3.2	Objetivos.....	38
1.3.2.1	Geral.....	38
1.3.2.2	Específicos.....	38
1.4	QUADRO METODOLÓGICO DO ESTUDO.....	39
1.4.1	Método adotado.....	39
1.4.2	Técnicas de pesquisa.....	39
1.4.3	Caracterização da população investigada.....	40
1.4.4	Coleta dos dados.....	41
1.4.4.1	Primeiras ações: <i>os trâmites burocráticos</i>	41
1.4.4.2	Testes de gramaticalidade.....	42
1.4.4.3	Estória previamente elaborada.....	46
1.4.5	Constituição do <i>corpus</i>.....	46
1.4.6	Procedimentos para a análise dos dados.....	47
2	A ERGATIVIDADE À LUZ DA TIPOLOGIA LINGUÍSTICA.....	48
2.1	OS SISTEMAS DE ALINHAMENTO.....	48
2.2	OS SISTEMAS CINDIDOS.....	57
2.2.1	Intransitividade cindida.....	58

2.2.2	Ergatividade cindida.....	60
2.3	A ERGATIVIDADE: UM PÁSSARO AZUL.....	68
3	ASPECTOS MORFOLÓGICOS E SINTÁTICOS DA LÍNGUA KATUKINA-KANAMARI.....	80
3.1	NÍVEL FONÉTICO-FONOLÓGICO.....	80
3.2	NÍVEL MORFOLÓGICO.....	85
3.3	NÍVEL SINTÁTICO.....	92
3.3.1	A ergatividade na língua Katukina-kanamari.....	95
3.3.2	A acusatividade na língua Katukina-kanamari.....	105
4	A ANÁLISE DOS DADOS.....	108
4.1	OS ESTATUTOS DO {-NA} NO KATUKINA ATRAVÉS DOS TESTES.....	108
4.1.1	Dados resultantes dos julgamentos de gramaticalidade.....	108
4.1.1.1	Teste 1: o {-na} é um resíduo de {-kana}?.....	108
4.1.1.2	Teste 2: os pronomes livres e presos interferem no comportamento do {-na}?.....	113
4.1.1.3	Teste 3: É possível a inserção de advérbios entre o {-na} e os elementos mais próximos?.....	120
4.1.1.4	Teste 4: qual o estatuto do {-na} em frases negativas e interrogativas?.....	127
4.1.2	Dados resultantes da contação de uma estória traduzida do português para o katukina.....	129
4.2	REVISITANDO OS DADOS SOB O OLHAR DA ERGATIVIDADE.....	133
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	140
	REFERÊNCIAS.....	142
	APÊNDICE A - DADOS REFERENTES AO TESTE 1.....	144
	APÊNDICE B - DADOS REFERENTES AO TESTE 2.....	148
	APÊNDICE C - DADOS REFERENTES AO TESTE 3.....	156

1 INTRODUÇÃO

O estudo das línguas amazônicas se faz necessário devido a fenômenos linguísticos singulares encontrados nessas línguas e à transmissão da cultura dos respectivos povos indígenas. Registros da língua Katukina vem sendo feitos desde 1920 (Rivet e Tastevin), e estudos predominantemente linguísticos, desde a década de 1990 (Queixalós). Dos Anjos (2011) elaborou uma gramática do Katukina, com elementos de fonologia, morfologia e sintaxe dessa língua. O presente estudo visa descrever o status de um marcador de Caso, de foco e dêitico presente na língua Katukina, o {-na}, e analisar a ergatividade nessa língua a partir dos dados disponíveis nos estudos anteriores e em nossa pesquisa de campo.

Na comunidade indígena Boca do Biá, onde realizamos a nossa pesquisa de campo, habitam 184 Katukinas, de um total de 806 falantes por toda a bacia do rio (BRASIL, 2010). Eles estabelecem uma relação pacífica com os não índios, permitindo que alguns habitem na comunidade indígena (professores das comunidades e agentes de saúde). A língua falada na comunidade é o Katukina; há pouquíssimos índios, todos do sexo masculino, que são bilíngues (Português-Katukina).

As questões a que a presente pesquisa procura responder se situam em torno do status da partícula {-na} e da ergatividade em Katukina. O objetivo principal é descrever o status do morfema {-na} no Katukina e analisar a ergatividade dessa língua morfológica e sintaticamente a partir do status da marcação morfológica do Caso ergativo e das operações sintáticas presentes nos testes. As técnicas de pesquisa usadas são a documentação direta e indireta e o método é, principalmente, o descritivo.

A organização deste estudo foi feita da seguinte maneira: no primeiro capítulo, abordaremos aspectos sócio-culturais e linguísticos da comunidade Katukina, o tema e os objetivos da pesquisa e a metodologia utilizada; no segundo capítulo, discorreremos sobre a ergatividade à luz da tipologia linguística. Trataremos sobre os principais sistemas de alinhamento – ergativo e nominativo –, os sistemas cindidos e os critérios sintáticos para a identificação da ergatividade nas línguas; no terceiro capítulo, traremos alguns conceitos de Dos Anjos (2011) sobre a gramática do Katukina; no capítulo 4, será apresentada, inicialmente, uma análise descritiva do emprego do morfema {-na} no Katukina, tomando por base os testes aplicados em diversos ambientes sintáticos em que ocorre o morfema {-na} durante a pesquisa de campo realizada em 2017 e uma breve análise do status da ergatividade no Katukina a partir desses testes; por fim, apresentaremos as considerações finais e apêndices referentes aos dados dos testes 1, 2 e 3.

Os dados coletados nos testes 4 e 5 estão todos no capítulo 4.

O primeiro capítulo traz uma breve descrição de alguns pontos importantes referentes ao povo Katukina: localização e infraestrutura da comunidade indígena Boca do Biá, demografia, relacionamento com os não índios, mitologia, religiosidade, eventos culturais, educação formal, classificação da língua Katukina. Além disso, há a delimitação do objeto do presente estudo e o seu quadro metodológico, compreendendo técnicas de pesquisa, caracterização da população e procedimentos para coleta de dados.

1.1 OS KATUKINA

Segundo Rivet (1920), o termo *katukina* vem do tupi “*katu-*, bom, *-kana*, *-kêra*, sufixo de pluralidade em Kokama e em Omagua, *-kwêra*, em Guaraní antigo e em Abaneême”¹ (RIVET, 1920, p. 89) e significa, portanto, *os bons*. Segundo Deturche (2011), os Katukina se consideram um povo pacífico e diferente de outros índios violentos denominados por eles de *nawa*.

Deturche e Hoffmann (2016) defendem que eles se autodesignam como Katukina ou *Tükuna* ‘pessoa, ser humano’. Em um livro do próprio Povo Indígena Katukina do Rio Biá (s.d., p. 8), produzido pelo Projeto Aldeias, eles se apresentam: “Nós somos o povo Katukina, o povo *tukuna*. Falamos nossa língua, a língua *tukuna*”. Em nosso trabalho de campo (2017), observamos que eles usam predominantemente o termo *tükuna* para falarem sobre si mesmos. Conforme Tastevin (s.d. *apud* DETURCHE, 2009), esse termo foi base para a formação da palavra *katukina*: *tükuna* era usado em Kanamari com o prefixo {a-} ou {ha-}, que pode ser redução de {ka-}; assim, os portugueses teriam transformado *katükuna* em *katukina*.

1.1.1 Localização e Infraestrutura

As comunidades indígenas Katukina falantes da língua Katukina-kanamari (ou simplesmente Katukina) estão localizadas no Sudoeste do estado do Amazonas, na bacia do Rio Biá², e são por isso chamados Katukinas do Biá. Grande parte da área da bacia desse Rio – 1.185.792 hectares – foi delimitada como Terra indígena Katukina (DETURCHE, 2009). De acordo com Lima (2000 *apud* DOS ANJOS, 2011, p. 23), há três comunidades Katukina “no

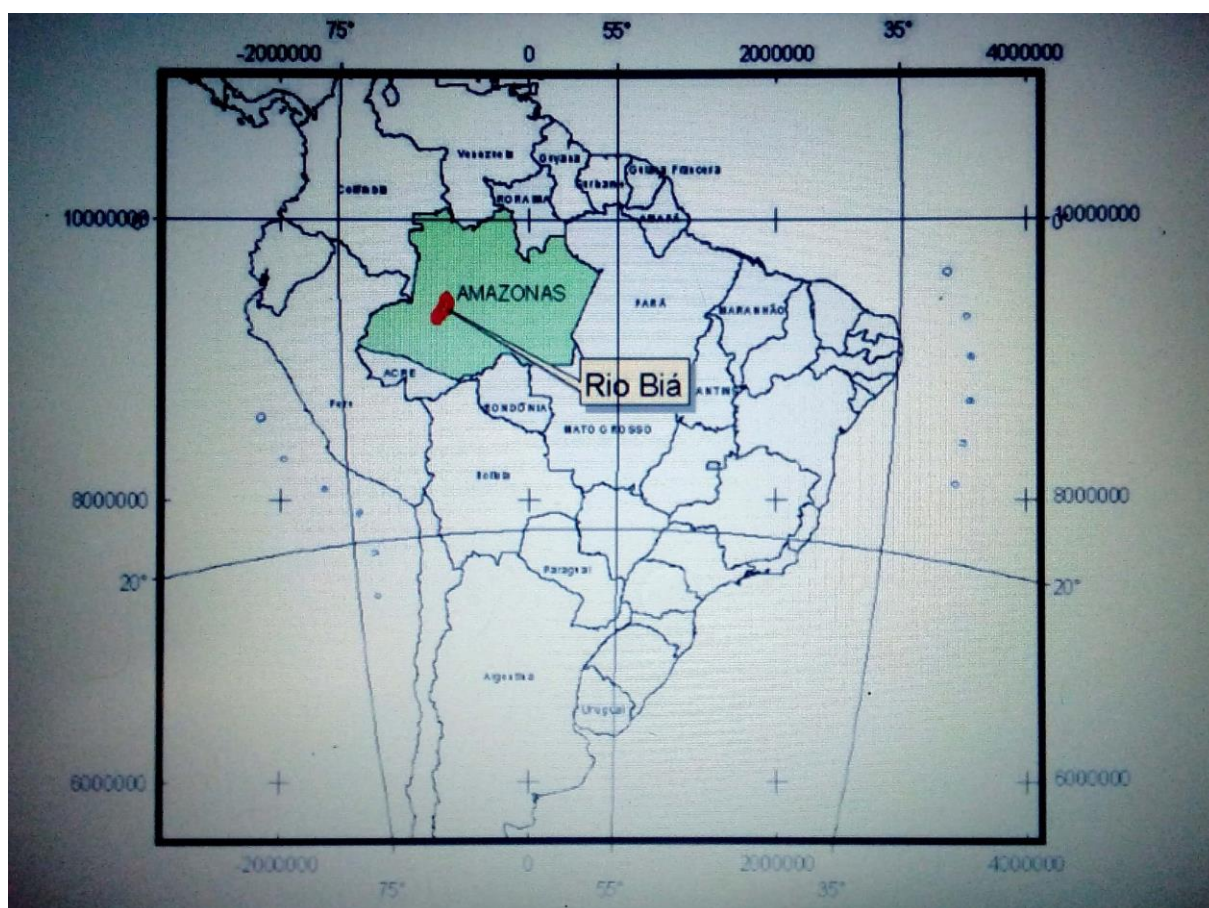
¹ Tradução livre do trecho “*katu-*, bon, *-kana*, *-kêra*, suffixe de pluralité en Kokama et en Omagua, *-kwêra*, en Guaraní ancien et en Abaneême” (RIVET, 1920, p. 89).

² Segundo Deturche (2009, p. 14), o rio Biá é “afluente direito do Rio Jutáí, entre Juruá e Jutáí, que é um afluente do Rio Solimões, que se tornará o Amazonas depois de receber as águas negras do Rio Negro, na altura da cidade de Manaus.”. Tradução livre do trecho “*affluent de droite du Rio Jutáí, entre le Juruá et le Jutáí, qui est lui-même un affluent du Rio Solimões, qui deviendra l’Amazonas (l’Amazone) après avoir reçu les eaux noires du Rio Negro, à peu près à la hauteur de la ville de Manaus*”.

rio Ipixuna, tributário do Rio Biá”: Bela Vista, Manduca e Dario Curumim. Essas comunidades não aparecem nos dados da Funasa/Uni-Tefé, que destaca seis comunidades Katukina ao longo do Rio Biá: “Boca do Biá, Gato, Janela, Pilão, Pedral e João Surucucu” (Funasa/Uni-Tefé, 2005 *apud* DOS ANJOS, 2011, p. 24). O próprio povo Katukina afirma que vive “nas margens dos rios Biá e Ipixuna” (POVO INDÍGENA KATUKINA DO RIO BIÁ, s.d., p. 8).

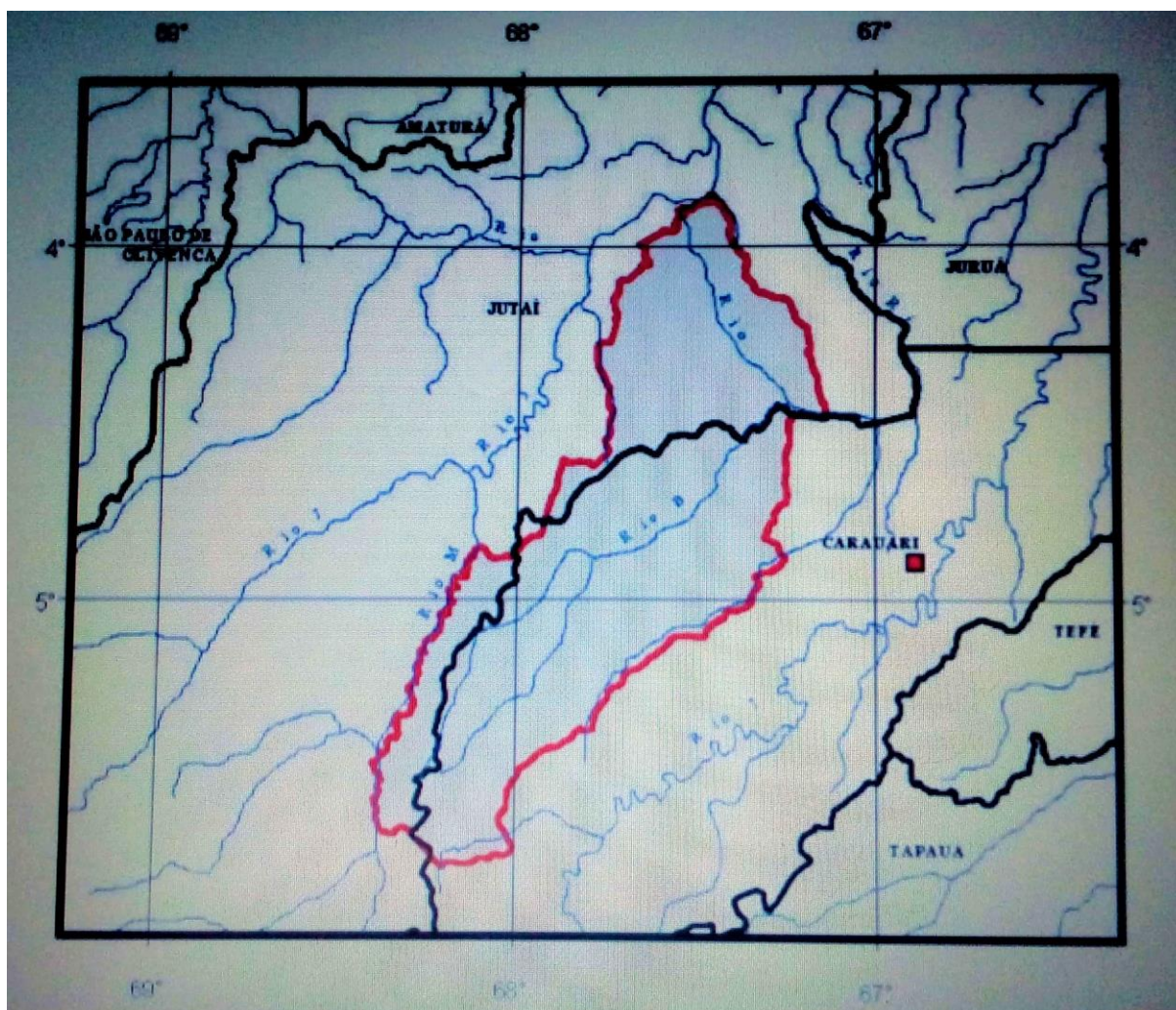
Nosso trabalho de campo foi desenvolvido na comunidade indígena Boca do Biá, a mais próxima da cidade de Jutai. De acordo com os informantes Katukina, trabalhos de campo anteriores, realizados por Queixalós e Dos Anjos, também ocorreram nessa comunidade. Mapas da localização da Terra Indígena do Rio Biá podem ser vistos abaixo:

Figura 1 - Localização da Terra Indígena Rio Biá no contexto nacional.



Fonte: Deturche (2009, p. 15).

Figura 2 - Localização da Terra Indígena Rio Biá no contexto municipal.



Fonte: Deturche (2009, p. 16).

Quanto à infraestrutura da comunidade indígena Boca do Biá, há casas feitas de tábuas de madeira, com teto de palha ou de telhas tipo Brasilit. As edificações são suspensas, como palafitas, e algumas casas têm a parte da frente ou de trás sem paredes, onde fica o terraço ou a cozinha. Quase todas as casas possuem uma casa de farinha e todas as casas possuem caixas d'água, que são abastecidas com a água do poço central da comunidade. A energia elétrica é fornecida duas horas por dia, das 19 às 21 horas, horário de aula na escola. Além das residências, há a escola com três salas de aula, o polo da Operação Amazônia Nativa (OPAN) com farmácia e enfermaria, casa de máquinas do poço artesiano, casa de máquinas dos geradores a diesel e um espaço para festas, como podemos observar nas imagens abaixo:

Figura 3 - Casas da comunidade indígena Boca do Biá.



Fonte: Santos (2017)³.

Figura 4 - Escola com três salas de aula.



Fonte: Santos (2017).

³ Fotos registradas por Edite Santos em trabalho de campo entre agosto e setembro de 2017.

Figura 5 - Polo da OPAN com farmácia e enfermaria.



Fonte: Santos (2017).

Figura 6 - Casa de máquinas do poço artesiano.



Fonte: Santos (2017).

Figura 7 - Casa de máquinas dos geradores a diesel.



Fonte: Santos (2017).

Figura 8 - Espaço para festas



Fonte: Santos (2017).

Todos esses espaços na Boca do Biá – a escola, com duas professoras não índias ensinando Língua Portuguesa na fase de alfabetização; o polo da OPAN, uma Organização Não Governamental que presta apoio às comunidades indígenas e que tem não índios em suas unidades; as casas de máquinas do poço e dos geradores, que exigem o contato com os trabalhadores não índios da cidade de Jutai para manutenção dos equipamentos e compra do diesel; e o espaço para festas, que facilita a interação entre índios e não índios que vivem na comunidade – são ambientes propícios de interação constante entre falantes de katukina e falantes de língua portuguesa. Daí avetarmos uma das hipóteses deste estudo: a possível influência da língua portuguesa em alguns dados do Katukina que veremos no capítulo 4.

1.1.2 Sociedade

Em relação à população, os Katukina eram, em 1986, 253 habitantes⁴ (RODRIGUES, 1986). Em 2005, eram 400, distribuídos em seis comunidades: “Boca do Biá, Gato, Janela, Pilão, Pedral e João Surucucu” (FUNASA/UNI-TEFÉ, 2005 *apud* DOS ANJOS, 2011, p. 24). Em 2007, ultrapassavam os 500 (Fundação de Vigilância em Saúde (FVS), 2007 *apud* DOS ANJOS, 2011). As aldeias do baixo (Gato e Boca do Biá), médio (Sororoca, Boca do Ipixuna e Bacuri) e alto rio Biá são os três grupos sociais Katukina (DETURCHE, 2009 *apud* DOS ANJOS, 2011).

De acordo com o último censo do IBGE (2010)⁵, existem, ao todo, 806 falantes de katukina acima dos 5 anos de idade distribuídos entre as aldeias acima citadas. Desse total, há 397 homens e 409 mulheres. A maior parte da população (220 pessoas) tem idade entre 25 e 49 anos, e a segunda maior parte, entre 5 e 9 anos (200 pessoas). Os quatro informantes deste estudo estão compreendidos na primeira faixa etária. Segundo o censo vacinal da Secretaria Especial de Saúde Indígena – Sesai (2017), na Boca do Biá, onde foram coletados os dados deste estudo, há 184 habitantes⁶.

Deturche (2009) apresenta uma tabela com o crescimento da população Katukina de 1986 a 2006:

⁴ Rodrigues (1986, p. 81) afirma que havia 253 *falantes* do katukina do Biá/Jutai. Como na década de 1980 o acesso às comunidades indígenas katukina era ainda mais restrito que atualmente, julgamos que o número de falantes da língua seja equivalente ao número de habitantes da comunidade.

⁵ Conforme o IBGE (BRASIL, 2010), a periodicidade do censo demográfico é decenal. Portanto, as informações de 2010 são as mais atuais disponíveis.

⁶ Informação coletada em comunicação pessoal com colaboradores da Operação Amazônia Nativa (OPAN) que trabalham no polo da OPAN da comunidade indígena Boca do Biá (2017).

Tabela 1 - Crescimento populacional Katukina por 20 anos (Deturche, 2009, p. 33)

Ano	1986	1988	1990	1992	1994	1996	2000	2006
Número de Katukinas	209	220 (+11)	229 (+9)	247 (+18)	267 (+20)	278 (+11)	289 (+11) [em 4 anos]	433 (+144) [em 6 anos]

Adicionamos uma coluna à tabela de Deturche levando em conta os dados do Censo do IBGE (2010):

Tabela 2 - Crescimento populacional Katukina por 24 anos

Ano	1986	1988	1990	1992	1994	1996	2000	2006	2010
Número de Katukinas	209	220 (+11)	229 (+9)	247 (+18)	267 (+20)	278 (+11)	289 (+11) [em 4 anos]	433 (+144) [em 6 anos]	806 (+373) [em 4 anos]

Com o objetivo de compreender a história dos Katukina do Biá no contexto regional, Deturche (2011) coletou relatos dos primeiros encontros do grupo com os não índios, os quais levaram os Katukina à força para uma cidade do interior do Amazonas (Fonte Boa) e depois para a capital (Manaus). Alguns Katukina que moravam um pouco mais afastados fugiram pela floresta. Um casal katukina que havia sido levado para Fonte Boa conseguiu escapar e voltou ao Biá, mas, no caminho, encontrou “os *Nawa*, temidos canibais e moradores da floresta de terra firme, nas cabeceiras dos rios e “no Juruá”” (*ibidem*, p. 8); o casal conseguiu escapar das armadilhas dos *Nawa* pelo caminho.

Tais encontros, para os Katukina, não marcaram um novo tempo, mas sim mudanças sociais importantes, como a redução da população, devido à “captura”⁷ de inúmeros Katukina para servir aos padrões da borracha nos seringais até o fim dos anos 1980. Outra mudança significativa destacada por Deturche (2011) foi o fato de os Katukina, depois do contato com os brancos⁸, passarem a *trabalhar*, sendo esse termo equivalente a “[...] ter ‘produtos’, fruto desse trabalho, trocável com os Brancos a fim de obter bens manufaturados” (*ibidem*, p. 10).

⁷ Deturche (2011, p. 8) usa o termo “captura” provavelmente devido à violência com que os katukina foram tratados nesse primeiro contato com os brancos; segundo o autor, “[...] os Brancos chamaram os “soldados” que capturaram todos os katukina que encontraram, prendendo pés e mãos com “pregos” (tapoa)”.

⁸ De acordo com a nossa observação no trabalho de campo (2017), são reconhecidos como *brancos*, pelos katukina, todas as pessoas que não são índias.

Hoje eles usam esses produtos – farinha de mandioca, frutas, pescado – para comprar ou trocar por outros como sal, sabão, roupas, entre outros.

Também são relatados encontros com os *nawa*, predadores⁹ dos Katukina. Em decorrência das narrativas dos encontros dos Katukina com *nawa* e brancos, Deturche (2011, p. 13) afirma:

Os polos *nawa* e branco são tanto um quanto o outro indesejável como objetivo absoluto: não deve se transformar em nenhum deles. Estruturalmente branco é equivalente a *nawa*, se não fosse o movimento do “virar branco” que domina atualmente. Uma equivalência entre *nawa* e branco, parece então ser um pano de fundo que no contexto katukina se encontra reorganizado por um movimento, um processo transformacional, que se iniciou precisamente na irrupção dos Brancos no Biá, junto com os conceitos de “trabalho” e “produtos”. Conceitos que são a final na base do “virar branco”, já que é a traves deles que o Branco se encontra “familiarizado”. Mas o painel de fundo esta presente, é ele que permite falar dos Brancos passando pelos *nawa*. A relação *nawa* / branco é instável, podendo ser de equivalência ou de oposição, ela é organizada em função da posição e do movimento nos quais os katukina se concebem engajados e assim submetida à processos transformacionais [sic].

Portanto, o contato com os brancos, hoje, é visto pelos Katukina como conflituoso, no sentido de não querer se tornar um deles, e, ao mesmo tempo, pacífico, por se comunicar com eles para troca, venda e compra de produtos. É importante salientar, também, que o autor diferencia, nas narrativas coletadas, os *nawa* (a população que vive na direção do alto Juruá, índios de outras comunidades indígenas) dos brancos (os habitantes da direção do baixo Juruá, que vivem em Manaus). Outro fator cultural que marca a relação com os não índios é que um dos critérios para a escolha do chefe das aldeias Katukina, segundo Dos Anjos (2011), são os conhecimentos sobre o mundo não indígena.

De acordo com as nossas observações em pesquisa de campo (2017), os Katukina mantém relação direta com brancos no dia a dia: embora eles ainda sejam isolados – vivem em uma área que fica a 6 horas e meia de lancha de Jutai, uma cidade do interior do Amazonas –, há não índios que trabalham e moram na comunidade indígena Boca do Biá. Há duas professoras de Língua Portuguesa, da cidade de Jutai, que ensinam Língua Portuguesa na fase de alfabetização aos Katukina e três agentes de saúde da OPAN (Operação Amazônia Nativa) que se revezam nos cuidados de saúde dos índios – administração de medicamentos, vacinas, aferição de temperatura etc. O contato dos Katukina com esse brancos é pacífico e de cooperação; os Katukina, em especial, são muito prestativos entre eles e com os brancos.

⁹ Deturche (2011, p. 11) usa o termo “predador” provavelmente devido à violência com que os katukina foram tratados pelos *nawa*; segundo o autor, “As principais características dos *nawa*, que são ainda vistos como povoando o mato ao redor dos Katukina, são, então, de ser canibais, predadores dos Katukina e habitar a floresta de terra firme [...]”.

Eles possuem, entretanto, algumas restrições com os brancos, para sua própria proteção. Vejamos a seguir algumas delas:

Katukina não pode deixar *dyara* (branco) caçar na terra. *Dyara* só pode comer carne de caça junto com Katukina na aldeia. Não podemos vender carne de caça para *dyara*. (POVO INDÍGENA KATUKINA DO RIO BIÁ, s.d., p. 17).

Katukina não pode deixar *dyara* (branco) tirar ovo nem matar tracajá dentro da terra indígena. Não vamos deixar *dyara* entrar para pescar dentro da terra Katukina. Para vender peixe (fora do período do defeso) para *dyara*, Katukina vai primeiro ver o que ele tem para trocar. Depois, vai falar com o pessoal da aldeia para saber se eles concordam. Se concordarem, Katukina vai pescar dentro da área de uso de sua aldeia e depois poderá entregar o peixe para o branco (*ibidem*, p. 19).

Vamos conversar com branco para ele parar de pescar nossos peixes, não invadir o Igarapé das Onças e não entrar na nossa terra. Katukina faz vigilância quando está pescando. Quando vir branco, deve falar com tuxaua para pedir para o branco sair. Katukina vai cuidar do Ipixuna e do Igarapé das Onças. Assim, *dyara* (branco) não vai entrar nem pegar tracajá e pirarucu (*ibidem*, p. 26).

As placas da FUNAI estão velhas e algumas caíram. Precisamos de 12 placas novas para colocar na nossa área e *dyara* saber que a terra é nossa (*ibidem*, p. 27).

Ao não índio, portanto, é proibido: caçar ou comprar carne de caça; matar tracajá; pescar; comprar pesca sem autorização; entrar na terra Katukina sem autorização. Como podemos observar, o *dyara* tem acesso limitado à terra e aos recursos naturais, devido ao histórico de trabalho forçado na época da borracha e ao cuidado dos Katukina para a preservação desses recursos.

1.1.3 Mitologia/religiosidade

A mitologia Katukina é marcada por dois criadores do mundo: Tamakori – o criador sábio, responsável pelos sucessos da humanidade – e Kirak – o criador tolo, causador dos insucessos. Os dois criaram o céu a partir de um pedaço de terra durante um ritual Kohana; depois, o sábio foi para o leste, e o tolo, para o oeste, no encontro do céu com a terra, de onde controlam os ciclos da lua e do sol e fenômenos meteorológicos¹⁰ (DOS ANJOS, 2011).

Em nossa pesquisa de campo (2017), observamos uma edificação nova na comunidade Boca do Biá: um galpão com bancos e uma cruz em um altar, como mostra a figura 9. A cruz

¹⁰ Para mais detalhes sobre o mito de Tamakori e Kirak e para histórias Katukina sobre eles, ver Deturche (2009).

traz a inscrição “RDSM” na vertical e “STA” na horizontal. De acordo com Ilha (2016), é um templo da *Missão da Ordem Cruzada, Católica, Apostólica e Evangélica* ou *Irmandade da Santa Cruz*; a sigla RDSM significa Recordação da Santa Missão. A irmandade tem atingido comunidades do Alto Solimões, num total de 109 aldeamentos no estado do Amazonas, 52 no Peru e 13 na Colômbia. Está presente também em outros países como a Argentina. Ainda segundo o autor, a igreja é considerada uma seita, fundada e difundida por não índios. Em nosso trabalho de campo (2017), não observamos reuniões ou cultos no templo.

Figura 9 - Igreja da Recordação da Santa Missão (RDSM).



Fonte: Santos (2017).

1.1.4 Cultura/Eventos Culturais

Os katukina afirmam que procuram manter vivas suas tradições por meio das suas festas:

Fazemos muitas festas, sempre tem muita carne, peixe e rapé. Toda vez em que nos preparamos para as festas, uns vão fazer a roupa, outros vão pescar, e cada um traz de casa um pouco de farinha. Comemos todos juntos. As mulheres fazem a bebida da festa (caiçuma). Às sete horas da noite, começamos a dançar e paramos só quando amanhece. Dançamos e cantamos: *arao*, *keo kyoko*, *bara kohana*, *pida*, *adyaba kidak*, *kohana* e *hai hai*. Nas festas, tomamos caiçuma e cheiramos rapé. Temos que continuar fazendo as festas, senão os mais velhos morrem e os mais jovens não vão aprender sobre elas (POVO INDÍGENA KATUKINA DO RIO BIÁ, s. d., p. 9).

Podemos observar no relato Katukina acima que, nas festas, o povo preza por fartura (“muita carne, peixe e rapé”), união (“comemos todos juntos”), cooperação (“cada um traz de casa um pouco de farinha”) e animação (“começamos a dançar e paramos só quando

amanhece”), com uma divisão de tarefas bem definida. A razão da manutenção dessas festas é perpetuá-las, passando as tradições para os mais jovens.

A preocupação com a manutenção dos costumes é constante nos relatos Katukina. O povo afirma que vai continuar com tradições como as festas, o *podako* (canoa feita da casca de uma árvore), as redes de tucum (feitas por mulheres), os pratos de cerâmica, o *patyin pan* (pano que prende a criança ao corpo da mãe), os partos com parteiras (avisando ao enfermeiro em casos de complicações), a contação de histórias dos mitos Katukina e o respeito aos mais velhos. Os Katukina solicitam que parentes os ensine a fazer zarabatana, um costume que foi perdido (POVO INDÍGENA KATUKINA DO RIO BIÁ, s.d.).

1.1.5 Educação formal

Na obra do próprio Povo Indígena Katukina do Rio Biá (s.d.), os Katukina falam o que gostariam de ter na escola da comunidade: estudo para todos (homens, mulheres e crianças) em dois turnos; ensino nas duas línguas – português para o comércio com os brancos e *tukuna* para tratar da própria cultura –; ensino de matemática para o comércio e recursos como materiais escolares, merenda e formação continuada dos professores.

Conforme Dos Anjos (2011), a educação escolar era proporcionada, desde 2003, por professores de outras etnias, falantes de português, contratados pelo município de Jutai, no Amazonas, auxiliados por professores katukina de cada comunidade. Deturche (2009) afirma que esse ensino é oferecido em quatro das seis aldeias Katukina, mas falta treinamento para os professores tikuna, cocama, kambeba ou miranha e não há material adequado, uma vez que os livros são para ensino de língua portuguesa como primeira língua.

Durante o trabalho de campo realizado em 2017, observamos que atualmente as aulas de alfabetização são em Língua Portuguesa, o que contraria em parte o desejo inicial da comunidade – conforme os próprios índios enunciaram – de ter escolas que ensinassem o português, para o comércio com os brancos, e o Katukina, para permitir o registro das histórias, tão importantes para perpetuar a cultura da comunidade. Além disso, os professores – na verdade, professoras – são não índios da cidade de Jutai, contratados para dar aulas de língua portuguesa, em nível de alfabetização, para os katukina, e não mais professores de outras etnias, falantes de português.

Até 2003, os katukina tinham uma cultura ágrafa; desde então, houve intervenções dos assessores linguísticos Zoraide dos Anjos e Francisco Queixalós que resultaram em um padrão ortográfico katukina. Esse padrão ortográfico, no entanto, ainda não está sendo utilizado nas escolas Katukina, pois, como vimos, o ensino é apenas de Língua Portuguesa.

1.2 A LÍNGUA KATUKINA-KANAMARI

1.2.1 Línguas amazônicas

Na Amazônia hidrográfica¹¹, há cerca de 300 línguas indígenas, das quais uma pequena parte é descrita linguisticamente e muitas são faladas por pequenos grupos (EPPS; SALANOVA, 2012). Sobre o valor linguístico e cultural das línguas indígenas amazônicas, os autores afirmam:

É impossível exagerar o valor dessas línguas. Para os seus falantes, elas representam a pedra angular da transmissão de seu patrimônio cultural. Para os linguistas, elas contêm uma quantidade enorme de informação pertinente à nossa compreensão da faculdade de linguagem no ser humano. Um grande número das línguas da Amazônia possui estruturas que contradizem os pressupostos sobre o que é possível e impossível nas línguas humanas. Um exemplo que hoje em dia é clássico é o da ordem “básica” de constituintes na sentença: supunha-se, até há algumas décadas, que não se encontraria em nenhuma língua uma ordem em que o objeto viesse normalmente antes do sujeito. Porém, tal ordem foi encontrada em Hixkaryana (Karib), Urubu Ka’apor (Tupi-guarani) e outras línguas amazônicas (EPPS; SALANOVA, 2012, p. 8).

O estudo dessas línguas, portanto, é essencial não só pela manutenção do meio de transmissão da cultura dos povos indígenas, mas também por uma melhor compreensão dos fenômenos linguísticos. Entre esses fenômenos, Epps e Salanova (2012) citam estudos sobre classificadores nominais, sistemas de numeração e de tempo verbal, evidencialidade, alinhamento, ordem de constituintes, subordinação, história e relações entre as línguas e gramática, discurso e cultura. Veremos mais detalhes do que é destacado pelos autores nas pesquisas sobre alinhamento – em especial o alinhamento ergativo, foco do presente estudo – no capítulo 2 (A ergatividade e a marcação de caso).

De acordo com Rodrigues (2000), nos últimos 25 anos do século XX houve um progresso significativo na descrição das línguas indígenas amazônicas e no aprofundamento de estudos linguísticos anteriores. Ainda segundo o autor, há aproximadamente 240 línguas faladas em toda a Amazônia hidrográfica, de 495 estimadas antes da colonização europeia; essa diminuição tende a continuar devido à “redução de famílias linguísticas a um só membro” (*ibidem*, p. 22) em decorrência do desaparecimento de línguas como, por exemplo, o Maxubí, o Arikém, o Pebá e o Yameo, o que tornou o Kanoê, o Karitiána e o Yaguá, respectivamente, línguas únicas de suas famílias. Entre as línguas ameaçadas de desaparecer,

¹¹ De acordo com Rodrigues (2000, p. 15), “o critério básico para definir uma área geográfica como a Amazônia é certamente a bacia hidrográfica do rio Amazonas: Amazônia será toda a área de terras banhadas pelo rio Amazonas e por seus afluentes e sub-afluentes”. É nesse critério, o de Amazônia hidrográfica, que Epps e Salanova (2012) se baseiam.

estão o Kuruáya e o Xipáya, deixando as respectivas “irmãs” Mundurukú e Jurúna como únicas na família. Com a média de 100 falantes por língua e a diminuição populacional que atinge grande parte das comunidades indígenas, as línguas amazônicas correm risco de desaparecer. A população Katukina segue na contramão dessa tendência, com aumento populacional, como vimos no subtópico 1.1.2.

Rodrigues (2000) salienta que essa perda é ainda mais significativa graças ao isolamento das línguas amazônicas antes do século XVI: elas não influenciavam línguas de outros países ou continentes nem recebiam sua influência; assim, as mudanças (conservações e inovações) linguísticas aconteciam com intervenções apenas internas, da própria comunidade ou de comunidades próximas. Isso leva a crer, segundo o autor, que “nas línguas amazônicas se encontrem fenômenos que não se encontram em línguas de outras partes do mundo, ou então que aqui sejam mais freqüentes fenômenos que são raros noutros lugares” (*ibidem*, p. 26), o que tem sido ratificado pelos estudos linguísticos feitos sobre a região. Daí a urgência dos estudos das línguas amazônicas e, portanto, a necessidade de incentivos à sobrevivência dos povos e das línguas.

1.2.2 Classificação linguística

Rivet (1920) defende a existência de 5 línguas diferentes que eram chamadas de katukina ou de suas variantes “Katukinaru, Katokma, Katukena, Katokena, Katukino” (*ibidem*, p. 89): a língua catuquinarú, falada por uma comunidade indígena próxima aos rios Envira e Tarauacá; a língua katukina falada por uma comunidade próxima ao Rio Gregório; outra katukina falada ao sul do rio Tapauá; uma terceira katukina falada por habitantes das margens do rio Juruá; e uma quarta katukina falada pelos Katawixi entre os rios Juruá e Coari. Segundo o autor, o catuquinarú é um dialeto tupi-guarani, o katukina do Gregório é uma língua pano, o katukina do Tapauá é um dialeto Arawak, o katukina do Juruá é uma língua ligada à kanamari do Juruá, e o katukina dos katawixi não havia sido comparado a outras línguas. Assim, Rivet identificou semelhanças entre o katukina e o kanamari falados no Juruá; esclareceu que o catuquinarú, o katukina do Gregório e o do Tapauá pertencem a famílias linguísticas diferentes da família do katukina do Juruá e diferentes entre si; e deixou em aberto as semelhanças entre o katukina dos katawixi e outras línguas.

Loukotka (1963 *apud* DOS ANJOS, 2012) classifica a família katukina em sete línguas do sul – “Catuquina ou Wiri-dyapá, Canamari, Parawa ou Hon-dyapá, Tucundiapa ou

Mangeroma, Bendiapa, Tawari ou Kadekili-dyapá ou Kayarára e Buruá” (LOUKOTKA, 1963 *apud* DOS ANJOS, 2012, p. 124) – e uma do norte – “Catauxi ou Catosé ou Hewadie ou Katawishi ou Quatausi” (*ibidem*, p. 124). Conforme Dos Anjos (2012), a divisão feita por Loukotka leva em consideração os *dyapás*, ou grupos indígenas, tendo como critério a formação das sociedades katukina, e não a língua falada dentro de cada uma das comunidades. Por isso, a autora defende que essa é uma divisão social, e não linguística.

Segundo Rodrigues (1986), o katukina é uma família linguística menor, no sentido de não fazer parte das grandes famílias linguísticas amazônicas “Tupí, Macro-Jê, Karib e Aruák” (*ibidem*, p. 73) e de abranger poucas línguas. O autor afirma que a família katukina é composta pelas línguas “Kanamari, Txunhuã-djapá, Katukína do Biá/Jutaí e Katawixí” (p. 81) e tem como falantes “os katukína do rio Biá (afluente do Jutaí), os Txunhuã-djapá entre o Jutaí e o Jandiatuba e os Kanamarí do Juruá, do Xeruã, do Tarauacá, do Itacoai e do Jutaí” (*ibidem*, p. 79), além da possibilidade de os Katawixí serem cerca de 10 falantes.

Adelaar (2000) defende que a família katukina possui um vínculo histórico com a família harakmbut, cujas línguas ou variedades dialetais¹² são faladas por comunidades indígenas situadas na região de *Madre de Dios*, no sudeste do Peru. Por meio de uma comparação entre as línguas kanamari (família katukina) e amarakaeri (família harakmbut), o autor verificou que existem muitas semelhanças no léxico nominal de base, poucas correspondências gramaticais (como prefixo de primeira pessoa do singular, por exemplo), numerosas equivalências vocálicas e algumas consonantais. Com base nessa comparação, Adelaar (2000) propõe a classificação do tronco harakmbut-katukina, formado pelas famílias harakmbut e katukina, porém admite que, para a confirmação do parentesco entre as línguas, seria necessário um estudo mais aprofundado. A Biblioteca Digital Curt Nimuendajú, com base em Adelaar (2000), agrupa as famílias Harakmbut (línguas Amarakaeri e Huachipaeri) e katukina (línguas katawixi e katukina-kanamari) no tronco Katukina-Harakmbut¹³.

Dos Anjos (2012) propõe uma nova classificação da família Katukina, que seria formada pelas línguas Katukina e katawixi, tendo a língua Katukina as variedades kanamari e Katukina do Biá. Em suas observações de trabalho de campo, a autora verificou que os kanamari do Jutaí e os Katukina do Biá falam a mesma língua, com “algumas diferenças,

¹² Segundo Adelaar (2000, p. 219), “Em el caso del harakmbut las opiniones difieren en cuanto a la pregunta de si se trata de una sola lengua con variedades dialectales o de una familia de varias lenguas emparentadas. En la práctica, resulta difícil formarse una idea clara de la diversificación interna del harakmbut ya que los estudios publicados, que hemos podido consultar (entre otros, Hart 1963; Helberg 1984, 1996; Tripp 1995) se concentran principalmente en una sola variedad lingüística, el amarakaeri”.

¹³ Biblioteca Digital Curt Nimuendajú: línguas e culturas indígenas sul-americanas. Tronco Katukina-Harakmbut. Disponível em: <<http://www.etnolinguistica.org/tronco:katukina-harakmbut>>. Acesso em 06.06.2019.

basicamente lexicais” (DOS ANJOS, 2012, p. 125). Tastevin (1920 *apud* DOS ANJOS, 2012) e Queixalós (2003-2008 *apud* DOS ANJOS, 2012) já afirmavam que o kanamari e o katukina eram “duas variedades da mesma língua” (DOS ANJOS, 2012, p. 125). O katawixi, por sua vez, é falado por uma comunidade “no rio Mucuim, afluente do rio Purus” (QUEIXALÓS; DOS ANJOS, 2006, p. 30), segundo informações da Funai. Sobre a família linguística em que o katukina se insere, adotaremos a classificação de Dos Anjos (2012).

1.3 DELIMITANDO O OBJETO DE ESTUDO: O ESTUDO DO {-NA} E A ERGATIVIDADE NA LÍNGUA KATUKINA-KANAMARI

Nosso estudo procura (i) descrever o uso do morfema {-na} na marcação dos Casos genitivo, ergativo e oblíquo, dos movimentos centrífugo e alativo e na marcação de foco da língua Katukina-Kanamari; e (ii) analisar o fenômeno da ergatividade nessa língua, tanto no aspecto morfológico (presença do morfema {-na}) como no aspecto sintático (processos sintáticos que evidenciam o alinhamento ergativo nas línguas). Veremos o fenômeno da ergatividade com mais detalhes no capítulo 2.

Iniciaremos a exemplificação com a marcação dos Casos ergativo, genitivo e oblíquo, que estão sendo representados, respectivamente, nos exemplos abaixo, de Queixalós e Dos Anjos (2006, p. 40):

- (1) a. **Maria-na** **dyuman** **tahi**
 Maria-*MCaso*¹⁴ derramar água
 “Maria derramou a água”.

- b. **Nodia-na** **obatyawa** **Owi**
 Nodia- *MCaso* esposa Owi
 “A Owi é a esposa do Nodia”.

- c. **Yako-na** **katu** **Dyuraidi**
 Yako-*MCaso* *ComitativoInstrumental* Dyuraidi
 “A Dyuraidi está com o Yako”.

¹⁴ Queixalós não usa a denominação ergativa para o {-na=} porque ele também é usado para marcar o genitivo e o objeto de posposição, por exemplo (QUEIXALÓS, 2013).

Maranmaran-MCaso= filha foco partir

“Esta é a filha de Maranmaran que partiu”.

(QUEIXALÓS, 2013, p. 31)

Dos Anjos (2011) defende que, além de ser marcador de Caso, o afixo {-na}, em Katukina, é usado para três funções: indicação de sufixo dêitico alativo¹⁶, como em (4a), centrífugo¹⁷, como em (4b) e foco, como em (4c). Nas duas primeiras funções, o {-na} não sofre procliticização, ao contrário da terceira, como podemos observar:

(4) a. **kaya hak-na**

ir casa-ALT

“Vamos à casa”.

(DOS ANJOS, 2011, p. 132)

b. **waok-na mawa bainin**

chegar-CTRF 3POSS roça

“Chegaram lá na roça deles”.

(*Ibidem*, p. 245)

c. **waok-dik na= Konmini**

chegar-CTRP FOC irmã

“Foi a irmã que chegou”.

(*Ibidem*, p. 294)

Podemos observar, em (3b) e (4c), que há duas formas para a marcação de foco em Katukina: o morfema livre {kana} e o morfema {na=}, sendo apenas o último unido fonologicamente ao elemento posterior. Um dos nossos testes observa se esses dois morfemas são intercambiáveis nas orações.

Durante o desenvolvimento do presente estudo, mais especificamente na pesquisa de campo (2017), percebemos fenômenos interessantes, tanto nos testes de gramaticalidade como na tradução, em Katukina, de uma história previamente elaborada em língua portuguesa¹⁸. Como poderemos observar no capítulo 4, verificamos a possibilidade da não ocorrência do {-na=} em contextos em que ele deveria estar presente para a marcação morfológica dos Casos

¹⁶ Dos Anjos (2011, p. 131) lembra que a função do alativo é “indicar que um movimento é feito em direção a algo ou alguém”.

¹⁷ Dos Anjos (2011, p. 180) lembra que a função do centrífugo é indicar “o distanciamento em relação ao falante” (p. 180).

¹⁸ Descreveremos mais detalhadamente a metodologia usada nos testes de gramaticalidade e na tradução da história nas subseções 1.4.4.2 e 1.4.4.3 deste capítulo e os testes em si no capítulo 4.

ergativo, genitivo e oblíquo, por exemplo. Percebemos também fenômenos sintáticos como (i) a possibilidade de inserção de advérbios entre o morfema {-na=} e o elemento subsequente, (ii) a possibilidade de substituição do argumento interno por um pronome livre, e (iii) a possibilidade de ocorrência do morfema {-na=} entre o prefixo de pessoa e o verbo em orações ergativas; tais fenômenos vão de encontro aos resultados de operações sintáticas que caracterizam o Katukina como uma língua sintaticamente ergativa, conforme verificaremos no subitem 2.3.1 do próximo capítulo e no capítulo 4. Daí o nosso interesse em analisar o fenômeno da ergatividade nessa língua, tanto no aspecto morfológico como no aspecto sintático.

1.3.1 Questões e hipóteses

1.3.1.1 Questões

- A partícula {-na} é intercambiável com o marcador {kana} – {-na} pode ser uma forma reduzida de {kana}?
- A partícula {-na} já está afixada ao núcleo do sintagma quando marca os Casos ergativo, genitivo e oblíquo e quando marca o foco?
- A partícula {-na} pode ser elidida sem prejuízo semântico?
- Há alterações nos resultados dos processos sintáticos das orações ergativas em Katukina com relação aos estudos anteriores?
- Essas possíveis alterações afetam a ergatividade em Katukina?

1.3.1.2 Hipóteses

- {-na} e {kana} não são intercambiáveis; poderiam ser no contexto de focalização, sendo {-na} predominante no dialeto Katukina, e {kana}, no Kanamari, pelo que observamos estudo de Dos Anjos (2011). Nos outros contextos, no entanto, não observamos nenhuma ocorrência de {kana} em estudos anteriores.

- A partícula {-na} já está afixada ao núcleo do sintagma; todos os dados a que tivemos acesso evidenciam esse fenômeno.
- A princípio, não. Os dados nos estudos anteriores (citados ao longo da presente pesquisa) não mostram essa ausência.
- A princípio, sim. Da mesma forma que os estudos de Dos Anjos identificaram, por exemplo, a possibilidade do uso de pronomes livres na posição de atuante interno, existe a possibilidade de encontrarmos novas possibilidades de processos sintáticos nas orações ergativas do Katukina.
- A princípio, não, pois os dados que coletamos até então ratificam a ergatividade na língua.

1.3.2 Objetivos

1.3.2.1 Geral

Descrever o status do morfema {-na} no Katukina e analisar a ergatividade dessa língua morfológica e sintaticamente a partir do status da marcação morfológica do Caso ergativo e das operações sintáticas presentes nos testes.

1.3.2.2 Específicos

- Descrever o status do morfema {-na} no katukina-kanamari – obrigatoriedade, ligação ao núcleo, uso com pronomes pessoais – a partir dos dados coletados em campo e de dados de estudos anteriores (DOS ANJOS, 2011);
- Observar as condições morfológicas e sintáticas nas orações ergativas presentes nesses dados, comparando-as ao status de ergatividade do Katukina apresentado no subtópico 2.3.1.

1.4 QUADRO METODOLÓGICO DO ESTUDO

1.4.1 Método adotado

O método de abordagem adotado nesta pesquisa será o indutivo, que parte da observação de dados particulares para propor generalizações científicas (MARCONI; LAKATOS, 2003). Segundo as autoras, a pesquisa indutiva é realizada em três etapas: “observação dos fenômenos”, “descoberta da relação entre eles” e “generalização da relação” (*ibidem*, p. 87), observando (i) se os fenômenos têm a mesma classificação, (ii) se a relação entre eles é essencial e (iii) sua perspectiva quantitativa. Ainda conforme as autoras, a indução se justifica pela regularidade em determinados fatos e pelas observações do passado, e essa indução pode ser completa (formal) – aquela que dá conta de todos os casos – ou incompleta (científica) – aquela que parte de experiências com determinado número de casos representativos. No presente estudo, procuramos obedecer às etapas da indução do tipo científica, sendo limitada a perspectiva quantitativa.

1.4.2 Técnicas de pesquisa

No processo de coleta de dados, utilizamos as pesquisas de documentação indireta (técnica de pesquisa bibliográfica) e direta (técnica de pesquisa de campo). Abordaremos brevemente cada uma dessas técnicas.

Segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 174), em se tratando das fontes indiretas de documentação, a pesquisa bibliográfica “abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 183).

Conforme abordamos nos parágrafos anteriores, utilizamos dados presentes em trabalhos acadêmicos já realizados (cf. QUEIXALÓS & DOS ANJOS, 2006; QUEIXALÓS, 2010, 2013; DOS ANJOS, 2011, consideradas nossas fontes primárias) como base para a formulação de hipóteses. Além disso, informações cruciais do Katukina como aspectos morfológicos, morfofonológicos, sintáticos e morfosintáticos foram registrados nesses documentos, sem os quais a presente pesquisa seria inviabilizada. Portanto, de acordo com a

classificação apresentada por Marconi e Lakatos (2003) quanto aos tipos e fontes bibliográficas, as fontes que utilizamos são do tipo *publicação*.

No que diz respeito à documentação direta, utilizamos a técnica de pesquisa de campo, que, conforme as autoras citadas no parágrafo anterior, deve se basear em (i) pesquisa bibliográfica – que será a base para encontrar o estado da arte do tema em estudo – e um modelo de referência, para auxiliar no planejamento do teste de hipóteses da pesquisa; (ii) determinação de técnicas de coleta e da amostra; e (iii) seleção das técnicas de registro e de análise dos dados coletados. Procuramos, assim, no presente estudo, seguir todos esses passos.

Quanto aos objetivos da pesquisa, buscamos realizar uma pesquisa exploratória – aquela que coleta informações sobre um objeto e apresenta suas condições de uso – e explicativa – a que analisa os fenômenos buscando suas causas (SEVERINO, 2007). Buscamos usar o método exploratório na descrição do estatuto do {-na} no katukina e o explicativo na discussão sobre o fenômeno da ergatividade nessa língua, no capítulo 4.

1.4.3 Caracterização da população investigada

A população investigada foi formada por quatro índios da comunidade indígena Boca do Biá, localizada no sudoeste do estado do Amazonas. A seleção da população se deu após a coorientadora deste estudo, a Professora Doutora Zoraide dos Anjos Gonçalves da Silva Vieira, solicitar ao Tuxaua da comunidade, Aiobi Katukina, que pedisse a alguns índios bilíngues (português – katukina) que se voluntariassem para responder às nossas perguntas e nos contar histórias da comunidade. Todos são do sexo masculino e maiores de 18 anos, falantes nativos do katukina-kanamari e residentes na comunidade Boca do Biá desde o seu nascimento.

Os quatro mantêm contato com: (i) os outros índios da própria comunidade – a maioria monolíngue (Katukina), principalmente as mulheres e crianças, como já abordamos no capítulo 1 –; (ii) membros das comunidades indígenas mais próximas (bilíngues katukina – português), quando fazem troca de alimentos, de combustível para os geradores e para os barcos (diesel) ou de outros utensílios/objetos, ou quando participam de atividades esportivas – futebol, por exemplo; (iii) não índios moradores da própria comunidade indígena Boca do Biá, que são as duas professoras da escola da comunidade e os servidores da secretaria de saúde da cidade de Jutai lotados no polo OPAN; (iv) não índios habitantes da cidade mais

próxima, Jutai, quando os katukina do Biá vão comprar combustível para os geradores e barcos e/ou levar farinha de mandioca para vender principalmente aos comerciantes do mercado público de Jutai e (v) não índios habitantes de outros lugares do país, por exemplo, os fundadores e divulgadores da igreja Recordação da Santa Missão, conforme citado no subitem 1.1.3. Os três últimos grupos são monolíngues (português) e o contato com os dois últimos grupos não é tão frequente.

1.4.4 Coleta dos dados

1.4.4.1 Primeiras ações: *os trâmites burocráticos*

Para o desenvolvimento da pesquisa de campo, os dados foram coletados na comunidade indígena katukina Boca do Biá no fim de agosto e início de setembro de 2017. Para tanto, o projeto foi submetido à Fundação Nacional do Índio (Funai) – processo nº 08620.035867/2015-85 – e ao sistema formado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Sistema CEP/CONEP) – processo nº 45241115.6.0000.5208.

No fim do mês de outubro de 2016, a coordenação do Conselho dos Povos Indígenas de Jutai (COPIJU) emitiu uma carta de concordância para a nossa entrada na comunidade indígena Katukina do Biá e, por sua vez, a Coordenação Regional do Alto Solimões (CRAS), unidade da Funai responsável pela primeira autorização de entrada na comunidade indígena em questão, emitiu o memorando nº 134/2015/GAB/CRAS-TBT/FUNAI manifestando ciência e concordância com o nosso ingresso nas terras dos Katukina. A carta e o memorando foram encaminhados, no início de novembro de 2016, ao CEP – UFPE para sanar as pendências documentais que impossibilitavam o encaminhamento do processo à CONEP; tais pendências foram sanadas e o processo seguiu para a CONEP, que também autorizou a pesquisa. A sede da Funai, em Brasília, também de posse da carta e do memorando, emitiu, em meados de 2017, uma autorização definitiva para nossa entrada nas terras Katukina – Autorização de Ingresso em Terra Indígena nº 56/AAEP/PRES/2017. Após essa autorização, foi realizada a coleta dos dados, que demandou contato direto com os falantes. A coleta foi realizada na Terra Indígena Boca do Biá durante uma semana.

Foram considerados os seguintes critérios de inclusão dos informantes: (1) ser maior de 18 anos; (2) ser falante nativo do Katukina, isto é, ter o katukina como primeira língua; (3) ser habitante da comunidade indígena Katukina que não tenha morado em outra comunidade. Foram considerados critérios de exclusão dos informantes o não enquadramento em pelo menos um dos três critérios de inclusão mencionados. Ademais, objetivávamos, antes do processo de qualificação do projeto de pesquisa, entrevistar 20 falantes nativos do Katukina, mas, após a qualificação e a vivência no campo de pesquisa, percebemos que um número possível – e não menos representativo – era de quatro informantes.

1.4.4.2 Testes de gramaticalidade

A partir de dados coletados e devidamente registrados por Dos Anjos (2006), Queixalós (2010, 2013) e Dos Anjos (2011), como podemos observar no capítulo 4, fizemos testes de gramaticalidade a fim de investigar o comportamento da partícula {-na} nas diversas funções possíveis: CTRF (centrífugo, ou seja, afastando-se do falante – significado: ‘para lá’, ‘para longe’), ALT (alativo, ou seja, em determinada direção – significado: ‘na direção de’), ERG (Caso ergativo, indicando agentividade do argumento externo), GEN (Caso genitivo, indicando posse inalienável), OBJPOSP (Objeto de posposição, indicando Caso oblíquo – significado: ‘com’, no sentido de companhia) e FOC (foco, indicando a focalização do elemento anterior à partícula {-na}). A análise descritiva dos resultados encontra-se no capítulo 4, sendo cinco testes aplicados ao todo.

O primeiro teste consistiu na substituição de {-na} por {-kana}, e vice-versa, nos ambientes onde eles aparecem, para verificar se eles são intercambiáveis¹⁹. A hipótese levantada é que {-na} poderia ser um resquício ou uma redução de {-kana}. Para tanto, todos os contextos que integram esse teste encontram-se no capítulo 4 e no Apêndice A. A seguir, observam-se alguns dos contextos analisados:

(5) a. **ki:nhi-na** **wu:dyon**

voltar-CTRF lontra

“A lontra voltou para lá”.

(DOS ANJOS, 2011, p. 130)

b. ***Ki:nhi-kana** **wu:dyon**

¹⁹ Esse teste foi sugerido pela banca de defesa do projeto realizada em novembro de 2016.

- (6) a. ***Maranmaran-na=** **tyo** **kana** **tona**²⁰
 Maranmaran-MCaso= filha foco partir²¹

“Esta é a filha de Maranmaran que partiu”.

(QUEIXALÓS, 2013, p. 31)

- b. ***Maranmaran-na=** **tyo** **na** **tona**

É importante frisarmos que, em todos os testes de gramaticalidade, perguntávamos aos falantes: ‘presta ou não presta?’, seguindo o método utilizado por Dos Anjos e Queixalós em várias pesquisas de campo anteriores. Os informantes compreendiam bem que essa pergunta significava se, para eles, a sentença em katukina era gramatical ou não. Perguntávamos também ‘como se diz isso em português’, para verificar se a nova sentença estava sendo aceita com o mesmo significado da anterior. À medida que íamos fazendo os testes, percebemos que, após a pergunta ‘como se diz isso em português?’, os informantes perguntavam ‘em branco²²?’, se referindo ao português; então passamos a perguntar, nessa etapa, ‘como se diz isso em branco?’.

O segundo teste de gramaticalidade foi a substituição de sintagmas nominais (SNs) por pronomes livres e presos (prefixos, no caso) para verificar (i) se os pronomes podem substituir esses SNs, (ii) em caso positivo, se eles podem ficar junto com o {-na} na sentença, (iii) se sim, se eles interferem no comportamento do {-na}, ou seja, se eles atraem o {-na} fonologicamente, em vez de esse morfema se unir ao núcleo. O teste foi feito com pronomes diferentes, tanto nas formas livres como nas presas. Observem-se alguns exemplos presentes também no capítulo 4:

- (7) a. **idi:k-na=** **duni** **wa:pa**²³
 2Sing-MCaso capturar cão

“Você capturou o cão”.

- b. **no-na=** **duni** **wa:pa**²⁴
 2Sing-MCaso capturar cão

²⁰ A sentença (6a) é do dialeto kanamari; algumas sentenças desse dialeto são agramaticais para os katukina.

²¹ No sentido de ‘fugir’.

²² Para os katukina, ‘branco’ é todo aquele que não é índio. Como os não índios que têm contato com os katukina são falantes de língua portuguesa, para eles, falar ‘em branco’ é falar português.

²³ Modificando pi:da-na= duni wa:pa (QUEIXALÓS, 2013, p. 27).

²⁴ Modificando pi:da-na= duni wa:pa (QUEIXALÓS, 2013, p. 27).

“Você capturou o cão”.

- (8) a. **adu-na=** **tyo** **Tyo:ma**²⁵
 1Sing-GEN filha Tyo:ma
 “Tyo:ma é minha filha”.

- b. **no-na=** **tyo** **Tyo:ma**²⁶
 2Sing-GEN filha Tyo:ma
 “Tyo:ma é sua filha”.

Inicialmente, quando aplicamos o teste acima, observamos que os colaboradores repetiam a sentença sem o {-na}, conforme Dos Anjos (2011) e Queixalós (2013). Retiramos, então, o {-na} para observar como os pronomes livres ou presos (prefixos) se comportam, conforme consta no capítulo 4. Observe-se um dos exemplos:

- (9) a. **idi:k** **duni** **wa:pa**²⁷
 3sg capturar cão
 “Você capturou o cão”.

- b. **no-duni** **wa:pa**²⁸
 3sg-capturar cão
 “Você capturou o cão”.

O terceiro teste constou da inserção de advérbios de tempo e de lugar entre o {-na} e a palavra anterior e entre o {-na} e o núcleo do sintagma, para verificarmos a impossibilidade de inserção de elementos entre o {-na} e o núcleo do sintagma, a quem ele está fonologicamente ligado, constatando assim a inseparabilidade fonológica entre o {-na} e o sintagma. Tal impossibilidade foi verificada nos trabalhos de campo de Dos Anjos e Queixalós, sendo o último desses trabalhos em 2007, dez anos antes da nossa coleta. Assim,

²⁵ Modificando Tirin-na= tyo Tyo:ma (DOS ANJOS, 2011, p. 203).

²⁶ Modificando Tirin-na= tyo Tyo:ma (DOS ANJOS, 2011, p. 203).

²⁷ Modificando pi:da-na= duni wa:pa (QUEIXALÓS, 2013, p. 27).

²⁸ Modificando pi:da-na= duni wa:pa (QUEIXALÓS, 2013, p. 27).

esperávamos que o teste confirmasse a não inserção, porém, como poderemos verificar no capítulo 4, essa predição não foi confirmada. A seguir, são apresentados exemplos com advérbios de tempo e de lugar rompendo a adjacência entre o o {-na} e a palavra anterior e entre o {-na} e o núcleo do sintagma:

- (10) a. **ua:pa** **manati** **na=** **ti:** **taukala**²⁹
 cachorro ontem ERG matar galinha
 “O cachorro matou a galinha ontem”.

- b. **ua:pa-na=** **manati** **ti:** **taukala**³⁰
 cachorro-ERG ontem matar galinha
 “O cachorro matou a galinha ontem”.

- (11) a. **ua:pa** **tanti** **na=** **ti:** **taukala**³¹
 cachorro aqui ERG matar galinha
 “O cachorro matou a galinha aqui”.

- b. **ua:pa-na=** **tanti** **ti:** **taukala**³²
 cachorro-ERG aqui matar galinha
 “O cachorro matou a galinha aqui”.

O quarto teste constitui-se na transformação de uma sentença afirmativa em negativa e interrogativa, para verificarmos como o {-na} se comporta frente a tal alteração (se é facultativo ou se continua fonologicamente unido ao núcleo do sintagma). Vejam-se alguns contextos que foram testados:

- (12) a. **Pityira-na=** **hi:k-tu** **pi:da**³³
 Pityira-ERG ver-NEG onça
 “Pityira não viu a onça”.

- b. **Pityira-na=** **hi:k-tu** **pi:da?**³⁴

²⁹ Modificando ua:pa-na= ti: taukala (DOS ANJOS, 2011, p. 125).

³⁰ Modificando ua:pa-na= ti: taukala (DOS ANJOS, 2011, p. 125).

³¹ Modificando ua:pa-na= ti: taukala (DOS ANJOS, 2011, p. 125).

³² Modificando ua:pa-na= ti: taukala (DOS ANJOS, 2011, p. 125).

³³ Modificando Pityira-na= hik pi:da (DOS ANJOS, 2011, p. 388). O resultado da transformação para a forma negativa ficou igual ao dado 719b de Dos Anjos (2011, p. 389).

Pityira-ERG ver-INT³⁵ onça
 “Pityira viu a onça?”

c. **Pityira-na= hi:k pi:da?**³⁶
 Pityira-ERG ver onça
 “Pityira viu a onça?”

d. **Pityira hi:k pi:da?**³⁷
 Pityira ver onça
 “Pityira viu a onça?”

1.4.4.3 Estória previamente elaborada

Foram coletados também dados provenientes da proposta da versão, em katukina, de uma história pré-definida em língua portuguesa³⁸ (cf. Capítulo 4). A finalidade era verificarmos o uso da partícula {-na} em diferentes ambientes sintáticos em que poderia ocorrer. Para tanto, essa estória foi traduzida oralmente para katukina por um dos informantes, para verificar os contextos de uso do {-na} em uma narrativa e sua possível substituição. A transcrição ocorreu no momento da fala do informante.

1.4.5 Constituição do *corpus*

Para a construção do *corpus* da pesquisa, utilizamos dados extraídos de pesquisas que descreveram o Katukina-kanamari (cf. QUEIXALÓS & DOS ANJOS, 2006; QUEIXALÓS, 2010, 2013; DOS ANJOS, 2011), bem como os dados provenientes dos juízos de gramaticalidade dos 4 testes aplicados e da estória traduzida para o português. Compõem o *corpus* 163 sentenças. Os dados recolhidos são analisados no capítulo 4 e permanecerão guardados por, aproximadamente, 10 (dez) anos em pastas de arquivo e no computador pessoal da pesquisadora.

³⁴ Modificando Pityira-na= hik pi:da (DOS ANJOS, 2011, p. 388).

³⁵ O morfema {-tu} marca, em katukina, tanto a forma negativa como a interrogativa (DOS ANJOS, 2011).

³⁶ Modificando Pityira-na= hik pi:da (DOS ANJOS, 2011, p. 388).

³⁷ Modificando Pityira-na= hik pi:da (DOS ANJOS, 2011, p. 388).

³⁸ Esse instrumento de coleta também foi sugerido pela banca de defesa do projeto em 2016.

1.4.6 Procedimentos para a análise dos dados

Após a listagem das ocorrências (i) da marcação morfológica de Caso encontrada na pesquisa bibliográfica e (ii) das sentenças gramaticais e agramaticais observadas nos testes de gramaticalidade, serão observadas semelhanças e diferenças de marcação de Caso nas três fontes de dados: dados orais coletados, pesquisa bibliográfica e testes de gramaticalidade. Logo depois, a nossa intenção é analisar as sentenças ergativas à luz da tipologia linguística, principalmente a partir dos critérios presentes em Queixalós (2004, 2007, 2013), descritos no próximo capítulo, atentando para as variações encontradas nos dados.

2 A ERGATIVIDADE À LUZ DA TIPOLOGIA LINGUÍSTICA

O alinhamento das línguas consiste nos recursos linguísticos que marcam os participantes na sentença; esses recursos são basicamente de dois tipos: nominativo-acusativo ou acusativo – quando o sujeito de um verbo intransitivo se comporta como o [+agente] de um verbo transitivo – e ergativo-absolutivo ou ergativo – quando o sujeito do intransitivo se comporta como o [-agente] do transitivo (EPPS; SALANOVA, 2012). Vejamos mais detalhadamente cada um desses grupos de alinhamento.

2.1 OS SISTEMAS DE ALINHAMENTO

Segundo Comrie (1978 *apud* PAYNE, 1997, p. 133), há “três papéis semântico-sintáticos básicos, chamados S, A e P”³⁹. Segundo o autor:

O S é definido como o único argumento nominal de uma oração monoargumental. Algumas vezes este tipo de oração é tratada como uma oração intransitiva [...]. O A é definido como o argumento mais agentivo de uma oração multiargumental. Algumas vezes este tipo de oração é tratada como uma oração transitiva⁴⁰ (*ibidem*, p. 133).

Para o presente estudo, admitiremos que S é o sujeito do verbo intransitivo; A é o argumento [+agente] do verbo transitivo (prototipicamente, o sujeito), e P, o [-agente] (prototipicamente, o objeto). As línguas em que, prototipicamente, S e A comportam-se de modo análogo e P comporta-se de forma diferente, são do tipo nominativo-acusativo (PAYNE, 1997), como nos exemplos abaixo:

(13) a. **He left.**⁴¹

Ele sair (PAS)

“Ele saiu”.

b. **He hit him.**⁴²

Ele bater ele

³⁹ Tradução livre do trecho “[...] three basic semantic-syntactic roles, termed S, A, and P” (PAYNE, 1997, p. 133).

⁴⁰ Tradução livre do trecho “The S is defined as the only nominal argument of a single-argument clause. Sometimes this type of clause is referred to as an intransitive clause [...]. The A is defined as the most agent-like argument of a multi-argument clause. Sometimes this type of clause is referred to as a transitive clause” (PAYNE, 1997, p. 133).

⁴¹ Exemplo do inglês (PAYNE, 1997, p. 134).

⁴² Exemplo do inglês (PAYNE, 1997, p. 134).

“Ele bateu nele”.

(14) a. **Juan-0** **aywan.**⁴³

Juan-NOM ir

S

“Juan vai [embora]”.

b. **Juan-0** **Pedro-ta** **magan.**⁴⁴

Juan-NOM Pedro-AC bater

A

P

“Juan bate em Pedro”.

Em (13a), vemos a forma *He* para a terceira pessoa do singular no sujeito do verbo intransitivo (S) e, em (13b), a mesma forma no sujeito do verbo transitivo, seu argumento [+agente] (A). Já o argumento [-agente] (P), em (13b), tem a forma *him* para a terceira pessoa do singular na posição de objeto, diferentemente de S e A. O mesmo acontece nos exemplos (14a) e (14b) do Quechua, em que a marcação morfológica no sujeito dos verbos transitivo [+agente] (A) e intransitivo (S) é a mesma, zero, e a marcação morfológica no objeto [-agente] (P) é diferente {-ta}. Por tais características, o Inglês e o Quechua são classificados no sistema nominativo/acusativo. Esse sistema pode ser percebido também na marcação de pessoa nos verbos em algumas línguas:

(15) a. **Aywa-n.**⁴⁵

Ir-3sg

S

“Ele vai”

b. **Aywa-a.**⁴⁶

Ir-1sg

S

“Eu vou”

⁴³ Exemplo da língua Quechua, falada nos Andes (WEBER, 1989 *apud* PAYNE, 1997, p. 134).

⁴⁴ Exemplo da língua Quechua, falada nos Andes (WEBER, 1989 *apud* PAYNE, 1997, p. 134).

⁴⁵ Exemplo da língua Quechua, falada nos Andes (PAYNE, 1997, p. 136).

⁴⁶ Exemplo da língua Quechua, falada nos Andes (PAYNE, 1997, p. 136).

c. **Maqa-ma-n.**⁴⁷

bater-1sg-3sg

P A

“Ele me bateu”.

Nos exemplos (15a) e (15c), podemos perceber que a marcação do sujeito da oração intransitiva (S) é {-n}, a mesma marcação do sujeito da oração transitiva (A). O objeto (P) da oração transitiva (15c), por outro lado, é marcado pelo morfema {-ma}, diferindo da marcação de primeira pessoa do singular do sujeito da intransitiva (S) em (15b): {-a}. Como S comporta-se da mesma forma que A, e P comporta-se de forma diferente, podemos confirmar que o Quéchuá (mesma língua dos exemplos (14a) e (14b)) é uma língua de alinhamento nominativo/acusativo.

Há outras línguas em que a relação entre S, A e P é diferente: S e P comportam-se de igual maneira, e A, de maneira diferente, como nos exemplos abaixo:

(16) a. **Doris-aq ayallruuq.**⁴⁸

Doris-ABS viajar (PAS)

S

“Doris viajou”.

b. **Tom-am Doris-aq cingallrua.**⁴⁹

Tom-ERG Doris-ABS cumprimentar (PAS)

A

P

“Tom cumprimentou Doris”

Em (16a), podemos perceber que a marcação do sujeito da oração intransitiva (S) se dá pelo morfema {-aq}, da mesma forma que, em (16b), o argumento [-agente] (P) na oração transitiva, o objeto, é marcado. O argumento [+agente] (A) na oração transitiva, por outro lado, é marcado pelo morfema {-am}. As línguas que marcam S e P de forma semelhante e A de forma distinta são classificadas como ergativas-absolutivas ou ergativas. O sistema

⁴⁷ Exemplo da língua Quechua, falada nos Andes (PAYNE, 1997, p. 136).

⁴⁸ Exemplo da língua Esquimó Yup'ik, do Alasca (PAYNE, 1997, p. 135).

⁴⁹ Exemplo da língua Esquimó Yup'ik, do Alasca (PAYNE, 1997, p. 135).

ergativo-absolutivo acontece em pouquíssimas línguas indo-europeias, mas é frequente em línguas da Austrália, da Ásia Central e das Américas (PAYNE, 1997), mais precisamente “na Amazônia, encontrando-se nas famílias Karib, Arawak, Tupi, Macro-Jê, Nadahup, Pano, Záparo, Yagua, Yanomami, Trumai, Takana e Katukina-Kanamari, entre outras” (EPPS; SALANOVA, 2012, p. 16).

Na marcação de pessoa dos verbos, também podemos perceber o alinhamento ergativo-absolutivo, como nos exemplos abaixo:

(17) a. **Ayallruu-nga.**⁵⁰

viajar(PAS)-1sg

S

“Eu viajei”.

b. **Ayallruu-q.**⁵¹

viajar(PAS)-3sg

S

“Ele viajou”.

c. **Cingallru-a-nga.**⁵²

Cumprimentar(PAS)-3sg-1sg

A P

“Ele me cumprimentou”.

Comparando (17a) e (17c), podemos observar que a marcação de primeira pessoa do singular é feita da mesma forma no sujeito da oração intransitiva (S) em (17a) e no objeto da oração transitiva (P) em (17c). Em contrapartida, a marcação de terceira pessoa do singular é feita de forma diferente no sujeito da oração intransitiva (S) em (17b) e no sujeito da oração transitiva (A) em (17c). Mais uma vez, percebemos o alinhamento ergativo-absolutivo no esquimó Yup’ik.

Além dos tipos básicos de alinhamento vistos até então – nominativo-acusativo e ergativo-absolutivo –, existem mais três, representados a seguir:

⁵⁰ Exemplo da língua Esquimó Yup’ik, do Alasca (PAYNE, 1997, p. 136).

⁵¹ Exemplo da língua Esquimó Yup’ik, do Alasca (PAYNE, 1997, p. 136).

⁵² Exemplo da língua Esquimó Yup’ik, do Alasca (PAYNE, 1997, p. 136).

1. S se comporta de modo análogo a A e diferente de P – nominativo;
2. S se comporta de modo análogo a P e diferente de A – ergativo;
3. S, A e P se comportam de modo diferente entre si;
4. A se comporta de modo análogo a P e diferente de S;
5. S, A e P se comportam de modo análogo (PAYNE, 1997).

De acordo com Tomlin (1986 *apud* PAYNE, 1997), há muitas línguas dos tipos 1 e 2, raras dos tipos 3 e 5 e nenhuma do tipo 4. Payne (1997) defende que o motivo da diferença entre essas quantidades está nas “funções discriminatórias e identificadoras das relações gramaticais”⁵³ (*ibidem*, p. 140). O autor defende que uma das funções das relações gramaticais é distinguir elementos de funções diferentes, como A e P: como eles se encontram na mesma oração, é um elemento comunicativo importante nas línguas saber qual elemento é o [+agente] e qual o [-agente]; por isso não há línguas de alinhamento do tipo 4 e há raras línguas do tipo 5. Os tipos 1 e 2 se mostram eficientes devido à diferenciação entre A e P e à relação entre cada um deles e S. As línguas do tipo 3, por outro lado, distingue A e P mas não os relaciona com S.

Destacamos até aqui a marcação morfológica como um critério para a identificação do alinhamento das línguas (nominativo-acusativo ou ergativo-absolutivo). De acordo com Anderson (1976 *apud* Givón, 2001), a maioria das línguas ergativas têm seu alinhamento evidenciado apenas morfológicamente, seja na marcação do sintagma nominal ou na marcação de pessoa dos verbos. Há outras línguas, no entanto, que possuem características ergativas em sua sintaxe, que são chamadas por Givón (2001) de línguas ergativas sintáticas ou profundas⁵⁴. Segundo o autor, esse tipo de ergatividade “foi descrita primeiramente em Dyrbal (DIXON, 1972) e em Esquimó (WOODBURY, 1977)” (*ibidem*, p. 217).

O alinhamento de algumas línguas, seja ele ergativo ou nominativo, pode ser evidenciado, por exemplo, pela ordem dos constituintes, como no inglês, que apresenta, prototipicamente, o sujeito de verbos transitivos (A) e intransitivos (S) em posição pré-verbal e o objeto de verbos transitivos (P) em posição pós-verbal, evidenciando o comportamento – semelhante em S e A e diferente em P – de uma língua nominativo-acusativa. Essa evidencialidade, no entanto, só é possível no inglês devido à ordem prototípica sujeito-verbo-

⁵³ Tradução livre do trecho “[...] discriminatory and identifying functions of grammatical relations” (PAYNE, 1997, p. 140).

⁵⁴ “syntactic or deep ergative languages” (GIVÓN, 2001, p. 217)

objeto: o verbo está no centro e é a referência; logo, as posições pré e pós-verbais serão os critérios sintáticos de comparação entre S, A e P. Em línguas em que o verbo está, prototipicamente, na posição inicial ou final, S, A e P estarão juntos, respectivamente, à direita ou à esquerda do verbo, o que impossibilitaria uma diferenciação de sua posição em relação a ele (PAYNE, 1997).

Payne (1997) afirma que, em línguas ergativas em que o verbo está prototipicamente na posição central, S e V (no caso das intransitivas) ou P e V (no caso das transitivas) tendem a formar um bloco, e A não tem uma posição fixa, como podemos observar nos exemplos abaixo:

- (18) a. **Karaihá** **kacun-tárã.**⁵⁵
 não índio trabalhar-CONT
 S V
 “O não índio está trabalhando”

- b. **Kuk-aki-sã** **ta-láígo** **léha** **karaihá-héke.**⁵⁶
 1pl inc-palavra-POSS ouvir-FUT ASP não índio-ERG
 P V A
 “Os não índios ouvirão nossas palavras”.

Observando a ordem de S, A e P em (18), podemos perceber que S se comporta como P – ambos estão em posição pré-verbal – e A se comporta de forma diferente – em posição pós-verbal, configurando o alinhamento ergativo-absolutivo na ordem dos constituintes. Morfologicamente, podemos observar o mesmo tipo de alinhamento: S e P não são marcados morfologicamente e A é marcado pelo morfema {-héke}. Segundo Payne (1997), a ordem de constituintes evidencia o sistema ergativo em outras línguas da América do Sul e em Pàri, uma língua do Sudão.

Assim como é possível observar o tipo de alinhamento (nominativo ou ergativo) por meio da ordem de constituintes em algumas línguas, outros critérios sintáticos também permitem essa classificação. Payne (1997, p. 162) traz os seguintes exemplos do inglês:

- (19) a. **Bob** **wants** **to leave.**

⁵⁵ Exemplo da língua Kuikúro, da família Caribe (Brasil) (FRANCHETTO, 1990 *apud* PAYNE, 1997, p. 138).

⁵⁶ Exemplo da língua Kuikúro, da família Caribe (Brasil) (FRANCHETTO, 1990 *apud* PAYNE, 1997, p. 138).

Bob querer(PRES) sair

“Bob quer sair”.

b. **Bob wants to kiss Aileron.**

Bob querer(PRES) beijar Aileron

“Bob quer beijar Aileron”.

(20) a. **Bob wants Aileron to leave.**

Bob querer(PRES) Aileron sair

“Bob quer que Aileron saia”.

b. **Bob wants Aileron to kiss him.**

Bob querer(PRES) Aileron beijar 3sg

“Bob quer que Aileron o beije”

Em (19), as orações subordinadas *to leave* – intransitiva, em (19a) – e *to kiss Aileron* – transitiva, em (19b)) – têm, respectivamente, S e A omitidos na oração e compreendidos como *Bob*, sujeito da oração principal. Em (20), em que o sujeito da oração subordinada não é o mesmo da principal, tanto na subordinada intransitiva (20a) quanto na transitiva (20b), é necessário que o sujeito (S e A, respectivamente) esteja explícito na oração. S e A, portanto, têm o mesmo comportamento sob as mesmas condições nesses exemplos.

Em (20b), o objeto (P) da oração subordinada não pode ser omitido, mesmo sendo correferencial a um argumento da oração principal, o que mostra um comportamento de P diferente de S e A na oração subordinada em (19), que foram omitidos devido à correferencialidade. De acordo com essas observações, portanto, podemos observar sintaticamente o caráter nominativo-acusativo do inglês.

Outros processos sintáticos podem ser considerados para identificar o alinhamento de uma língua; é o caso do Dyirbal, uma língua australiana. Dixon (1994 *apud* PAYNE, 1997, p. 163-164) usa os processos de relativização e coordenação:

(21) a. **ɲuma-0 banaga-n^yu.**

papai-ABS voltar-NÃO FUT

S

“Papai voltou”.

b. **ɲuma-0 yabu-ɲgu bura-n.**
 papai-ABS mamãe-ERG ver-NÃO FUT

P A

“Mamãe viu papai”.

c. **ɲuma-0 [X banaga-ɲu-]-0 yabu-ɲgu bura-n.**
 papai-ABS (papai) voltar-REL-ABS mamãe-ERG ver-NÃO FUT

P S A

“Mamãe viu papai que estava voltando”.

d. **ɲuma-0 yabu-ɲgu [X banaga-ɲu-]-rru bura-n.**
 papai-ABS mamãe-ERG (mamãe) voltar-REL-ERG ver-NÃO FUT

P A S

“Mamãe, que estava voltando, viu papai”.

e. ***yabu-0 [ɲuma-0 X bura-ɲu]-0 banaga- n^yu.**
 mamãe-ABS papai-ABS (mamãe) ver-REL-ABS voltar-NÃO FUT

S P A

“Mamãe, que viu papai, estava voltando”.

Na oração intransitiva (21a), *ɲuma* (S) não apresenta marcação morfológica (zero), assim como *ɲuma* (P) não apresenta em (21b); temos, então, S e P comportando-se de forma semelhante morfológicamente. Ainda em (21b), por outro lado, temos a marcação morfológica {- ɲgu} para o sujeito da transitiva (A), o que configura uma marcação diferente de S e P, confirmando morfológicamente o alinhamento ergativo-absolutivo.

Sob o viés sintático, em Dyirbal, “apenas um argumento absolutivo pode ser o sintagma nominal relativizado dentro de uma oração relativa”⁵⁷ (PAYNE, 1997, p. 164); em (21c) e (21d), o sintagma nominal dentro da oração relativa está omitido (representado por X) e é o sujeito (S) das orações intransitivas *[X banaga-ɲu-]-0* e *[X banaga-ɲu-]-rru*, respectivamente. Portanto, nessas orações, S é um argumento absolutivo. Antes da análise das

⁵⁷ Tradução livre do trecho “only an absolutive argument can be the relativized NP within a relative clause” (PAYNE, 1997, p. 164).

sentenças em (21c), (21d) e (21e), vale lembrar que o Caso absoluto identifica S ou P nas línguas ergativas.

Em (21c), o sujeito (S) da oração relativa [*X banaga-ŋu*]-0 é um argumento absoluto, assim como seu referente *ŋuma-0* na oração principal; como *ŋuma-0* é o objeto (P) da oração principal, percebemos que há equivalência entre S e P em relação ao Caso. A marcação absoluta *zero* no fim da oração relativa significa que ela se refere ao sintagma de mesma marcação na oração principal (*ŋuma-0*).

Em (21d), o sujeito (S) da oração relativa [*X banaga-ŋu*]-rru também é um argumento absoluto, mas seu referente na oração principal (*yabu-ŋu*) é um argumento ergativo; como *yabu-ŋu* é o sujeito (A) da oração principal, percebemos que há um comportamento diferente entre S e A em relação ao Caso. A marcação ergativa {-rru} no fim da oração relativa significa que ela se refere ao sintagma de mesma marcação na oração principal (*yabu-ŋu*).

Observando o comportamento de S nas orações relativas em (21c) e (21d), portanto, podemos classificar o Dyirbal como uma língua de alinhamento ergativo-absolutivo⁵⁸, uma vez que, com relação à marcação de Caso nas relativas, S se comporta como P e de modo diferente de A. Quando o sintagma nominal relativizado dentro de uma oração relativa não marca Caso absoluto, a oração fica agramatical, como podemos perceber em (21e): o sintagma relativizado (X) da oração relativa [*ŋuma-0 X bura-ŋu*]-0 é o sujeito (A) de uma oração transitiva, e não marca, portanto, Caso absoluto.

Payne (1997) destaca outro processo sintático para a identificação do alinhamento das línguas: redução de conjunção. Em uma oração coordenada, um elemento é omitido e, dependendo do correferente compreendido na língua, ela é classificada como nominativa ou ergativa. Vejamos o exemplo do inglês:

(22) a. **George greeted Barbara and coughed.**⁵⁹

George cumprimentar(PAS) Barbara e tossir(PAS)

“George cumprimentou Barbara e tossiu”.

b. **George grabbed Barbara and slapped him.**⁶⁰

George agarrar(PAS) Barbara e dar um tapa ele

⁵⁸ Na subseção 2.2.2, observaremos que o Dyirbal obedece ao sistema de ergatividade cindida: em alguns argumentos nominais, segue o sistema ergativo e, em outros, o nominativo.

⁵⁹ Exemplo do inglês (PAYNE, 1997, p. 165).

⁶⁰ Exemplo do inglês (PAYNE, 1997, p. 165).

“George agarrou Barbara e deu um tapa nele”.

Em (22a), o sujeito S da oração intransitiva *and coughed* é correferencial ao sujeito A da oração transitiva anterior (*George greeted Barbara*). Para possibilitar a correferência de S ao objeto P da oração anterior, esse sujeito deveria estar explícito (*George greeted Barbara and she coughed*⁶¹). Em (22b), o sujeito A da oração transitiva *and slapped him* é correferencial ao sujeito A da oração anterior (*George*), e o objeto P *him* seria um terceiro participante, sem a possibilidade de correferencialidade entre o sujeito A da segunda oração e o objeto P da primeira. Podemos verificar sintaticamente, portanto, que o alinhamento do inglês é nominativo-acusativo, devido à semelhança do comportamento de S e A em oposição ao de P.

Payne (1997) analisa também o comportamento do esquimó Yup'ik:

- (23) **Tom-am Doris-aq cinga-llru-a tua-llu quyi-llru-u-q.**⁶²
 Tom-ERG Doris-ABS cumprimentar-PAS-3sg então-e tossir-PAS-INTR-3sg
 “Tom cumprimentou Doris e (ela) tossiu”.

Em (23), o sujeito S da intransitiva *tua-llu quyi-llru-u-q* não está explícito, e, em Yup'ik, é correferencial ao objeto P da oração anterior, que possui Caso absoluto. S, portanto, comporta-se como P, e não como A, o que configura uma língua do tipo ergativo-absolutivo.

2.2 OS SISTEMAS CINDIDOS

Há línguas que podem se comportar de maneira diferente dos cinco sistemas de alinhamento apresentados, de acordo com elementos semânticos ou pragmáticos das orações intransitivas ou transitivas; são os sistemas cindidos, apresentados a seguir⁶³.

⁶¹ Exemplo do inglês (PAYNE, 1997, p. 165).

⁶² Exemplo da língua Esquimó Yup'ik, do Alasca (PAYNE, 1997, p. 165).

⁶³ Conforme Payne (1997), para estudos sobre intransitividade cindida, ver Merlan (1985) e Mithun (1991), e sobre ergatividade cindida, ver Silverstein (1976) e DeLancey (1982).

2.2.1 Intransitividade cindida

O sistema de intransitividade cindida⁶⁴ é aquele em que S é marcado de mais de uma forma; por exemplo, em que S é marcado como A em alguns contextos semânticos e como P em outros, como na língua Lakota⁶⁵, que tem S agente se comportando como A, e S paciente, como P:

(24)	(25)	(26)
a. a-ma-ya-phe ⁶⁶	a. ma-hîxpaye ⁶⁷	a. wa-škate ⁶⁸
DIR-1sg-2sg-bater	1sg-cair	1sg-jogar
“Você me bateu”.	“Eu caio”.	“Eu jogo”.
b. wa-0-ktékte	b. ma-t’e’	b. wa-nûwe
1sg-3sg-matar	1sg-morrer	1sg-nadar
“Eu o mato”.	“Eu morro”.	“Eu nado”.
c. 0-ma-ktékte	c. ma-č’âça	c. wa-lowâ
3sg-1sg-matar	1sg-tremer	1sg-cantar
“Ele me mata”.	“Eu tremo”.	“Eu canto”.

Os exemplos em (25) evidenciam a marcação morfológica de S quando ele está ligado a um verbo que tem as características semânticas de um elemento [-agente] ou que indica menor volição, como os verbos *hîxpaye* “cair”, *t’e’* “morrer” e *č’âça* “tremer”. A marcação de primeira pessoa em S, nesse caso, é o prefixo {ma-}, a mesma marcação morfológica, em (24), da primeira pessoa em P, como podemos observar nas orações em (24a) e (24c). Em Lakota, portanto, temos um sujeito S de intransitiva se comportando como o objeto P da transitiva, formando a subcategoria S_p. De modo análogo, os exemplos em (26) apresentam a marcação morfológica {wa-} para a primeira pessoa quando S tem o papel [+agente], como nos verbos *škate* “jogar”, *nûwe* “nadar” e *lowâ* “cantar”; a mesma marcação é usada para a

⁶⁴ “Outros termos que têm sido usados para esse sistema incluem **ativo-estativo**, **ativo**, **S-cindido** e **S-fluido**, entre outros”. Tradução livre do trecho “Other terms that have been used for such systems include **stative/active**, **active**, **split-S** and **fluid-S** systems, among others” (PAYNE, 1997, p. 144, grifo do autor).

⁶⁵ Língua falada por comunidades indígenas no Meio-Oeste dos Estados Unidos.

⁶⁶ Os exemplos a, b e c são de Mithun (1991 *apud* PAYNE, 1997, p. 145).

⁶⁷ Os exemplos a, b e c são de Mithun (1991 *apud* PAYNE, 1997, p. 146).

⁶⁸ Os exemplos a, b e c são de Mithun (1991 *apud* PAYNE, 1997, p. 146).

primeira pessoa em A, como podemos observar na oração transitiva (24b). Assim, temos um sujeito S de intransitiva se comportando como o sujeito A da transitiva, formando a subcategoria S_A.

Uma língua que apresenta intransitividade cindida tem correspondência semântico-pragmática entre os elementos de mesmo comportamento, não sendo possível, portanto, que S_P tenha marcação equivalente a A ou que S_A tenha marcação equivalente a P (PAYNE, 1997). No entanto, há línguas que obedecem a maiores subdivisões além do fator volitivo, como a Chickasaw⁶⁹, conforme os exemplos:

(27) a. **Chokma-li**⁷⁰

bom-1sgA

“Eu ajo [como alguém] bom”.

b. **Sa-chokma**

1sgP-bom

“Eu sou bom”.

c. **An-chokma**

1sgD-bom

“Eu me sinto bom”.

Em (27a), *chokma* está ligado ao sujeito S de primeira pessoa que **age** como alguém bom, o que indica volição, selecionando o sufixo {-li} devido ao valor semântico de [+agente]; quando *chokma* se liga a um sujeito sem volição, seleciona o prefixo {sa-}, indicando o valor semântico de [-agente]; por fim, quando *chokma* se une a um sujeito experienciador, seleciona o prefixo {an-}, conferindo-lhe o sentido de “sentimento experienciado pelo sujeito”⁷¹ (PAYNE, 1997, p. 147).

Vimos neste subtópico que algumas línguas apresentam diferenças na marcação do sujeito da intransitiva (S) quando há mudança em seu valor semântico – maior ou menor

⁶⁹ Língua falada por comunidades indígenas no sudeste dos Estados Unidos (PAYNE, 1997).

⁷⁰ Os exemplos a, b e c são de Catherine Wilmond (s.d. apud Payne, 1997, p. 148). As traduções de Payne (1997) nesses exemplos são, respectivamente, “I act good”, “I am good” e “I feel good”. Ao passarmos essas traduções para o português, a nossa intenção foi preservar o significado de *chokma* “bom”, evitando o uso do termo “bem”, para não substituir, em português um adjetivo por um advérbio.

⁷¹ Tradução livre do trecho “feeling experienced by the subject” (PAYNE, 1997, p. 147).

volição, experiência de um sentimento. Observaremos agora as diferenças na marcação do argumento [+agente] (A) em línguas que obedecem ao sistema ergativo-absolutivo.

2.2.2 Ergatividade cindida

Para abordar a ergatividade cindida, Payne (1997) lembra a hierarquia de agentividade ou hierarquia de animacidade das línguas⁷², uma característica universal resultante de observações das línguas do mundo que distinguem A e P pragmaticamente (Payne, 1997) e da noção de empatia de Kuno (1976, s.p. *apud* PAYNE, 1997, p. 151):

Seres humanos tendem a selecionar como tópico entidades com as quais tenham empatia, em primeiro lugar eles mesmos, depois a pessoa com a qual estão falando, depois outros seres humanos, depois seres animados não humanos, e finalmente o mundo inanimado. Portanto, expressões morfossintáticas cuja função é se referir a entidades de tópico indiretamente tendem a se referir a entidades com as quais os falantes têm empatia.⁷³

Segundo o autor, há uma hierarquia na seleção do tópico para a primeira pessoa, a segunda, a terceira [+humana], outros seres animados e, por fim, seres/objetos inanimados. Tal ordenação ocorre devido à maior identificação do ser humano com seres com características em comum. Desse modo, em uma oração envolvendo dois argumentos, tende a ser topicalizado aquele em posição mais alta na hierarquia; considerando que um dos argumentos será o agente (A) e o outro o paciente (P), o elemento interpretado como agente será o hierarquicamente mais alto, como nos exemplos da língua Sierra Popoluca⁷⁴ a seguir:

(28) a. **i-ku't-pa** **xiwan** **wi'kkuy**⁷⁵
 3P3A-eat-PERF Juan food⁷⁶
 “Juan ate food”.

⁷² Payne (1997) chama essa propriedade universal das línguas de *relative topic-worthiness*, *agent-worthiness* ou *topic-worthiness*.

⁷³ Tradução livre do trecho “Human beings tend to select as topics entities with whom they empathize, first of all themselves, then the person they are speaking to, then other human beings, then non-human animate beings, and finally the inanimate world. Therefore, morphosyntactic expressions whose function is to refer to topical entities indirectly tend to refer to entities that speakers empathize with.” (KUNO, 1976, s.p. *apud* PAYNE, 1997, p. 151).

⁷⁴ Língua falada por comunidades indígenas na parte sul de Veracruz, no México.

⁷⁵ As orações de **a** e **e** foram cedidas por Ben Elson (s.d. *apud* PAYNE, 1997, p. 150).

⁷⁶ Nos exemplos de **a** e **e**, optamos por manter a glosa em inglês, como em Payne (1997), porque ocorreria um problema na tradução para o português: “Juan ate food” seria literalmente “Juan comeu comida”, o que é redundante em português: se Juan “comeu”, está implícito que ele ingeriu “comida”, o que reduziria a oração a “Juan comeu”, transformando-a em uma intransitiva. Nesse caso, Juan seria S, e não A, e isso alteraria a discussão desnecessariamente.

b. **i-ku't-pa** **wi'kkuy** **xiwan**
 3P3A-eat-PERF food Juan
 “Juan ate food”.

c. **xiwan wi'kkuy iku'tpa**
 “Juan ate food”.

d. **xiwan iku'tpa wi'kkuy**
 “Juan ate food”.

e. **wi'kkuy iku'tpa xiwan**
 “Juan ate food”.

Nos exemplos em (28), temos as orações ordenadas de várias maneiras: VAP, VPA, APV, AVP e PVA, respectivamente. Em todas as orações, a interpretação possível é que Juan (A) ingeriu a comida (P), e não o contrário: o elemento de terceira pessoa [+humano], mais alto na escala hierárquica, fica no papel de agente, enquanto o elemento de terceira pessoa que representa, a princípio, um ser inanimado, último na escala, desempenha o papel de paciente. Payne (1997) chama a atenção para a falta de marcação morfológica, concordância ou ordem padrão de constituintes, sendo A e P selecionados pragmaticamente pelo falante/ouvinte. A hierarquia de agentividade proposta pelo autor é a seguinte:

1P>2P>3P(concordância)>1P>2P>3P(pronomes)>nomes próprios>humanos>não humanos animados>inanimados>definido>indefinido

Payne (1997) defende que, nas línguas que diferenciam A e P pragmaticamente, o argumento mais à esquerda será compreendido como agente, e o mais à direita, como paciente. Há ocorrências, no entanto, em que os dois argumentos estão no mesmo nível:

(29) **i-ko'ts-pa** **xiwan** **petoj**⁷⁷
 3P-3A-bater-PERF Juan Pedro

⁷⁷ Exemplo da língua indígena mexicana Sierra Popoluca; dado cedido por Ben Elson (s.d. *apud* PAYNE, 1997, p. 151).

“Juan bateu em Pedro” ou “Pedro bateu em Juan”.

Em (29), exemplo da língua Sierra Popoluca, Juan e Pedro estão nas mesmas condições – ambos são nomes próprios – e a língua não possui marcação morfológica, concordância ou ordem padrão de constituintes. Segundo Payne (1997), em uma situação real, em Sierra Popoluca, os papéis dos argumentos seriam definidos pelo contexto.

Há línguas, no entanto, que possuem marcações – morfológica, de concordância ou de ordem de constituintes – que indicam os argumentos A e/ou P, mesmo distinguindo esses elementos pragmaticamente. Por exemplo, em uma oração transitiva, se um argumento tem uma posição mais baixa que o outro na hierarquia, seria compreendido pragmaticamente como paciente; se tal elemento ocupar a posição de agente (A) da transitiva, será necessária uma marcação para indicar essa agência, já que ela não pode ser reconhecida de imediato pela via pragmática. O mesmo ocorreria com um argumento em posição mais alta que ocupasse a posição de paciente (P). Assumindo que S seja um elemento não marcado, a marcação de A seguiria um sistema ergativo, e a de P, um sistema nominativo. Disso resulta o seguinte universal linguístico:

Se uma língua exibe ergatividade cindida baseada na hierarquia de tópico dos sintagmas nominais na oração transitiva, é sempre o caso em que o sistema nominativo/acusativo será manifesto por argumentos nominais que são altos na hierarquia de tópico e o sistema ergativo/absolutivo será manifesto por argumentos nominais que são baixos na hierarquia de tópico⁷⁸ (PAYNE, 1997, p. 154).

Para observar o sistema de ergatividade cindida em uma língua específica, vejamos os exemplos do Managalasi⁷⁹:

(30) a. **a** **vaʔ-ena**⁸⁰

2sg ir-FUT:2sg

“Você irá”.

b. **na** **vaʔ-ejo**

1sg ir-FUT:1sg

⁷⁸ Tradução livre do trecho “If a language exhibits split ergativity based on the topic-worthiness of the noun phrases in the transitive clause, it is always the case that the nominative/accusative system will be manifested for nominal arguments that are high in topic-worthiness and the ergative/absolutive system will be manifested for nominal arguments that are low in topic-worthiness” (PAYNE, 1997, p. 154).

⁷⁹ O Managalasi é uma “língua da Papua Nova Guiné” (PAYNE, 1997, p. 154).

⁸⁰ Os exemplos **a**, **b**, **c** e **d** foram cedidos a Payne (1997, p. 154) por Judy Parlier.

“Eu irei”.

c. **nara a an-aʔ-ejo**

1sg 2sg bater-2sg-FUT:1sg

“Eu vou bater em você”.

d. **ara na an-iʔ-ena**

2sg 1sg bater-1sg-FUT:2sg

“Você vai me bater”.

Podemos verificar, em (30), um sistema ergativo-absolutivo para a marcação dos pronomes: em (30a), **a** (sem marcação morfológica) é o pronome usado para a segunda pessoa do singular no sujeito da intransitiva (S) e, em (30c), é o pronome usado para a segunda pessoa do singular no objeto da transitiva (P). O mesmo acontece com **na** (sem marcação morfológica), que representa a primeira pessoa do singular em S e em P em (30b) e (30d), respectivamente. O agente da transitiva (A) se comporta de forma diferente: **na**, pronome de primeira pessoa do singular, recebe o sufixo {-ra} em (30c), bem como **a**, de segunda pessoa, em (30d).

Nos mesmos exemplos, entretanto, podemos verificar um sistema nominativo-acusativo para a concordância verbal: em (30a), {-ena} é o sufixo de segunda pessoa do singular que concorda com S e, em (30d), é o sufixo de segunda pessoa que concorda com A. O mesmo ocorre com {-ejo}, sufixo de primeira pessoa do singular que concorda com S em (30b) e com A em (30c). A concordância com o objeto (P) se dá de maneira diferente: em (30c), o sufixo de segunda pessoa que concorda com P é {-aʔ} e, em (30d), o sufixo de primeira pessoa que concorda com P é {-iʔ}.

Então, em Managalasi, os pronomes obedecem ao sistema ergativo-absolutivo (S análogo a P e diferente de A) e a concordância verbal, ao sistema nominativo-acusativo (S análogo a A e diferente de P). Essa língua, portanto, apresenta um sistema de ergatividade cindida. Retomando o universal de Payne (1997, p. 154): “o sistema nominativo/acusativo será manifesto por argumentos nominais que são altos na hierarquia de tópico e o sistema ergativo/absolutivo será manifesto por argumentos nominais que são baixos”. No caso do Magalasi, o sistema nominativo é manifesto pela concordância, argumento mais alto na hierarquia de tópico, e o sistema ergativo, pelos pronomes, mais baixos em relação à concordância.

O Dyirbal é outra língua que apresenta ergatividade cindida: nos pronomes de primeira e segunda pessoa, ela obedece ao sistema nominativo, e nos pronomes de terceira pessoa e em sintagmas nominais, ao ergativo. Vejamos os dados:

(31) a. **ngana-0** **banaga-n^yu**⁸¹

1pl-NOM voltar-NÃO FUT

S

“Nós voltamos”.

b. **nyura-0** **banaga-n^yu**

2pl-NOM voltar-NÃO FUT

S

“Vocês todos voltaram”.

c. **nyura-0** **ngana-na** **bura-n**

2pl-NOM 1pl-AC ver-NÃO FUT

A

P

“Vocês todos nos viram”.

d. **ngana-0** **nyura-na** **bura-n**

1pl-NOM 2pl-AC ver-NÃO FUT

A

P

“Nós vimos vocês”.

e. **ɲuma-0** **banaga-n^yu**

papai-ABS voltar-NÃO FUT

S

“Papai voltou”.

f. **yabu-0** **banaga-n^yu**

mamãe-ABS voltar-NÃO FUT

S

“Mamãe voltou”.

⁸¹ Dados de Dixon (1972 *apud* PAYNE, 1997, p. 155) da língua Dyirbal.

g. ɲuma-0	yabu-ɲgu	bura-n
papai-ABS	mamãe-ERG	ver-NÃO FUT
P	A	
“Mamãe viu papai”.		

Nos exemplos (31a) a (31d), são usados pronomes de primeira e segunda pessoa; os pronomes que ocupam a posição de sujeito nas orações intransitivas (31a) e (31b) e nas transitivas (31c) e (31d) não têm marca morfológica para o nominativo {-0}, enquanto o objeto (P) apresenta o sufixo {-na} tanto para a primeira quanto para a segunda pessoa. Nesses dados do Dyirbal, portanto, podemos observar que a língua obedece a um sistema nominativo-acusativo. Nos exemplos (31e) a (31g) da mesma língua, por outro lado, observamos um alinhamento diferente: o sujeito (S) da intransitiva e o objeto (P) da transitiva não têm marcação morfológica {-0}, enquanto o sujeito (A) da transitiva apresenta a marcação {-ɲgu}. Nos últimos três dados, então, o Dyirbal segue um alinhamento ergativo-absolutivo. Devido a esse alinhamento nominativo ou ergativo em contextos específicos, o Dyirbal segue o sistema de ergatividade cindida.

Retomando mais uma vez o universal de Payne (1997, p. 154): “o sistema nominativo/acusativo será manifesto por argumentos nominais que são altos na hierarquia de tópico e o sistema ergativo/absolutivo será manifesto por argumentos nominais que são baixos”, o sistema nominativo é manifesto pelos pronomes em primeira e segunda pessoa, segundo argumento mais alto na hierarquia de tópico, e o sistema ergativo, pelos pronomes em terceira pessoa, nomes próprios e sintagmas nominais, mais baixos em relação aos pronomes em primeira e segunda pessoa.

O sistema de ergatividade cindida também pode ocorrer em categorias de tempo e aspecto. DeLancey (1982 *apud* PAYNE, 1997) afirma que, nesse caso, o passado ou o aspecto perfectivo são os ambientes em que o sistema ergativo ocorre, e os demais tempos ou o aspecto imperfectivo, aqueles em que se manifesta o nominativo. Vejamos os exemplos do Georgiano:

(32) a. Student-i	midis ⁸²
estudante-NOM	ir(PRES)

⁸² Dados do georgiano, a língua oficial da República da Geórgia, na Europa Oriental. Os exemplos são de Comrie (1989 *apud* PAYNE, 1997, p. 159).

“O estudante vai”.

- b. **Student-i** **ceril-s** **cers.**
 estudante-NOM carta-AC escrever(PRES)
 “O estudante escreve a carta”.

- c. **Student-i** **mivida.**
 estudante-ABS ir(PAS)
 “O estudante foi”.

- d. **Student-ma** **ceril-i** **dacera.**
 estudante-ERG carta-ABS escrever(PAS)
 “O estudante escreveu a carta”.

Em (32a) e (32b), observamos S e A com a mesma terminação {-i} e P com a terminação {-s}; com os verbos no presente, então, o georgiano obedece ao sistema nominativo-acusativo. Em (32c) e (32d), diferentemente, S e P têm a mesma terminação {-i} e A, a terminação {-ma}; com os verbos no passado, o georgiano segue o sistema ergativo-absolutivo. Desse modo, essa língua obedece ao sistema de ergatividade cindida.

Payne (1997) apresenta mais um exemplo de ergatividade cindida de acordo com os tempos verbais, o que ocorre na língua Guaymí⁸³: no passado, A e S (quando S é agente) recebem marcação de Caso ergativo; no presente, A, S e P recebem o mesmo tratamento.

- (33) a. **Dori-gwe** **blit-ani.**⁸⁴
 Doris-ERG falar-PAS1
 “Doris falou”.

- b. **Nu-0** **ɲat-ani.**
 Cachorro morrer-PAS1
 “O cachorro morreu”.

- c. **Toma-gwe** **Dori** **dama-ini.**

⁸³ Língua da família Chibchan, falada na América Central – Costa Rica e Panamá (PAYNE, 1997).

⁸⁴ Exemplos da Costa Rica coletados por Rafael Bejarano Palacios (s.d. *apud* Payne, 1997, p. 160 e 161).

Tom-ERG Doris cumprimentar-PAS1

“Tom cumprimentou Doris”.

d. **Dori-0 blit-e.**

Doris falar-PRES.

“Doris está falando”.

e. **Toma-0 Dori dama-e.**

Tom Doris cumprimentar-PRES

“Tom está cumprimentando Doris”.

f. **Nu-0 ŋat-e.**

cachorro morrer-PRES

“O cachorro está morrendo”.

Em (33a), temos uma oração intransitiva em que o sujeito (S) recebe a marcação de Caso ergativo {-gwe} e o verbo está no passado e tem o sentido de [+volição]; a mesma marcação acontece em (33c) no sujeito (A) da oração transitiva, que tem o verbo no passado. Com o verbo no passado e com S [+agente], então, temos o mesmo comportamento de S e A e o comportamento diferente de P (sem marcação em (33c)), o que configura um alinhamento nominativo-acusativo.

Em (33b), temos uma oração intransitiva em que o sujeito (S) não recebe marcação de Caso e o verbo está no passado e tem o sentido de [-volição], diferente do sujeito (A) da oração transitiva em (33c), que recebe a marcação {-gwe} e, como vimos, tem o verbo no passado; o objeto (P) da mesma oração não recebe marcação de Caso, assim como (S) em (33b). Com o verbo no passado e com o S [-agente], então, temos o mesmo comportamento de S e P e a conduta diversa de A, o que configura um alinhamento ergativo-absolutivo.

Podemos observar, então, que, para verbos no passado, o Guaymi apresenta ergatividade cindida. No presente, diversamente, essa língua apresenta a mesma marcação para S, A e P, conforme a classificação 5 de Payne (1997), como vimos no subitem anterior. Nos exemplos (33d) e (33f), temos o sujeito (S) de cada intransitiva ligado a um verbo no presente com [+volição] e [-volição], respectivamente, portando-se da mesma forma que o sujeito (A) e o objeto (P) da transitiva em (33e): sem marcação.

2.3 A ERGATIVIDADE: UM PÁSSARO AZUL

Nos subtópicos 2.1 e 2.2, apresentamos o que, segundo DeLancey (2004), foi o início dos estudos sobre ergatividade na linguística moderna. Em seu artigo *The blue Bird of ergativity*, o autor discute se a ergatividade é um critério linguístico importante para o estudo de línguas, preocupação que podemos perceber no seguinte trecho:

[...] quando limitamos uma coleção a certos tipos de espécimes, há uma questão se um workshop sobre "ergatividade" é análogo a um esforço para coletar, digamos, pássaros com garras – um critério taxonômico importante –, aves que nadam – que é taxonomicamente apenas marginalmente relevante, mas um padrão funcional muito significativo – ou, digamos, pássaros que são azuis, o que se tornará praticamente um critério inútil para qualquer propósito biológico (*ibidem*, s.p.)⁸⁵.

O objetivo de DeLancey (2004) é observar se a classificação do sistema de alinhamento de uma língua como ergativo obedece a critérios úteis no estudo das línguas (análogo ao dos pássaros com garras ou que nadam) ou a critérios mal definidos ou cientificamente inúteis (análogo ao dos pássaros azuis, daí o título da obra). O autor parte da definição de Dixon (1994 *apud* DELANCEY, 2004), que afirma que o padrão gramatical de ergatividade traz o mesmo tratamento para o sujeito da intransitiva (S) e para o objeto da transitiva (P) e tratamento diferente para o sujeito da transitiva (A), como vimos nos subtópicos anteriores. DeLancey (2004) põe em cheque essa definição a partir dos seguintes exemplos:

(34) a. **kho-s** **blo=bzang-la** **gzhus-song**⁸⁶
 ele-ERG Lobsang-LOC bater-PERF
 “Ele bateu em Lobsang”.

b. **kho-s** **blo=bzang** **bsad-song**
 ele-ERG Lobsang matar-PERF
 “Ele matou Lobsang”.

⁸⁵ Tradução livre do trecho: “[...] when we limit a collection to certain kinds of specimens, there is a question whether a workshop on "ergativity" is analogous to an effort to collect, say, birds with talons – an important taxonomic criterion –, birds that swim – which is taxonomically only marginally relevant, but a very significant functional pattern –, or, say, birds that are blue, which will turn out to be pretty much a useless criterion for any biological purpose” (DELANCEY, 2004, s.p.)

⁸⁶ Os dados em (34) são do tibetano (DELANCEY, 2004, s.p.).

O autor chama a atenção para os diferentes tratamentos que P recebe: se P é marcado com {-la} quando é complemento de alguns verbos e não é marcado quando é complemento de outros, o tratamento de P será diferente do de S em alguns contextos, seja S marcado ou não marcado em tibetano. Ainda segundo o autor, há línguas em que a variação da marcação de P depende de fatores como P [$\pm$ humano], [$\pm$ animado] ou [$\pm$ tópico], como podemos observar nos dados do hindi:

(35) a. **us-ne** **ek** **laD.kaa** **dekhaa**⁸⁷
 ele-ERG um menino(NOM) ver.sg/msc/perf
 “Ele viu um menino”.

b. **us-ne** **ek** **laD.ke-ko** **dekhaa**
 ele-ERG um menino-DAT ver.sg/msc/perf
 “Ele viu o menino”.

c. **wo** **ek** **laD.kaa** **dekhtaa hae**
 ele(NOM) um menino(NOM) ver.sg/msc/hab estar.3sg.msc.pres
 “Ele vê um menino”.

d. **wo** **ek** **laD.ke-ko** **dekhtaa hae**
 ele(NOM) um menino-DAT ver.sg/msc/hab estar.3sg.msc.pres
 “Ele vê o menino”.

O hindi é classificado como uma língua de ergatividade cindida: com verbos no perfectivo, obedece ao sistema ergativo-absolutivo – (35a) e (35b); com verbos fora do perfectivo, obedece ao sistema nominativo-acusativo – (35c) e (35d). Em (35a), ele (*us-ne*) viu um menino qualquer, diferentemente de (35b), em que ele viu o menino, ou um menino específico, um determinado menino. No primeiro dado, P não apresenta a marca de caso {-ko}, mas a apresenta no segundo, devido à especificação de P. O mesmo acontece em (35c) e (35d). A marcação de P nesses dados, portanto, depende de sua condição de [$\pm$ tópico], e não de S, o que acarreta em diferenças no tratamento de P e S em alguns contextos. Devido às controvérsias mostradas nos dados em (34) e (35), DeLancey (2004) defende que a definição

⁸⁷ Os dados em (35) são trazidos por DeLancey (2004, s.p.).

de ergatividade precisa ser mais refinada, incluindo a revisão de conceitos como o de marcação.

O autor afirma que o mais natural nas línguas é que o sujeito – seja este de oração transitiva (A) ou intransitiva (S) – seja tratado de forma diferente do objeto⁸⁸, o que caracteriza o alinhamento nominativo-acusativo. As línguas que apresentam um comportamento diferente foram classificadas, ao longo dos estudos, em ativas/estativas⁸⁹ (ou de intransitividade cindida, conforme o subitem 2.2.1), nominativas e ergativas. Um problema dessa classificação seria a predominância da tipologia ergativa nas línguas que têm um comportamento diferente do nominativo, mesmo que esse comportamento seja observado em contextos estritamente específicos:

[...] quando tivemos que lidar com línguas como Hindi e Kiranti, ao invés de reconhecer novos tipos, estas foram claramente consideradas subtipos de ergativas – ergativas “cindidas”. Observe a presunção de relativa precisão nessa terminologia – alguns de nós, até então, observamos que uma língua como a Hindi poderia ser chamada tanto de “nominativa cindida” como de “ergativa cindida”, mas porque ela manifesta, mesmo em apenas uma construção, o padrão irregular da “ergatividade”, torna-se “**ergativa cindida**”⁹⁰ (DELANCEY, 2004, s.p., grifo do autor).

Como observamos nos dados em (35), o alinhamento ergativo – e, conseqüentemente, a marca de ergatividade {-ne} – só ocorre em hindi quando o verbo está no perfectivo, tendo a língua, em todos os outros contextos, alinhamento nominativo. Devido a essa predominância, o hindi poderia ser classificado como “nominativa cindida”, e não como “ergativa cindida”. Como a nominatividade é a propriedade natural e predominante nas línguas, ela deveria ter lugar de destaque no estudo das línguas, sendo a ergatividade apenas considerada “ausência da nominatividade”, e não uma “anomalia especial da norma” (*ibidem*, s.p.).

O autor analisa a ideia de ergatividade defendida nas línguas Mizo⁹¹ e Tibetano⁹². Observando os dados da língua Mizo, ele mostra evidências de que o sistema ergativo distingue sentenças transitivas e intransitivas por meio da marcação morfológica de Caso

⁸⁸ Como vimos no subtópico 3.1.1, de acordo com Payne (1997), uma das funções das relações gramaticais é distinguir elementos de funções diferentes, como A e P: como eles se encontram na mesma oração, é um elemento comunicativo importante nas línguas saber qual elemento é o [+agente] e qual o [-agente]; por isso não há línguas de alinhamento do tipo 4 (A se comporta de modo análogo a P e diferente de S).

⁸⁹ Segundo DeLancey (2004), a classificação das línguas em ativas/estativas não é reconhecida universalmente.

⁹⁰ Tradução livre do trecho: “[...] when we had to deal with the likes of Hindi and Kiranti, rather than recognizing further new types, these were clearly considered subtypes of ergative -- “split” ergative. Notice the presumption of relative markedness in this terminology -- some of us even at the time noted that a language like Hindi could just as well be called “split nominative” as “split ergative”, but because it manifests, even in just one construction, the weird deviant pattern of “ergativity”, it becomes “split ergative”.” (DELANCEY, 2004, s.p.)

⁹¹ Mizo ou Lushai é uma língua tibeto-birmanesa “falada no estado indiano de Mizoram e em algumas partes da Birmânia” (DELANCEY, 2004, s.p.).

⁹² Tibetano é “uma língua do ramo bódico da família [tibeto-birmanesa]” (DELANCEY, 2004, s.p.).

(GIVÓN, 2001 *apud* DELANCEY, 2004), e não pela diferenciação entre o comportamento de A em relação ao de S e P:

(36) a. **ka-nââw** **â-tap**⁹³

1sg-bebê 3sg-chorar

“Meu bebê está chorando”.

b. **kâ-nùù-in** **â-kow-cê**

1sg-mãe-ERG 3sg-chamar-2obj⁹⁴

“Minha mãe está chamando você”.

c. **úy** **â-zuang**

cachorro 3sg-pular

“Um cachorro está pulando”.

d. **úy-in** **mì** **â-se/**

cachorro-ERG homem 3sg-morder

“Um cachorro mordeu um homem”.

e. **úy-in** **mi=se/**

cachorro-ERG 1sgOBJ=morder

“Um cachorro me mordeu”.

Observando os dados (36a) a (36d), temos uma regularidade própria do sistema ergativo: {-in} marca o sujeito (A) das orações transitivas (36b) e (36d) e não há marcação do sujeito (S) das orações intransitivas (36a) e (36c), tampouco do objeto das orações (36b) e (36d). Por outro lado, nas quatro orações, temos a marcação verbal {â-} concordando com o sujeito das transitivas (A) e das intransitivas (S), o que configura um alinhamento nominativo. Tal comportamento é característico do sistema de ergatividade cindida, como vimos nos exemplos do Managalasi em (30), no subtópico 2.2.2 – alinhamento ergativo na marcação morfológica de Caso, alinhamento nominativo na concordância verbal.

⁹³ Os dados em (36) são de Chhangte (1993 *apud* DELANCEY, 2004, s.p.).

⁹⁴ Na presente glosa, julgamos que houve uma falha de digitação no artigo de DeLancey (2004): onde se lê *3sg-chamar-2obj* deveria ser *3sg-chamar-2sg*. Caso não houvesse falha de digitação, {-cê} seria uma marcação do objeto, o que invalidaria a argumentação de o objeto não ter marcação nas sentenças (36a) a (36d).

DeLancey (2004) chama a atenção para o dado em (36e): quando o objeto está na primeira pessoa, une-se fonologicamente ao verbo, o que não ocorre, por exemplo, em (36d). Essa união configuraria um comportamento diferente entre A (que recebe a marcação de Caso {-in}), S (que não recebe marcação morfológica) e P (que une-se fonologicamente ao verbo), o que, para o autor, seria uma evidência de que o sistema ergativo distingue sentenças transitivas e intransitivas por meio da marcação morfológica de Caso (GIVÓN, 2001 *apud* DELANCEY, 2004), e não pela diferenciação entre o comportamento de A em relação ao de S e P.

Com relação aos dados do Tibetano, DeLancey (2004) destaca a opcionalidade da marca de ergativo em orações transitivas com verbos não perfectivos e em orações intransitivas com verbos perfectivos, como podemos observar nos dados em (37) e (38):

(37) a. **nga-s stag bsad-pa yin**⁹⁵
 Eu-ERG tigre matar(PAS)-PERF/CONJ
 “Eu matei um tigre”.

b. **nga(-s) stag gsod-kyi yod**⁹⁶
 “Eu estou matando um tigre”.

c. **nga(-s) stag gsod-kyi yin**
 “Eu matarei um tigre”.

Em (37), podemos observar que, em orações transitivas com verbos no perfectivo, a marcação morfológica de ergatividade {-s} é obrigatória. Nas demais orações transitivas, essa marcação é opcional. Nas orações intransitivas, em (38), há opcionalidade quando os verbos estão no perfectivo e indicam volição, e não há marcação morfológica quando os verbos não estão nesse aspecto ou não indicam volição, como podemos observar a seguir:

(38) a. **nga(-s) bod-la phyin-ba yin**⁹⁷
 Eu(-ERG) Tibete-LOC ir(PAS)-PERF/CONJ
 “Eu fui ao Tibete”.

⁹⁵ Os dados em (37) são de DeLancey (2004, s.p.).

⁹⁶ Os dados em (37b) e (37c) estão sem a glosa no artigo de DeLancey (2004, s.p.).

⁹⁷ Os dados em (38) são de DeLancey (2004).

b. **nga(*-s) bod-la >gro-gyi yod**⁹⁸

“Eu vou ao Tibete”.

c. **nga(*-s) bod-la >gro-gyi yin**

“Eu irei ao Tibete”.

Como já vimos, na classificação tradicional, uma língua pode ser classificada como ergativa quando A tem um comportamento diferente de S e P, os quais, por sua vez, apresentam comportamento semelhante. Observando os dados do tibetano em (37) e (38), percebemos que, com o verbo no perfectivo, teremos duas opções: (1) A marcado com {-s}, S marcado com {-s} (para o verbo indicando volição) e P sem marcação, o que resulta na configuração nominativa $S=A \neq P$; ou (2) A marcado com {-s} e S (para o verbo indicando volição) e P sem marcação, o que resulta na configuração ergativa $S=P \neq A$. Com os verbos não perfectivos também teremos duas opções: (1) A marcado com {-s} e S e P sem marcação, o que resulta na configuração ergativa $S=P \neq A$; ou (2) A, S e P sem marcação morfológica. Há duas situações bem específicas, portanto, em que o tibetano obedece ao alinhamento ergativo segundo a classificação tradicional: (1) com o verbo no perfectivo e assumindo que S não tem marcação morfológica (o que não pode ser feito no caso em que verbos indicam volição porque a marcação de S é opcional); e (2) com o verbo não perfectivo e assumindo que A tem marcação morfológica (o que também não pode ser feito porque a marcação de A é opcional).

De Lancey (1984 *apud* 2004, s.p.) defende que, em tibetano, “quanto mais próxima uma oração estiver da transitividade prototípica, maior a probabilidade de ter uma marcação ergativa”⁹⁹. A oração intransitiva, por outro lado, deve apresentar um verbo perfectivo e ativo para permitir a opcionalidade, confirmando o que foi visto nos dados em (38). O autor dá um exemplo em que a marca de ergativo pode aparecer em uma oração transitiva mesmo sem o verbo no perfectivo:

(39) **nga(-s) de shes-kyi med**

Eu-(ERG) DEM saber(conhecer)-NEG/IMPF/CONJ

“Eu não sei(conheço) aquilo”.

⁹⁸ Os dados em (38b) e (38c) estão sem a glosa no artigo de DeLancey (2004, s.p.).

⁹⁹ Tradução livre do trecho “the closer a clause is to prototypical transitivity, the more likely it is to have an ergative-marked argument” (DELANCEY, 1984 *apud* 2004, s.p.).

DeLancey (2004) ressalva que, em tibetano, a marca de ergatividade não é tão opcional; tem a função discursivo-pragmática de focalização. Logo, em tibetano, a marca de ergatividade tem a função de “marcar uma categoria discursivo-pragmática particular” (*ibidem*, s.p.) e, em Mizo, tem a função de determinar o agente. O tibetano, portanto, seria melhor classificado como uma língua nominativa que tem uma marca de Caso com função pragmática.

Algumas línguas classificadas como de “ergatividade cindida” são reanalisadas por DeLancey (2004), que defende que a marcação de Caso tem base dêitica, não ergativa; o autor analisa os dados do sahaptin¹⁰⁰:

(40) a. **winsh** **i-winá-na**¹⁰¹

homem 3sg-ir-PAS

“O homem foi”.

b. **pá-q'ínu-sha** **wínsh-in** **tílaaki-n**

3:3-ver-PROG homem-ERG1 mulher-AC

“O homem vê a mulher”.

Em (40), há a marcação {-n} em P, que difere da ausência de marcação em S. Mesmo assim, o sahaptin é classificado como uma língua de ergatividade cindida, em que obedecem ao sistema ergativo os argumentos de terceira pessoa e, ao nominativo, os de primeira e segunda. DeLancey (1981 *apud* 2004) não reconhece a hierarquia de animacidade ou agentividade (abordada no subtópico 2.2.2) como um critério eficiente e defende que a única hierarquia efetiva para os sistemas de ergatividade cindida é aquela em que a primeira e a segunda pessoas se sobrepõem à terceira. Logo, esse tipo de ergatividade põe em destaque o centro dêítico, como pode ser visto nos dados do sahaptin:

(41) a. **iwínsh-nm=nash** **i-q'ínu-sha (in-áy)**¹⁰²

homem-ERG2=1sg 3Suj-ver (Eu-OBJ)

“O homem me vê”.

¹⁰⁰ Língua falada por uma comunidade indígena no norte do Estado do Oregon e no sul do Estado de Washington (EUA).

¹⁰¹ Os dados em (40) são de Rigsby and Rude (1996 *apud* DELANCEY, 2004, s.p.).

¹⁰² Os dados em (41) são de Rude (1991 *apud* DELANCEY, 2004, s.p.).

- b. **iwínsh-nm=nam** **i-q'ínu-sha** **(íma-náy)**
 homem-ERG2=2sg 3Suj-ver-PROG (você-OBJ)
 “O homem vê você”.

Em sahaptin, o marcador {-in} indica ergatividade quando P e A estão na terceira pessoa (como em (40b)) e o marcador {-nm}, quando P está na primeira ou segunda (como em (41)). Essa já é uma evidência de que o sistema baseia-se na dêixis (RUDE, 1991 apud DELANCEY, 2004). Outra evidência da centralidade da dêixis pode ser observada em (42):

- (42) a. **á-q'ínu-sha=ash** **winsh-na**¹⁰³
 3Obj-ver-PROG=1sg homem-OBJ
 “Eu vejo o homem”.
- b. **i-q'ínu-sha=ash** **winsh-nm**
 3Suj-ver-PROG=1sg homem-ERG
 “O homem me vê”.
- c. **ín=ash** **á-tuXnana** **yáamash-na**
 Eu-1sg 3Obj-atirar cervo-OBJ
 “Eu atirei em um cervo”.
- d. **nishá-pa=sh** **wá** **kusikusi**
 casa-em=1sg estar cachorro
 “Meu cachorro está em casa”.
- e. **Xlák=nash** **wá** **núsuX**
 muito=1sg estar salmão
 “Eu tenho muito salmão” (lit. algo como “Eu, há muito salmão”).

De acordo com DeLancey (2004), há um clítico pronominal que tem a função única de marcar a primeira e a segunda pessoas em sahaptin, invariavelmente. Em (42), observamos

¹⁰³ Os dados em (42) estão presentes em DeLancey (2004, s.p.).

que {ash} (e variações) marca a primeira pessoa e, em (41b), que {am} (e variações) marca a segunda. Para o autor, a marca de ergativo nessa língua seria também um sistema dêitico.

Comparando o comportamento do sistema ergativo nessas três línguas – tibetano, mizo e sahapitin –, DeLancey (2004) defende que a classificação de línguas de comportamento tão diferente em um só tipo (ergativo cindido) é inapropriada. Para analisar essa ideia de ergatividade, o autor considera a definição de S, A e O¹⁰⁴. Sobre S, o argumento é que o grande número de línguas classificadas como de intransitividade cindida mostra que S não é uma categoria única. Em línguas nominativas, não há um critério estrutural ou semântico-pragmático que diferencie S e A. Em línguas ergativas, poder-se-ia argumentar que S é morfologicamente semelhante a O e sintaticamente semelhante a A, mas essas propriedades não seriam universais. Sobre A, o argumento é que não há uma diferenciação sintática entre agente e experienciador em A, tampouco em S.

A definição de S, A e O poderiam ser usados, para DeLancey (2004), como base para a descrição das línguas de acordo com o comportamento de cada um. Ele cita o exemplo do tibetano:

Na tentativa de dar rapidamente a um outro linguista uma ideia de como é o tibetano, os termos A, S e O são indicadores muito úteis. Então, eu poderia descrever o Tibetano como tendo uma marcação diferencial em A de acordo com uma complexa mistura de agentividade, aspecto e fatores discursivo-pragmáticos, e S de acordo com uma mistura ligeiramente diferente do mesmo conjunto de fatores, e O marcado ou não marcado de acordo com um fator sintático-semântico estrito.¹⁰⁵ (DELANCEY, 2004, s.p.).

Embora exemplifique essa descrição, o autor defende que, apesar de serem conceitos úteis, uma língua pode ser muito bem descrita sem mencionar A ou O; ressalta ainda que o fato de nomear o sujeito da transitiva como A (agente) exclui da descrição o experienciador. A ideia de ergatividade, destarte, é pouco proveitosa ou, como o título do artigo sugere, é como comparar “pássaros azuis e gaios azuis, sem nenhuma razão melhor do que o fato de eles terem a mesma cor” (DELANCEY, 2004, s.p.).

Queixalós (2013), em sua obra *L'ergativité est-elle un oiseau bleu?* “A ergatividade é um pássaro azul?”, traz alguns conceitos em que a ideia de ergatividade se baseia e vai de encontro às ideias de DeLancey (2004), buscando provar que a ergatividade **não** é um pássaro

¹⁰⁴ Até esse ponto, usamos a representação P (paciente), em conformidade com Payne (1997), mas DeLancey (2004) usa, ao longo de todo o artigo, a representação O (objeto).

¹⁰⁵ Tradução livre do trecho: “In trying to quickly give another linguist an idea of what Tibetan is like, the terms A, S and O are very useful signposts. So, I could describe Tibetan as having differential marking on the A according to a complex mix of agentivity, aspect, and discourse-pragmatic factors, and differential marking on S according to a slightly different mix of the same set of factors, and marked or unmarked O according to a strict semantic-syntactic factor.” (DELANCEY, 2004, s.p.).

azul. Ele inicia com o conceito de verbo, que descreve uma forma de existir, ou seja, requer um número de participantes (valência) e tipos de referentes, seus papéis (agente, paciente etc.), sua hierarquia na oração e suas relações gramaticais. A partir do verbo é estabelecida a estrutura da proposição.

Queixalós (2013, p. 7) destaca a definição de ergatividade usada por DeLancey (2004): “a ergatividade consiste em um alinhamento onde o sujeito do verbo intransitivo e o objeto do verbo transitivo têm as mesmas propriedades, enquanto o sujeito do verbo transitivo tem propriedades diferentes”¹⁰⁶. Para ele, tal definição está equivocada porque 1) ainda que os termos *sujeito* e *objeto* sejam usados sintaticamente, a definição exclui as línguas sintaticamente ergativas e 2) se a ideia de *sujeito* e *objeto* estiver ligada, respectivamente, a *agente* e *paciente* (com a associação dos outros tipos de participantes a esses dois), a definição mescla os níveis sintático e semântico.

Com o objetivo de tornar mais precisas as categorias de análise, Queixalós (2013) define as noções intuitivas de *agente* e *paciente* como papéis dos argumentos verbais de verbos transitivos prototípicos – isto é, verbos transitivos com agente e paciente, experienciador e estímulo, possuidor e possuído etc. A partir dessa definição, o autor defende que a ergatividade se dá quando:

- a. em virtude de sua diátese primária, um verbo transitivo projeta seus participantes nos atuantes de tal maneira que o atuante que expressa o paciente domina aquele que expressa o agente em relação a pelo menos uma das hierarquias que a forma revela;
- b. as propriedades que sustentam essa dominância trazem o atuante que expressa o paciente para mais perto do atuante único do verbo monovalente¹⁰⁷. (*ibidem*, p. 8).

A especificação de *diátese primária* deve-se à característica primitiva e, portanto, mais simples do verbo. A oração transitiva primária é “aquela que é proferida com o mínimo de requisitos pragmáticos (situacionais, contextuais)”¹⁰⁸ (QUEIXALÓS, 2007, p. 97). O domínio do atuante paciente diz respeito à sua forma menos marcada e à sua prioridade em operações sintáticas, propriedades essas compartilhadas com o argumento único das orações intransitivas

¹⁰⁶ Tradução livre do trecho : “l'ergativité consiste en un alignement où le sujet du verbe intransitif et l'objet du verbe transitif ont les mêmes propriétés tandis que le sujet du verbe transitif a des propriétés différentes” (QUEIXALÓS, 2013, p. 7).

¹⁰⁷ Tradução livre do trecho: “a. en vertu de sa diathèse primaire, un verbe transitif projette ses participants sur les actants de telle manière que l'actant exprimant le patient domine celui exprimant l'agent au regard d'au moins une des hiérarchies que la forme révèle; b. les propriétés qui fondent cette dominance rapprochent l'actant exprimant le patient de l'actant unique du verbe monovalent” (QUEIXALÓS, 2013, p. 8).

¹⁰⁸ Tradução livre do trecho: “[...] aquélla que es proferida con el mínimo de requisitos pragmáticos (situacionales, contextuales)” (QUEIXALÓS, 2007, p. 97).

(QUEIXALÓS, 2004, 2013). Em seu artigo *Split Transitivity and Coreference in Katukina*, no mesmo volume do artigo de Delancey abordado neste subtópico, Queixalós (2004) defende também que, na construção ergativa, o argumento externo da oração transitiva é morfologicamente marcado da mesma maneira que o argumento único da oração intransitiva. A ergatividade de uma língua é homogênea quando se manifesta por condições morfológicas e sintáticas e heterogênea, quando se manifesta apenas por condições morfológicas.

Como resultado das restrições acima, estão excluídos da classificação ergativa os verbos passivo e oposto, por estarem em diátese secundária; o alinhamento tripartido, por não haver o compartilhamento entre o atuante paciente e o argumento único das intransitivas; o alinhamento nominativo-absolutivo, por haver mais de um tipo de atuante no verbo monovalente (como no caso da intransitividade cindida); a ergatividade onipresente e a discursiva, por não dependerem da diátese do verbo; e, por fim, o todo intransitivo, por tratar os verbos como primários e os atuantes, como adjuntos.

Queixalós (2013) discute a ergatividade, em nível sintático, a partir de Marantz (1984 *apud* Queixalós, 2013). Segundo Marantz, é apenas a sintaxe que define a classificação das línguas em nominativas ou ergativas, e não a morfologia. Logo, são admitidas duas situações para cada alinhamento: línguas de sintaxe e morfologia nominativa – ou nominativo-acusativas de tipo A – e línguas de sintaxe nominativa e morfologia ergativa – ou nominativo-acusativas de tipo B; línguas de sintaxe e morfologia ergativas – ou ergativas de tipo A – e línguas de sintaxe ergativa e morfologia nominativa – ou ergativas de tipo B, sendo as últimas não encontradas nas descrições das línguas.

Ainda segundo Marantz (*ibidem*), uma língua acusativa terá o agente sujeito e o paciente objeto, e a língua ergativa, exatamente o inverso. O sujeito seria definido pela relação entre PRO e os verbos no infinitivo. Exemplos de outras línguas (diferentes do inglês) enfraqueceram a argumentação de Marantz com relação aos testes para classificação das línguas. Queixalós (2013) propõe quatro níveis de análise para a identificação do alinhamento: funções, Casos, papéis e temas, organizados hierarquicamente nessa ordem. Para o autor, “uma noção do nível superior é determinada por um conjunto de noções de nível inferior”¹⁰⁹ (*ibidem*, p. 25-26), como mostram os exemplos em francês:

(43) a. funções > Casos **il chante / il a faim** sujeito = {nominativo, dativo}¹¹⁰

¹⁰⁹ Tradução livre do trecho “une notion du niveau supérieur est sur-déterminée par un ensemble de notions de niveau inférieur” (QUEIXALÓS, 2013, p. 25-26).

¹¹⁰ Exemplos presentes em Queixalós (2013, p. 26).

- “Ele canta / Ele está com fome”
- b. Casos > papéis **elle souffre / elle nourrit la cane** nominativo = {paciente, agente}
 “Ela sofre / Ela se alimenta de cana”
- c. papéis > temas **elle nourrit la cane / il chante** agente = {Jeanne, Georges}
 “Ela se alimenta de cana / Ele canta”

Em (43a), o Caso nominativo de *il* na primeira sentença e o dativo de *faim* na segunda indicam a função de sujeito de *il*; em (43b), o papel temático paciente de *elle* na primeira sentença e o papel temático agente de *elle* na segunda indicam o Caso nominativo em *elle*; em (43c), o tema *Jeanne*, referente de *elle* na primeira sentença e o tema *Georges*, referente de *il* na segunda, indicam o papel de agente de *elle* e *il*. No próximo capítulo (subtópico 3.3.1), voltaremos a discorrer sobre a ergatividade, especificamente na língua Katukina-kanamari.

3 ASPECTOS MORFOLÓGICOS E SINTÁTICOS DA LÍNGUA KATUKINA-KANAMARI

Neste capítulo, faremos uma breve apresentação da gramática Katukina nos níveis fonético-fonológico, morfológico e sintático, com base principalmente nos estudos de Dos Anjos (2011, 2012). No nível fonético-fonológico, temos os fonemas e fones consonantais e vocálicos, a estrutura silábica, o acento das palavras e os processos morfofonológicos do Katukina: alomorfia e procliticização; no nível morfológico, temos a classificação isolante da língua, as classes de palavras flexionáveis (nomes, verbos e posposições) e não flexionáveis (advérbios) e o destaque para o processo flexional de marcação de Caso com o morfema {-na}; no nível sintático, temos a ordem dos constituintes, a ausência de marcação morfológica de Caso na ocorrência dos prefixos pessoais e os casos de opcionalidade do {-na} em ocorrências com objeto de posposição.

3.1 NÍVEL FONÉTICO-FONOLÓGICO

Segundo Dos Anjos (2012), o katukina contém doze fonemas consonantais divididos pelo critério de traço [$\pm$ soante]. Entre os fonemas [-soantes], estão os vozeados – /b/, /d/ e /dʒ/ – e os desvozeados – /p/, /t/, /tʃ/, /k/ e /h/. Entre os [+soantes], estão os [+nasais] – /m/, /n/ e /ɲ/ – e um fonema [-nasal] – /l/.

De acordo com a autora, os fones consonantais são 17, classificados pelo modo e local de articulação, respectivamente: os oclusivos [p] e [b] (labiais), [t] e [d] (alveolares), [k] e [kʰ] (velares) e [ʔ] (glotal); os nasais [m] (labial), [n] (alveolar), [ɲ] (palatal) e [ŋ] (velar); o fricativo [h] (glotal), os africados [tʃ] e [dʒ] (pós-alveolares), o lateral [l] (retroflexo) e os aproximantes [w] (labiovelar) e [j] (palatal).

Abaixo estão alguns exemplos das ocorrências dos fonemas e fones consonantais do katukina e os respectivos pares mínimos:

(44) a. /p/ e /b/ e [p] e [b]

/pa:da/ [pa:'da] ‘cuia’

/ba:da/ [ba:'da] ‘catipuru’

b. /t/ e /d/ e [t] e [d]

/tuŋ/ [tõŋ] ‘cesto’

/duŋ/ ['dõŋ] ‘peixe(sp)’

c. /tʃ/ e /dʒ/ e [tʃ] e [dʒ]

/kamudʒa/ [kamu'dʒa] ‘macaco barrigudo’

/amutʃa/ [amu'tʃa] ‘fugir’

d. /n/ e /ɲ/ e [n] e [ɲ]

/mana/ [ma'na] ‘procurar’

/maɲa/ [ma'ɲa] ‘coisa grande’

e. /n/ e /l/ e [n] e [l]

/nu:lɯ/ [no:'lɯ] ‘macaco zogue-zogue’

/lu:bɯ/ [lu:'bɯ] ‘ir’

(DOS ANJOS, 2012, p. 127-128)

Dos Anjos (2012) lista 8 fonemas vocálicos do katukina: /i/, /ɯ/, /u/, /a/ – as formas breves – e /i:/, /ɯ:/, /u:/ e /a:/ – as formas longas correspondentes. Os fones vocálicos são 29, sendo 16 orais – [i], [i:], [ei], [ɛ], [ɛi], [ai] (palatais); [u], [u:], [ou], [ɔ], [ɔu], [a], [a:], [au] (velares com traço [+labial]); [ɯ], [ɯ:] (velares com traço [-labial]) – e 13 nasais – [ĩ], [ĩ:], [ẽĩ], [ɛ], [ɛĩ], [ãĩ] (palatais); [ũ], [ũ:], [õũ], [ɔ], [ɔũ], [ã] e [ãũ] (velares com traço [+labial]).

A seguir, encontram-se alguns exemplos das ocorrências dos fonemas e fones vocálicos do katukina e os respectivos pares mínimos:

(45) a. /i/ e /i:/ e [i] e [i:]

/i/ [i] ‘dente’

/i:/ [i:] ‘pé’

b. /ɯ/ e /ɯ:/ e [ɯ] e [ɯ:]

/wɯ/ ['wɯ] ‘querer’

/wɯ:lɯ/ [wɯ:'lɯ] ‘garganta’

c. /u/ e /u:/

/tʃu/ ['tʃo] ‘exortativo’

/tʃu:/ [tʃo:] ‘pupunha’

d. /a/ e /a:/ e [a] e [a:]

/wapaŋ/ [wa'pãŋ] ‘marí’

/wa:paŋ/ [wa:'pãŋ] ‘ter fome’

(*Ibidem*, p. 134)

O katukina possui a estrutura silábica (C₁) V₁ (V₂) (C₂), ou seja, autoriza ataque silábico (C₁), núcleo silábico complexo (V₁ (V₂)) e coda silábica (C₂) e não autoriza ataque complexo (C₁C₂) (DOS ANJOS, 2012). Os padrões silábicos seguem abaixo com os respectivos exemplos:

(46) V ₁	/ikau/	[i'kao]	‘chorar’
V ₁ V ₂	/i:ku/	[i:'ko]	‘olho’
C ₁ V ₁	/matuli/	[mato'li]	‘louro preto’
C ₁ V ₁ V ₂	/taukala/	[taoka'la]	‘galinha’
V ₁ C ₂	/tiuK/	[ti'ɔk']	‘saber’
V ₁ V ₂ C ₂	/auK/	['auk']	‘buraco’
C ₁ V ₁ C ₂	/baK/	['bak']	‘ser bom’
C ₁ V ₁ V ₂ C ₂	/mi:daiK/	[mi:'daik']	‘neta’

(*Ibidem*, p. 136)

Segundo Dos Anjos (2012, p. 137), “todas as consoantes ocupam a posição de ataque silábico”. Em posição de ataque, os fonemas /p/, /b/, /t/, /d/, /tʃ/, /dʒ/, /h/, /k/, /m/, /n/ e /ɲ/ são realizados como os fones correspondentes: [p], [b], [t], [d], [tʃ], [dʒ], [h], [k], [m], [n] e [ɲ]; a lateral /l/ sofre retroflexão [ɭ] e as vogais /i/ e /u/ são realizadas como /j/ e /w/, respectivamente. Ainda segundo a autora, a coda silábica é licenciada em katukina apenas para as consoantes com traço [-aproximante]: /p/, /t/, /tʃ/, /k/, /b/, /d/, /dʒ/, /h/, /m/, /n/, /ɲ/ e /l/, porém há uma neutralização que resulta nas realizações [ŋ], no caso dos quatro últimos fonemas, e [k], no caso dos demais. Observem-se os exemplos:

- *Ataque:*

(47)	/p/ - [p]	/wa:pu/	[wa:'pu]	‘estar pronto’
	/tʃ/ - [tʃ]	/kitʃana/	[kitʃa'na]	‘gato doméstico’
	/l/ - [l]	/lu:buu/	[lu:'bu]	‘ir’
	/u/ - [w]	/uapaŋ/	[wa'pãŋ]	‘marí’
	/i/ - [j]	/kapaiu/	[kapa'jo]	‘mamão’

(DOS ANJOS, 2012, p. 138-139)

- *Coda:*

(48)	/K/	/uakaK/ - [wa'kak']	‘abacaxi’
	/ŋ/	/paŋ/ - [pãŋ]	‘braço’

(*Ibidem*, p. 140-141)

Quanto ao acento das palavras do katukina, Dos Anjos (2012, p. 149) verificou sua ocorrência na última sílaba, o que não é modificado no processo de sufixação, conforme os exemplos abaixo:

(49) a.	/ki:taŋ/	-	[ki:'tãŋ]
	dormir		
	“(Ele) dorme”.		

b.	/ki:taŋ-niŋ/	-	[ki:tãŋ'nĩŋ]
	Dormir-DUR		
	“(Ele) está dormindo”.		

(50) a.	/pi:da/	-	[pi:'da]
	onça		
	“A onça”.		

b.	/pi:da-pa/	-	[pi:da'pa]
	onça-VRBLZ		
	“Agir como onça”.		

Finalmente, com relação à interface fonologia-morfologia, Dos Anjos (2012) identificou dois processos: o de alomorfia e o de procliticização. Como exemplo do primeiro, a autora mostra a ocorrência dos alomorfes *-i*, *-k* e *-hik*, que vão variar de acordo com o último fonema da palavra anterior. Eles têm a função de sufixo intransitivizador e, portanto, são ligados a um verbo. O ambiente que favorece a produção do *-i* é a antecedência do fonema /k/ (cf. (51a)); o que favorece a do *-hik* é a anteposição de /ŋ/ (cf. (51b)) ou de fonema vocálico (cf. (51c)), com exceção de /u/; e do *-k*, por fim, é a precedência do fonema vocálico /u/ (cf. (51d)):

- (51) a. **haK-i** **adu**
 flechar-INTRNZ 1SNG
 “Eu me furei”.
- b. **tupuhaŋ-hik** **idi:k**
 soprar-INTRNZ 2SNG
 “Você soprou”.
- c. **kuuni-hik** **adu**
 morder-INTRNZ 1SNG
 “Eu mordi a mim mesma”.
- d. **tuu** **pu-k** **nuuk**
 outro comer-INTRNZ grupo
 “As pessoas comeram outrem”.

(DOS ANJOS, 2012, p. 151)

A procliticização, de acordo com a autora, é verificada na ocorrência dos clíticos *-niŋ=*, *-hi=* e *-na=*. Embora a função gramatical desses clíticos esteja ligada a seus antecedentes, a sua realização fonológica se dá com a união ao elemento sucessor, que é o núcleo do sintagma, conforme os exemplos abaixo:

- (52) a. **ki:taŋ-niŋ=** **bak**
 dormir-MDP ser bom
 “(Ele) dormiu muito”.

b. **dadu:hi** **itfalu-hi=** **nuuk**
 correr, fugir mulher-COL grupo

“A mulherada fugiu”.

c. **ua:pa-na=** **ti:** **taukala**
 cachorro-ERG matar galinha

“O cachorro matou a galinha”.

(DOS ANJOS, 2012, p. 152-153)

A última ocorrência (52c) é a que será examinada em nosso estudo, conforme vimos no primeiro capítulo. De acordo com Dos Anjos (2012), a estrutura que marca os Casos ergativo, genitivo e oblíquo é representado pelo clítico {-na=} ¹¹¹, ligado gramaticalmente ao seu antecessor e, fonologicamente, ao núcleo do sintagma. Vimos, nos capítulos anteriores, vários exemplos dessas ocorrências e veremos ainda neste capítulo e no próximo.

3.2 NIVEL MORFOLÓGICO

Conforme Dos Anjos (2011, p. 131), o “katukina é uma língua fortemente isolante, mas que apresenta características encontradas nas línguas aglutinantes”. Em geral, cada morfema corresponde a uma palavra e há também ocorrência de palavras com vários morfemas, mas mesmo essas palavras apresentam uma fronteira sonora clara entre os morfemas. Seguem os exemplos abaixo:

(53) a. **ki:nhi** **wu:dyon**

voltar lontra

“A lontra voltou”.

b. **ki:nhi** **wu:dyon** **manati**

voltar lontra ontem

“A lontra voltou ontem”.

¹¹¹ Queixalós (2013) e Dos Anjos (2011, 2012) usam os símbolos “-” para realização morfológica e “=” para realização fonológica.

- c. **ki:nhi** **wu:dyon** **tyi:n**
 voltar lontra FUTPROX
 “A lontra voltará”.

(DOS ANJOS, 2011, p. 129-130)

Nos exemplos em (53), o verbo *ki:nhi* tem a mesma estrutura, tendo como diferencial o advérbio *manati* para marcar o tempo ou o clítico *tyi:n* para marcar o aspecto. Na ocorrência abaixo, *ki:nhi* se une a outros morfemas (DOS ANJOS, 2011).

- (54) **ki:nhi-dik-nin** **wu:dyon**
 voltar-CTRP-DUR lontra
 “A lontra está voltando para cá”.

(*Ibidem*, p. 130)

Dos Anjos (2011) classifica as classes de palavras do katukina em flexionáveis – aquelas que licenciam afixos dêiticos, de pessoa, caso e aspecto (nomes, verbos e posposições) e não flexionáveis (advérbios). Entre as flexionáveis, o possível afixo dos nomes indica, por exemplo, movimento em direção a algo (cf. (55a)); o dos verbos, a duração do evento (cf. (55b)) e o das posposições, nenhuma das duas situações (cf. (55c)):

- (55) a. **kaya** **hak-na**
 ir casa-ALT
 “Vamos à casa”.
- b. **mimi** **ha-o-nin**
 sangue 3sg-beber-DUR
 “Ele está bebendo o sangue”.

- c. **Dyoaki** **hi:ri** **o:man** **wa-na**
 Joaquim subir árvore, pau PRL-CTRF
 “Joaquim subiu pela árvore”.

(*Ibidem*, p. 132-133)

Os pronomes em katukina, uma subclasse dos nomes, podem ser expressos em forma de prefixos (cf. tabela 3) ou de formas pronominais livres (cf. tabela 4):

Tabela 3 - Prefixos pessoais (DOS ANJOS, 2011, p. 134)

	Singular	plural
1^a	yok-	tyo-
2^a	no-	na-
3^a	ha-/a-¹¹²	ma-

Tabela 4 - Formas pronominais livres (DOS ANJOS, 2011, p. 142)

	Singular	Plural
1^a	Adu	adi:k
2^a	idi:k	idi:ki
3^a	ityian	atyian

Ainda segundo a autora, os nomes inalienáveis, os verbos divalentes e as posposições selecionam prefixos pessoais:

(56) a. **yok-owamok**

1sg-esposa

“Minha esposa”.

b. **yok-hak** **no:ru**

1sg-flechar macaco zogue-zogue

“Eu flechei o macaco zogue-zogue”.

c. **ha-katu** **Aiobi**

3sg-SOC2 Aiobi

“O Aiobi está com ela”.

(DOS ANJOS, 2011, p. 134-135)

¹¹² {a-} é um alomorfe de {ha-} inserido no quadro por nós.

Os pronomes livres podem se associar ao proclítico {-na} e ocupar a posição de argumento interno ou externo:

- (57) a. **idi:ki-na=** **tyara** **dak,** **anyaiki**
 2pl-ERG torrar couro mulherada
 “Vocês vão torrar couro, mulherada”.

- b. **Pityira-na=** **ho:han** **adu**
 Pityira-ERG gritar, chamar 1sg
 “Pityira chamou-me”.

(DOS ANJOS, 2011, p. 142)

A afirmação e o dado (57a) de Dos Anjos (2011) vão de encontro à afirmação de Queixalós (2007, 2013) de que “[...] o termo pré-verbal pode ser representado por um sintagma nominal [...] ou por um prefixo de pessoa [...], enquanto o pós-verbal pode ser representado por um sintagma nominal [...] ou por um pronome livre”, presente na seção 2.3.1 deste estudo. Para o autor, o pronome livre *idi:ki* não poderia ocupar a posição pré-verbal e, conseqüentemente, não poderia receber a marcação ergativa {-na}. Retomaremos essa questão no capítulo 4, com dados que ratificam a afirmação de Dos Anjos (2011).

Como já abordado na subseção 2.3.1, os verbos em katukina são classificados em divalentes – são ligados a duas entidades e licenciam o paradigma de prefixos pessoais – e monovalentes – são ligados a uma entidade e não licenciam os prefixos:

- (58) a. **tyo-dyuman** **ta:hi**
 1pl-derramar água
 “Nós derramamos água”.

(*Ibidem*, p. 149)

- b. **no:k** **opatyi:n**
 estar com raiva criança
 “A criança está brava”.

(*Ibidem*, p. 151)

As posposições do katukina registradas por Dos Anjos (2011) foram: *ama* ‘destinatário’; *han/katu* ‘sociativo 1 e 2’ (cf. (59a) e (59b)); *iki* ‘inessivo’ (interior, dentro) (cf. (59c)); *iton* ‘privativo’ (na ausência de) (cf. (59d)); *hon* ‘causa’ (cf. (59e)) ; *patu/to* ‘alativo 1 e 2’ (em direção a / à (casa, por exemplo)) (cf. (59f)); *ton* ‘superessivo’ (em cima, para) (cf. (59g)); *tona* ‘sublativo’ (por baixo) (cf. (59h)); *to:na/to:dik* ‘subessivo’ (no fundo, embaixo) (cf. (59i)) e *wana/wadik* ‘perlativo’ (por – pela árvore, por exemplo) (cf. (59j)). Vejamos alguns exemplos:

(59) a. **daan** **mintyai** **oparanin** **han**
 sair cintura coisa branca SOC1
 “Saiu com a coisa branca (miçanga) na cintura”. (*Ibidem*, p. 324)

b. **ha-hak** **tabi** **maripu-na=** **katu**
 3sg-flechar jacu sarabatana-OBJPOSP SOC2
 “Ele flechou o jacu com a sarabatana”. (*Ibidem*, p. 157)

c. **dadyoran** **manuru** **hak** **iki-na**
 entrar mosca casa INES-CTRF
 “A mosca entrou na casa”. (*Ibidem*, p. 158)

d. **ha-iton** **kodi:k-na**
 3sg-PRVT tomar banho-CTRF
 “Na ausência dele, ela tomou banho”. (*Ibidem*, p. 159)

e. **tyuku** **opatyi:n** **[no-hon]**¹¹³
 morrer criança 2sg-CAUS
 “A criança morreu por causa de ti”. (*Ibidem*, p. 325)

f. **daan** **Kopa** **wi:ri** **patu-na**
 sair Kopa queixada ALT1-CTRF
 “Kopa saiu em direção à queixada”. (*Ibidem*, p. 159)

¹¹³ Segundo Dos Anjos (2011), esse é um dado kanamari.

g. **yok-hi:k** **pi:da** **kitan-nin** **o:man** **ton**
 1sg-ver onça dormir-DUR árvore, pau SUPS

“Eu vi a onça dormindo sobre o pau”.

(*Ibidem*, p. 160)

h. **dadyoran** **hak** **tona**
 entrar casa SUBLT

“(Eles) entraram por baixo da casa”.

(*Ibidem*, p. 160)

i. **mirik** **adu** **hon** **to:na**
 agarrar 1sg terra SUBS

“Eles agarraram-me no fundo da terra”

(*Ibidem*, p. 161)

j. **Dyoaki** **hi:ri** **o:man** **wa-na**
 Joaquim subir árvore, pau PRLT-CTRF

“Joaquim subiu pela árvore”.

(*Ibidem*, p. 161)

No que diz respeito às palavras não flexionáveis, os advérbios, são de três tipos: advérbios de tempo, lugar e modo. Os advérbios de tempo são quatro: *aninton* ‘hoje’ (cf. (60a)), *hururu* ‘alvorada’ (cf. (60b)), *manati* ‘ontem’ e *paikadati* ‘de manhã’ (cf. (60c)). Os advérbios locativos são cinco: *kodo* ‘em cima’, *bakti* ‘longe’ (cf. (60d)), *baktitu* ‘perto’, *datanti* ‘ali’ e *tanti* ‘aqui’ e o de modo é *kudu* ‘novamente’ (cf. (60e)). Observem-se alguns exemplos:

(60) a. **tyuku** **pi:da** **aninton**
 morrer onça hoje

“A onça morreu hoje”.

(DOS ANJOS, 2011, p. 163)

b. **hururu** **waok-na** **adu**
 alvorada chegar-CTRF 1sg

“Na alvorada, eu cheguei”.

(*Ibidem*, p. 164)

c. **paikadati** **daan** **Tokaniri**

de manhã sair Tokaniri

“De manhã, Tokaniri saiu”.

(*Ibidem*, p. 165)

d. **bakti-tu** **adu**

longe-NEG 1sg

“Eu não estou longe”.

(*Ibidem*, p. 167)

e. **dyo:kan-na** **wu:dyon** **kudu**

aparecer, chegar-CTRF lontra ITRV

“A lontra apareceu lá de novo”.

(*Ibidem*, p. 171)

Entre outras propriedades, o katukina possui um processo flexional: a marcação de Caso feita pelo clítico {-na}, objeto de investigação do presente estudo. Dos Anjos (2001) apresenta como exemplo um verbo divalente com um prefixo pessoal (cf. (61a)) e substitui esse prefixo por um SN (cf. (61b)). Dessa substituição, decorre a marcação morfológica de Caso Ergativo {-na}:

(61) a. **yok-hak** **no:ru**

1sg-flechar macaco zogue-zogue

“Eu flechei o macaco zogue-zogue”.

b. **Kopa-na=** **hak** **no:ru**

Kopa-ERG flechar macaco zogue-zogue

“Kopa flechou o macaco zogue-zogue”. (DOS ANJOS, 2011, p. 202)

Nos exemplos acima, quando o prefixo pessoal *yok-* está ligado ao verbo divalente, não há a marcação morfológica de Caso. Quando esse prefixo é substituído pelo SN *Kopa*, é inserido também o clítico {-na}, que indica que *Kopa* é marcado com Caso ergativo.

A autora afirma que o {-na} também está nos SNs que têm núcleo formado por nome inalienável, para indicar Caso genitivo¹¹⁴ (cf. (62a)); nos sintagmas preposicionais, para

¹¹⁴ De acordo com Queixalós (2007), os nomes absolutos – aqueles que indicam uma relação de posse **alienável** – requerem a forma *wa* entre o complemento e o núcleo do sintagma, como no exemplo (*ibidem*, p. 99):

indicar o nome que é objeto de posposição (cf. (62b)); e unido aos nomes para indicar Caso alativo (para, na direção de) (cf. (62c)), como vimos no primeiro capítulo do presente estudo. Vejamos os exemplos:

(62) a. **Tirin-na= tyo Tyo:ma**
 Tirin-GEN filha Tyo:ma
 “Tyo:ma é filha de Tirin”.

b. **Tokaniri-na= katu Hu**
 Tokaniri-OBJPOSP SOC2 Hu
 “Hu está com Tokaniri”.

c. **dado:hi nayo-na**
 correr, fugir mãe-ALT
 “Corre para a mãe (Lit: Corre na direção da mãe)”.

(DOS ANJOS, 2011, p. 203-205)

Ainda segundo a autora, a marcação morfológica, nos quatro tipos de Caso – ergativo, genitivo, oblíquo e alativo –, é feita gramaticalmente nos nomes, embora a realização fonológica una o {-na} a um verbo e a uma preposição nos Casos ergativo (cf. (61b)) e oblíquo (cf. (62b)), respectivamente.

3.3 NÍVEL SINTÁTICO

O katukina é formado principalmente por sintagmas verbais, nominais e adverbiais, segundo Dos Anjos (2011). Quando o núcleo desses sintagmas é, respectivamente, um verbo divalente, um nome inalienável e uma posposição, a ordem interna dos sintagmas é a mesma e é expressa por: **dependente** (NOME-CESTR) – **marca de dependência** {-na} – **núcleo** (nomes, verbos e posposições), como podemos perceber nas sentenças abaixo. Por ter a mesma estrutura, a autora defende que o katukina possui isomorfia estrutural:

io	[Owi-na	wa	koya]
Bebi	Owi-MCaso	Posse	cerveja

"Bebi a cerveja de Owi".

(63) a. **[Kopa-na= ti:] pi:da**
 Kopa-ERG matar onça
 “Kopa matou a onça”.

b. **[Pityira-na= tyo] Tikon**
 Pityira-GEN filha Tikon
 “Tikon é filha do Pityira”.

c. **[Pioru-na= katu] Tirin**
 Pioru-OBJPOSP SOC2 Tirin
 “Tirin está com Pioru”.

(DOS ANJOS, 2011, p. 221-222)

Quando SNs são substituídos dentro dos sintagmas por prefixos pessoais, a marca de dependência não aparece, como podemos observar nas sentenças a seguir, equivalentes às apresentadas acima. A ausência de marcação morfológica nos prefixos pessoais também é observada por Queixalós (2007, 2013). No capítulo 4, observaremos a possibilidade dessa ocorrência de marcação em Katukina.

(64) a. **[ha-ti:] pi:da**
 3sg-matar onça
 “Ele matou a onça”.

b. **[ha-tyo] Tikon**
 3sg-filha Tikon
 “Tikon é filha dele”.

c. **[ha-katu] Tirin**
 3sg-SOC2 Tirin
 “Tirin está com ele”.

(*Ibidem*, p. 224-225)

Dos Anjos (2011) registrou a impossibilidade de manutenção do {-na} quando o prefixo pessoal é usado no lugar do SN argumento:

- (65) a. **ha-hi:k** **pi:da**
 3sg-ver, achar onça
 “Ele viu a onça”.

b. ***ha-na= hi:k pi:da**

(*Ibidem*, p. 231-232)

A autora observou outra ordem dos sintagmas verbais, nominais e adverbiais em katukina quando o núcleo é, respectivamente, um verbo monovalente (cf. (66a)), um nome alienável (cf. (66b)) e um advérbio (cf. (66c)). Nesses casos, os sintagmas são formados apenas pelo núcleo do sintagma:

- (66) a. **[tyuku]** **wa:pa**
 morrer cachorro
 “O cachorro morreu”.

b. **[tukuna]** **idi:k**
 ser humano 2sg
 “Tu és ser humano”.

c. **[kodo]** **pi:da**
 em cima onça
 “Tem onça lá em cima”.

(DOS ANJOS, 2011, p. 225-226)

É importante salientar uma observação de Dos Anjos (2011) com relação ao não aparecimento do {-na} em contextos de marcação de Caso oblíquo: em sintagmas posposicionais, a autora registrou dados em que o {-na} não ocorria, mesmo havendo objeto de posposição:

- | | | | |
|---------|---|--------------|----------------------|
| (67) a. | | OBJPOSP | NÚCLEO |
| | yok-toman | wi:ri | [[mokawa-na=] |
| | 1sg-atirar | queixada | espingarda-OBJPOSP |
| | | | katu] |
| | | | SOC2 |
| | “Eu atirei na queixada com a espingarda”. | | |

b.		OBJPOSP	NÚCLEO
	yok-ti:	wi:ri	[[mokawa]
	1sg-matar	queixada	espingarda
			SOC2

“Eu matei a queixada com a espingarda”.

c.		OBJPOSP	NÚCLEO
	daan	[[anyaiki-na=]	katu]
	sair	mulherada-OBJPOSP	SOC2

“(Ele) Saiu com a mulherada”.

d.		OBJPOSP	NÚCLEO
	daan	[[anyaiki]	katu]
	sair	mulherada	SOC2

“(Ele) Saiu com a mulherada”.

(DOS ANJOS, 2011, p. 228-229)

Segundo a autora, a saliência discursiva alta rege o clítico {-na=}, e a baixa, não: “Após realizarmos a conferência de toda a nossa base de dados, a hipótese de que a saliência discursiva do nome objeto de posposição determina a regência do caso por parte da posposição foi confirmada” (*ibidem*, p. 230). Passaremos agora ao capítulo das análises. Traremos elementos dos capítulos anteriores para embasar as discussões quanto ao estatuto do {-na} e da ergatividade em Katukina.

3.3.1 A ergatividade na língua Katukina-kanamari

Para tratar da ergatividade, conforme vimos no subtópico 2.3, Queixalós (2013) usa os dados do Katukina-kanamari, língua investigada pelo autor desde a década de 1990, por Dos Anjos desde o início dos anos 2000, e língua-alvo do presente estudo. Discorreremos um pouco sobre o Katukina nos subtópicos 1.2.2 e 1.3 e traremos mais detalhes sobre sua estrutura no próximo capítulo. A estrutura primária divalente¹¹⁵ do Katukina é núcleo-central, e a estrutura monovalente apresenta o predicado seguido do argumento único (QUEIXALÓS, 2013). Na

¹¹⁵ Queixalós (2013) deixa claro que usará a terminologia monovalente/divalente para se referir a verbos ou orações intransitivas/transitivas, respectivamente, uma vez que, em Katukina, não há “verbos trivalentes, com exceção de ‘dizer’” (*ibidem*, p. 26).

estrutura divalente, o agente ocupa a posição anterior ao verbo e o paciente, a posterior (QUEIXALÓS, 2007), conforme os exemplos a seguir:

(68) a. **pi:da naduni wa:pa**¹¹⁶
 jaguar capturar cachorro
 “O jaguar capturou o cachorro”.

b. **daan wa:pa**
 ir cachorro
 “O cachorro foi [embora]”.

Segundo o autor, o Katukina é uma língua sintática e morfologicamente ergativa. Sintaticamente porque, em orações divalentes, o paciente é proeminente (QUEIXALÓS, 2007), como veremos nos exemplos sobre alguns processos sintáticos; morfologicamente porque a primeira sílaba do verbo divalente em (68a) é, na verdade, a marca de Caso Ergativo {-na=} do elemento anterior, que se une fonologicamente ao núcleo do sintagma verbal, como vimos nos exemplos do capítulo 1 e como podemos observar no exemplo abaixo:

(69) **pi:da-na= duni wa:pa**¹¹⁷
 jaguar-MCaso= capturar cachorro
 “O jaguar capturou o cachorro”.

As propriedades formais do agente – “posição pré-verbal, Caso marcado, indexação no verbo”¹¹⁸ (QUEIXALÓS, 2007, p. 98) – são características do Caso ergativo. Queixalós (2013) não usa a denominação ergativa para o {-na=} porque ele também é usado para marcar o genitivo e o objeto de posposição, por exemplo. Tampouco ele usa a denominação absolutivo para o Caso não marcado em wa:pa, por ele também ser usado em outros contextos. Podem ser observadas outras diferenças morfológicas entre os argumentos do verbo divalente, conforme os exemplos em (70):

¹¹⁶ Os dados em (68) são de Queixalós (2013, p. 27).

¹¹⁷ O dado em (69) é de Queixalós (2013, p. 27).

¹¹⁸ Tradução livre do trecho: “posición pre-verbal, caso marcado, indicación en el verbo” (QUEIXALÓS, 2007, p. 98).

(70) a. **a₁-duni** **Ø₂**¹¹⁹

3sg-capturar

“Ele₁ o₂ capturou”.

b. **a-duni** **wa** **idi:k**

3sg-capturar FUT 2sg

“Ele te capturará”.

Conforme (70a), o termo pós-verbal pode ser nulo, mas não o pré-verbal; o termo pré-verbal pode ser representado por um sintagma nominal, como em (69), ou por um prefixo de pessoa¹²⁰, como em (70), enquanto o pós-verbal pode ser representado por um sintagma nominal, como em (69), ou por um pronome livre, como em (70b) (QUEIXALÓS, 2007, 2013). No capítulo 4 do presente estudo, essas condições morfológicas serão revisitadas e reformuladas de acordo com Dos Anjos (2011) e com a análise dos dados coletados em pesquisa de campo.

Ainda conforme Queixalós (2007, 2013), na constituição do Katukina, o agente é o argumento interno do sintagma verbal e o paciente, o externo, como em (71):

(71) **[[pi:da-na=]** **duni]** **[wa:pa]**¹²¹

jaguar-MCaso= capturar cachorro

O autor lista diversas operações sintáticas (a seguir) que hierarquizam os atuantes da proposição, de forma que demonstram o comportamento do atuante paciente de forma semelhante ao comportamento do argumento único do verbo monovalente.

- Movimento: o atuante interno permanece na posição pré-verbal. Se este atuante (o agente) for topicalizado, um pronome deve substituí-lo (QUEIXALÓS, 2007, 2013).

(72) a. **paiko** **pi:da-na=** **duni**¹²²

avô jaguar-MCaso= capturar

“O jaguar capturou [meu] avô”.

¹¹⁹ Os dados em (70) são de Queixalós (2013, p. 28).

¹²⁰ Prefixos pessoais e formas pronominais livres em Katukina serão abordados no subtópico 3.1.2.

¹²¹ O dado em (71) é de Queixalós (2013, p. 28).

¹²² Os dados em (72) são de Queixalós (2013, p. 29-30).

b. **wa:pa** **daan**

cachorro ir

“O cachorro foi [embora]”.

c. **pi:da** **[[a-duni]** **[paiko]]**

jaguar 3sg-capturar avô

“O jaguar, ele capturou [meu] avô”.

Segundo Queixalós (2013), houve, em (72a), o movimento do atuante externo [paiko] para a posição inicial – a oração original seria *pi:da-na= duni paiko*; o atuante interno [pida-na=] permanece na posição pré-verbal. Em (72b), houve movimento na oração monovalente *daan wa:pa*; o atuante externo [wa:pa] foi movido para a posição inicial, assim como ocorreu em (72a). Em (72c), [pi:da], ao sair do sintagma verbal, não é mais o atuante agente e é substituído pelo prefixo de pessoa {a-}, o novo atuante agente. No movimento, portanto, podemos perceber o mesmo comportamento entre a oração monovalente e a divalente, como veremos também nos processos sintáticos a seguir.

- Elisão: pode ocorrer a elisão do atuante externo sem consequências na forma da sentença; a elisão do atuante interno resultará na sua substituição por um elemento pronominal (QUEIXALÓS, 2007, 2013).

(73) a. **pi:da-na=** **duni**¹²³
 jaguar-MCaso= capturar
 “O jaguar o capturou”.

b. **daan**

ir

“Ele foi [embora]”.

c. **a-duni** **paiko**

3sg-capturar avô

“Ele capturou [meu] avô”.

¹²³ Os dados em (73) são de Queixalós (2013, p. 30).

Em (73a), partindo da oração divalente *pi:da-na= duni paiko*, há a retirada de [paiko], o atuante externo. Em (73b), partindo da oração monovalente *daan wa:pa*, houve também a retirada do atuante externo [wa:pa]. Em (73c), houve a retirada de [pi:da] da oração divalente *pi:da-na= duni paiko*; contudo, como a sentença não pode ter o atuante interno elidido, ele é substituído pelo prefixo de pessoa {a-}, o novo atuante interno.

- Secabilidad¹²⁴: De acordo com Queixalós (2004, 2007)¹²⁵, expressões adverbiais podem ocorrer entre a sequência verbo-atuante externo, tanto em orações monovalentes como divalentes, mas tais expressões não podem interromper a sequência atuante interno-verbo em orações divalentes, conforme os exemplos:

(74) a. **ki:tan dawa wa:pa**¹²⁶
 dormir outra vez cachorro
 “O cachorro dormiu outra vez”.

b. **mapiri-na duni dawa takara**
 serpente-MCaso agarrar outra vez galinha
 “A serpente agarrou a galinha outra vez”.

c. ***mapiri-na dawa duni takara**
 serpente-MCaso outra vez agarrar galinha

d. **mapiri dawa a-duni takara**
 serpente outra vez 3sg-agarrar galinha
 “A serpente agarrou a galinha outra vez”.

Em (74a), a partir da oração monovalente *ki:tan wa:pa dawa*, houve o movimento do advérbio *dawa* para a posição anterior ao atuante externo; em (74b), a partir da oração divalente *mapiri-na duni takara dawa*, houve o mesmo movimento; em (74c), o movimento do advérbio *dawa* para a posição entre o atuante interno e o verbo não foi possível; em (74d), a oração divalente só é gramatical porque o sintagma nominal que estava na posição de

¹²⁴ Mantivemos o nome da operação sintática exatamente como aparece no original em espanhol (QUEIXALÓS, 2007), por não encontrarmos uma tradução adequada para a língua portuguesa.

¹²⁵ Essa operação aparece em Queixalós (2004, 2007), e não em Queixalós (2013).

¹²⁶ Os dados em (74) são de Queixalós (2007, p. 102-103).

atuante interno (mapiri) foi retirado do sintagma verbal e *dawa*, conseqüentemente, não mais está entre o atuante interno e o verbo.

- Ostensão: as formas demonstrativas livres podem modificar ou substituir apenas o atuante externo, e não o interno, como mostram os exemplos a seguir (QUEIXALÓS, 2007, 2013).

(75) a. **yo-hoki** **ityian** **oman**¹²⁷

1sg-colocar DEM tronco

“Eu coloquei esse tronco”.

b. **daan** **ityian** **wa:pa**

ir DEM cachorro

“Esse cachorro foi [embora]”.

c. ***ityian** **pi:da-na=** **duni** **paiko**

DEM jaguar-MCaso= capturar avô

“Esse jaguar capturou [meu] avô”.

d. **Nodia-na=** **bobo** **ityian**

Nodia-MCaso= bater DEM

“Nodia bateu neste”.

e. **ki:tan** **ityian**

dormir DEM

“Este dormiu”.

f. ***ityian-na=** **bobo** **Nodia**

DEM-MCaso= bater Nodia

“Este bateu em Nodia”.

¹²⁷ Os dados em (75) são de Queixalós (2013, p. 30-31).

Como podemos observar nos dados em (75), o demonstrativo pode modificar o atuante externo em orações divalentes – como em (75a), em que *ityian* modifica *oman* – ou monovalentes – como em (75b), em que *ityian* modifica *wa:pa*. O demonstrativo não pode modificar, no entanto, o atuante interno – como em (75c), que fica agramatical ao inserir *ityian* como modificador do atuante interno *pi:da*. O demonstrativo também pode substituir o atuante externo em orações divalentes – como em (75d), em que *ityian* substitui (ou passa a ser) o atuante externo – ou monovalentes – como em (75e), em que *ityian* é o atuante externo. Ele só não poderia substituir (ou ser) o atuante interno – como em (75f), que fica agramatical quando *ityian* assume o lugar do atuante interno.

- Coordenação: esse processo só ocorre entre atuantes externos ligados ao mesmo predicado, conforme os exemplos:

(76) a. **Nodia-na= ohoho-nin Owi Hanani**¹²⁸
 Nodia-MCaso= chamar-DUR Owi Hanani
 “Nodia chamou Owi e Hanani”.

b. **daan Nodia Owi**
 ir Nodia Owi
 “Nodia e Owi foram [embora]”.

Em (76a), vemos os sintagmas nominais *Owi* e *Hanani* como atuantes externos da oração divalente e coordenados entre si. Em (76b), vemos os atuantes externos *Nodia* e *Owi* coordenados na oração monovalente.

- Focalização: apenas o atuante externo pode ser movido sem necessária substituição, como vimos no item sobre movimento; portanto, somente ele pode ser focalizado (QUEIXALÓS, 2007, 2013).

(77) a. **a-obatyawa kana Aro-na= nuhuk kariwa-na= ton**¹²⁹
 3sg-esposa FOC Aro-MCaso= dar Branco-MCaso= LOC
 “Esta é a mulher que Aro deu ao Branco”.

¹²⁸ Os dados em (76) são de Queixalós (2013, p. 31).

¹²⁹ Os dados em (77) são de Queixalós (2013, p. 31).

b. **Maranmaran-na= tyo kana tona**
 Maranmaran-MCaso= filha FOC partir

“Esta é a filha de Maranmaran que partiu”.

Em (77a), a partir da sentença *Aro-na= nuhuk a-obatyawa kariwa-na= ton*, há o movimento do atuante externo *a-obatyawa* para a posição inicial e a recepção da partícula de foco contrastivo {kana} na oração divalente. Em (77b), a partir da oração monovalente *tona Maranmaran-na= tyo*, há também o processo de focalização através do movimento do atuante externo *Maranmaran-na= tyo* e da inserção de {kana}.

- Interrogação: apenas o atuante externo pode ser substituído pelo pronome interrogativo (QUEIXALÓS, 2007, 2013).

(78) a. **hanian tu Nodia-na= hoho-nin?**¹³⁰
 quem INT Nodia-MCaso= chamar-DUR
 “Quem Nodia chamou?”.

b. **hanian tu waokdyi-nin?**
 quem INT chegar-DUR
 “Quem chegou?”.

Na oração divalente em (78a), houve o movimento do argumento externo para a posição inicial e sua substituição pelo pronome interrogativo *hanian*, junto com o morfema interrogativo {tu}. O mesmo ocorreu na oração monovalente em (78b).

- Relativização: apenas a relativização do atuante externo é feita (QUEIXALÓS, 2007, 2013).

(79) a. **i-hi:k nyan Nodia-na= dahudyi-nin tukuna**¹³¹
 1sg-conhecer DTC Nodia-MCaso= trazer-SUB índio
 “Eu conheço o índio que Nodia trouxe”.

¹³⁰ Os dados em (78) são de Queixalós (2013, p. 31).

¹³¹ Os dados em (79) são de Queixalós (2013, p. 32).

b. i-hi:k	nyan	waokdyi-nin	anyan	piya
1sg-conhecer	DTC	chegar-SUB	DEM	homem

“Eu conheço esse homem que chegou”.

De acordo com Dos Anjos (2011), o sufixo {-nin}, ligado ao verbo da oração dependente, marca a dependência entre as orações. Conforme Queixalós (2013), em (79a), podemos observar a relativização do atuante externo *tukuna* da oração divalente [*Nodia-na=dahudyi-nin*] [*tukuna*] e, em (79b), a relativização do atuante externo *anyan piya* da oração monovalente [*waokdyi-nin*] [*anyan piya*].

- Nominalização: segundo Queixalós (2013), o processo de nominalização é feito de formas diferentes no dialeto Katukina e no Kanamari. O Katukina parece obedecer ao sistema de ergatividade cindida nesse processo, porque, em determinadas orações monovalentes, a nominalização é feita pela junção dos morfemas {mo-...-hi} ao verbo – como acontece na nominalização do agente, em orações divalentes – e, em outras, ela é feita pela união do morfema {-nin} ao verbo – como acontece na nominalização do paciente, em orações divalentes. O Kanamari, por sua vez, obedece ao sistema ergativo: a nominalização é feita por meio do dêitico *nyan*, e apenas com relação ao atuante único – na oração monovalente – e ao atuante paciente – na oração divalente. Como estamos focando no comportamento sintático das línguas ergativas, veremos a seguir dois exemplos do dialeto Kanamari:

(80) a. no-wahak	nyan ¹³²
2sg-assar	DTC
“A coisa cozida por ti”.	

b. tyuku	nyan
morrer	DTC
“O falecido”.	

¹³² Os dados do dialeto Kanamari em (80) são de Queixalós (2013, p. 33).

Na oração divalente em (80a), podemos perceber que o elemento nominalizado foi o atuante paciente, ou “aquilo que foi assado”. Na monovalente em (80b), o elemento nominalizado foi o argumento único, ou “aquilo que morreu”. As duas nominalizações, portanto, foram referentes apenas ao argumento externo.

- Correferência : Queixalós (2007, 2013) defende que, embora haja a possibilidade de referência aos outros atuantes da proposição, há uma preferência clara pela referência a um eixo absolutivo, tanto na oração como nos períodos compostos, como podemos observar nos seguintes exemplos:

(81) a. [Dawi₁-na= bobo ityaro₂] [a₂-wa hak naki]¹³³
 Dawi-MCaso= bater mulher 3sg-bem possuído casa LOC
 “Dawi₁ bateu na mulher₂ em sua₂ casa”.

b. [horon Dawi-na= obatyawa₁] [a₁-wa panira katu]
 queimar-se Dawi-MCaso= esposa 3sg-bem possuído panela SOC2
 “[A esposa de Dawi]₁ se queimou com sua₁ panela”.

c. [waokdyi Nodia₁] [Yowai₂-na= toman Ø₁ niama]
 chegar Nodia Yowai-MCaso= atirar então
 “Nodia₁ chegou e então Yowai₂ atirou nele₁”.

d. [... dyo:ri₁-na= man wa-hi= nuk₂] [dadohan Ø₂ niama]
 ... cupim-MCaso= dizer mulher-pl= grupo subir então
 “... disse o cupim₁ às mulheres₂, então estas₂ subiram (em uma árvore)”.

e. [a₁-makaudyaran Ø₂] [dyahian-nin ama Ø₂]
 3sg-pisar levantar-se-SUB FINALITE
 “Ele₁ pisou nela₂ para ela₂ se levantar”.

Na oração divalente em (81a), *a-wa* é preferencialmente referente a *ityaro*, atuante paciente da oração. Na oração monovalente em (81b), *a-wa* refere-se a *obatyawa*, núcleo do atuante único da oração. Na coordenada em (81c), o atuante paciente nulo da segunda oração

¹³³ Os dados em (81) são de Queixalós (2013, p. 33-34).

refere-se preferencialmente a *Nodia*, atuante único da oração anterior. Na coordenada em (81d), o atuante único nulo da segunda oração refere-se preferencialmente a *wa-hi=nuk*, atuante paciente da oração anterior. Na subordinada em (81e), o atuante único nulo da oração *dyahian-nin ama Ø* refere-se preferencialmente ao atuante paciente também nulo da oração principal *a-makaudyaran Ø*.

3.3.2 A acusatividade na língua Katukina-kanamari

Queixalós (2004) identifica dois tipos de orações em Katukina: a ergativa e a acusativa. “A construção acusativa é cerca de 10 vezes menos frequente em textos que a construção ergativa”¹³⁴ (*ibidem*, p. 177) e ocorre, na maioria das vezes, no dialeto Kanamari. A construção ergativa, como vimos no subitem anterior, é composta de um argumento interno agente e um argumento externo paciente e tem a composição prototípica [atuante agente - verbo] [atuante paciente]¹³⁵. A construção acusativa, por outro lado, teria a composição [atuante paciente - verbo] [atuante agente]; o argumento interno da construção acusativa é o paciente e o externo, o agente, e nenhum dos argumentos recebe marcação morfológica de Caso, como podemos observar no exemplo a seguir.

- (82) [takara duni] mapiri¹³⁶
 galinha capturar serpente
 “A serpente pegou a galinha”.

Em (82), o argumento interno é o atuante paciente *takara*, e o externo, o atuante agente *mapiri*. Nem *takara* nem *mapiri* receberam marcação morfológica. Na construção acusativa, o atuante paciente ocorre sempre na terceira pessoa e não há marcações morfológicas de Caso, como na sentença ergativa. Quanto aos processos sintáticos nas construções acusativas, Queixalós (2004) destaca quatro: movimento, elisão, focalização e correferência, como veremos a seguir:

¹³⁴ Tradução livre do trecho “The accusative construction is about ten times less frequent in texts than the ergative construction.” (QUEIXALÓS, 2004, p. 177).

¹³⁵ Queixalós (2004), em seu artigo *Split Transitivity and Coreference in Katukina*, usa a nomenclatura *verber* (verbador) e *verbee* (verbado) para tratar dos atuantes agente e paciente, respectivamente. Para manter a nomenclatura do subtópico anterior, usaremos atuantes/argumentos agente e paciente.

¹³⁶ O dado do dialeto Kanamari em (82) é de Queixalós (2004, p. 177).

- Movimento: apenas o atuante agente – argumento externo – pode ser movido. O atuante paciente – argumento interno – permanece na posição pré-verbal.
- Elisão: apenas o atuante agente – argumento externo – pode ser omitido, conforme o dado a seguir:

(83) [tukuna makoniok] Ø¹³⁷
 pessoas dar conselhos
 “Ele deu conselhos às pessoas”.

Em (83), houve a elisão do atuante agente, traduzido como “ele”. *Tukuna*, argumento interno paciente, não poderia ter sido elidido.

- Focalização: apenas o atuante agente – argumento externo – pode ser focalizado.

(84) **adu na [wiri hak]**¹³⁸
 1sg FOC porco flechar
 “Eu flechei um porco”.

Em (84), a partir da oração [*wiri hak*] *adu*, foi feito o movimento do argumento externo *adu* e a sua focalização por meio da inserção da partícula {*na*} entre *adu* e o bloco formado pelo argumento interno e o verbo.

- Correferência: o atuante agente – argumento externo – da oração divalente é a correferência preferencial do argumento único da oração monovalente e vice-versa.

(85) a. [tukuna₁ buhuk] Tamakori₂ tona niama Ø₂¹³⁹
 pessoas fazer Tamakori ir(embora) então
 “Tamakori₂ criou as pessoas e depois foi(embora)₂”

b. **daʔadik Tamakori₁ hak-dik [wanadakbii ha/ori₂ buhuk] niama Ø₁**¹⁴⁰

¹³⁷ O dado Kanamari em (83) é de Queixalós (2004, p. 178).

¹³⁸ O dado Kanamari em (84) é de Queixalós (2004, p. 178).

¹³⁹ O dado Kanamari em (85a) é de Queixalós (2004, p. 179).

¹⁴⁰ O dado do dialeto Katukina do Biá em (85b) é de Dos Anjos (s.d. *apud* Queixalós, 2004, p. 179).

sair Tamakori casa-LOC palmeira corda fazer então
 “Tamakori₁ saiu de sua casa e então ele₁ fez uma corda de palmeira”.

Em (85a), podemos perceber que, na oração monovalente *tona niama Ø*, a correferência preferencial é entre o nulo desta oração e o argumento externo (agente) da oração divalente anterior. Em (85b), percebemos que, na oração divalente [*wanadakbii ha/ori buhuk*] *niama Ø*, a preferência é que o nulo (na posição de argumento externo – agente) desta oração se refira ao argumento único da oração anterior.

Queixalós (2004) chama a atenção para o fato de que, assim como nas construções ergativas do Katukina, as operações sintáticas nas construções acusativas são possíveis com o argumento externo; a diferença é que, nas ergativas, quem ocupa a posição de argumento externo é o atuante paciente, e nas acusativas, o atuante agente. Vejamos agora a análise dos dados, no capítulo 4.

4 A ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, faremos, primeiramente, uma descrição do estatuto do morfema {-na} na língua Katukina em quatro situações: (i) a possível equivalência entre {-na} e {-kana}, (ii) o uso do {-na} com os pronomes pessoais, (iii) o comportamento do {-na} junto a advérbios e (iv) em orações negativas e interrogativas. Logo depois, descreveremos o uso desse morfema na tradução de uma história em língua portuguesa para a língua Katukina e, por fim, analisaremos os dados – provenientes dos testes em pesquisa de campo e também aqueles presentes nos estudos já realizados sobre o Katukina – com relação à ergatividade, em suas manifestações morfológicas e sintáticas.

4.1 OS ESTATUTOS DO {-NA} NO KATUKINA ATRAVÉS DOS TESTES

Como vimos no subtópico 1.3 e no capítulo 3, o morfema {-na} marca os Casos genitivo, ergativo e oblíquo, os movimentos centrífugo e alativo e o foco na língua Katukina-Kanamari. Procuramos realizar os testes a seguir considerando cada um desses Casos ou movimentos. Partimos da definição de Caso de Blake (2004, p. 1): “Caso é um sistema de marcação dependente dos substantivos de acordo com o tipo de relacionamento que eles mantêm com seus núcleos”¹⁴¹. Os Casos considerados neste estudo, portanto, marcam a relação dos substantivos com verbos, posposições ou outros substantivos dentro da oração.

4.1.1 Dados resultantes dos julgamentos de gramaticalidade

4.1.1.1 Teste 1: o {-na} é um resíduo de {-kana}?

No teste 1, descrito no subtópico 1.4.4.2, fizemos a substituição de {-na} por {-kana}, e vice-versa, para verificarmos se eles são intercambiáveis em contextos em que {-na} exerce diversas funções. Em se tratando da substituição de {-na} por {-kana}, todas as sentenças foram consideradas agramaticais, com exceção do uso do {-na} como focalizador. Vejamos os dados:

¹⁴¹ Tradução livre do trecho: “Case is a system of marking dependent nouns for the type of relationship they bear to their heads.” (BLAKE, 2004, p. 1).

- {-na} como CTRF:

(86) a. **ki:nhi-na** **wu:dyon**

voltar-CTRF lontra

“A lontra voltou para lá”.

(DOS ANJOS, 2011, p. 130)

b. ***Ki:nhi-kana** **wu:dyon**

A sentença em (86a) é gramatical, segundo dois informantes¹⁴², ao contrário de (86b). Um dos informantes fez questão de falar que o {-kana} significa cana-de-açúcar, então a sentença ficaria sem sentido. Seguem abaixo os testes tendo o {-na} outras funções. Todas as sentenças – com exceção do {-na} focalizador – foram consideradas agramaticais pelos falantes nativos quando houve a substituição por {-kana}:

- {-na} como ALT

(87) a. **daan** **Yutai-na**

sair Jutai-ALT

“Saiu para o Jutai”.

(Ibid., p. 132)

b. ***daan** **Yutai-kana**

Um dos informantes corrigiu a sentença (87a) para *kaya*¹⁴³ *daan Yutai-na*. Além disso, ele falou que (87b) só seria aceitável se {-kana} fosse uma redução de *tükuna* ‘gente’.

- {-na} como ergativo

(88) a. **pi:da-na=** **duni** **wa:pa**

Jaguar-MCaso capturar cão

“O jaguar capturou o cão”.

(QUEIXALÓS, 2013, p. 27)

¹⁴² No total, tivemos quatro informantes que se intercalaram nos testes. Alguns testes, portanto, foram feitos com um ou dois informantes e outros com três ou com os quatro.

¹⁴³ *Kaya* equivale a ‘ir’.

b. ***pi:da-kana=** **duni** **wa:pa**

- {-na} como genitivo

(89) a. **Nodia-na** **obatyawawa**¹⁴⁴ **Owi**

Nodia-MCaso esposa Owi

“A Owi é a esposa do Nodia”.

(QUEIXALÓS & DOS ANJOS, 2006, p. 40)

b. ***Nodia-kana** **obatyawawa** **Owi**

- {-na} como oblíquo

(90) a. **Tokaniri-na=** **katu** **Hu**

Tokaniri-OBJPOSP SOC2 Hu

“Hu está com Tokaniri”.

(DOS ANJOS, 2011, p. 204)

b. ***Tokaniri-kana=** **katu** **Hu**

Segundo um dos informantes, se a construção em (90) fosse *Tokaniri tükuna katu hu*, seria gramatical, com o significado ‘Tokaniri faz graça contigo’.

Como podemos observar, em todos os ambientes em que há registro do {-na}, com exceção do ambiente em que ele exerce a função de focalização, não há correspondência entre {-na} e {-kana} – outras sentenças no apêndice A reforçam essa afirmação. Os informantes deixaram claro que o significado de *kana*, no dialeto falado na comunidade indígena Boca do Biá, é cana de açúcar, sendo, portanto, um substantivo (ou nome), e não um clítico marcador de Caso. Eles apontaram também para a possibilidade de {-kana} ser interpretado como uma redução de *tükuna*, que significa ‘gente’ ou ‘katukina’.

Observemos agora o comportamento do {-na} e do {-kana} como marcadores de foco:

- {-na} como marcador de foco

(91) a. **waok-dik** **na=** **Konmini**¹⁴⁵

¹⁴⁴ No original, o dado é *obatyawa*. O acréscimo do morfema foi feito por um dos informantes.

¹⁴⁵ Correção feita por um dos informantes.

chegar-CTRP FOC irmã
 “Foi a irmã que chegou”.

(DOS ANJOS, 2011, p. 294)

b. ***waok-dik kana= Kəmini**

(92) a. ***na= pudak dyo:**¹⁴⁶
 FOC canoa encher
 “Foi a canoa que encheu”.

(DOS ANJOS, 2011, p. 296)

b. ***kana= pudak dyo:**¹⁴⁷
 FOC canoa encher
 “Foi a canoa que encheu”.

Um informante não reconheceu a sentença em (92a) como gramatical e disse que, modificando-a um pouco, poderíamos ter a sentença equivalente a ‘Foi a canoa que encheu’ em Katukina:

c. **na= pudak dyo: naka**
 FOC canoa encher PERF
 “Foi a canoa que encheu”.

Ele disse também que ‘pudak’ poderia ser omitido da sentença:

d. **na= dyo: naka**
 FOC encher PERF
 “Foi a canoa que encheu”.

E que o {-na} é facultativo:

e. **dyo: naka**
 encher PERF

¹⁴⁶ Com esse significado, a sentença é agramatical. Ela seria gramatical se o {-na} fosse uma forma reduzida de *tukūna* ‘gente’ ou ‘Katukina’.

¹⁴⁷ Com esse significado, a sentença é agramatical. Ela seria gramatical se o {-na} fosse uma forma reduzida de *tukūna* ‘gente’ ou ‘Katukina’.

“Foi a canoa que encheu”.

As sentenças em (91) e (92) mostram, a princípio, que o {-na} não pode ser substituído por {-kana} no processo de focalização – a sentença com {kana} continuou agramatical depois das mudanças registradas em (92c) e (92d). No entanto, a substituição foi possível na sentença em (93), o que pode significar que essa substituição seja possível em alguns contextos. Não nos é possível determinar quais esses contextos com os dados disponíveis até o momento. É importante salientar a possibilidade de ausência do {-na} registrada pelos informantes em (92e).

(93) a. **na=** **bara** **paha-nin**
 FOC caça estar podre-DUR

“É a caça que está apodrecendo”.

(DOS ANJOS, 2011, p. 296)

b. **kana=** **bara** **paha-nin**¹⁴⁸
 FOC caça estar podre-DUR

“É a caça que está apodrecendo”.

Vejamos agora se é possível substituir {kana} por {na}:

- {-kana} como marcador de foco

(94) a. ***Maranmaran-na=** **tyo** **kana** **tona**
 Maranmaran-CasoM= filha foco partir¹⁴⁹

“Esta é a filha de Maranmaran que partiu”.

(QUEIXALÓS, 2013, p. 31)

b. ***Maranmaran-na=** **tyo** **na** **tona**

(95) a. **i-hi:k** **[kana** **wi:ri** **[datyokan-nin]]**¹⁵⁰
 1sg-ver FOC queixada ~~sair~~morrer-SUB¹⁵¹

“Eu vi a queixada que ~~saiu~~ morreu”

(DOS ANJOS, 2011, p. 366)

¹⁴⁸ Essa sentença é gramatical com o mesmo significado da sentença com {-na}.

¹⁴⁹ No sentido de ‘fugir’.

¹⁵⁰ Esse é um dado kanamari.

¹⁵¹ Segundo um informante, *datyokan* significa ‘morrer’, e não ‘sair’.

b. i-hi:k	[na	wi:ri	[datyokan-nin]]
1sg-ver	FOC	queixada	morrer-SUB
“Eu vi a queixada que morreu”.			

Nos testes, tivemos o resultado mostrado em (94a), em que os informantes não identificaram como uma sentença gramatical sequer a sentença com {kana}; isso ocorre porque a focalização com {kana} é característica do dialeto Kanamari e não do dialeto Katukina. Os informantes também não identificaram como gramatical a sentença com {-na}. As sentenças em (95), por outro lado, foram julgadas como gramaticais – variações da mesma sentença foram julgadas da mesma forma (cf. apêndice A) –, no entanto, assim como na substituição de {-na} por {kana}, essa gramaticalidade pode ocorrer em contextos específicos. Respondendo portanto à questão levantada no teste 1 – o {-na} é um resíduo de {-kana}? –, os dados indicam que não, embora existam contextos específicos (os quais não nos é possível determinar no momento) em que o {kana} e o {-na} sejam intercambiáveis.

4.1.1.2 Teste 2: *os pronomes livres e presos interferem no comportamento do {-na}?*

No teste 2, substituímos os nomes (SNs) por pronomes livres e presos (prefixos, no caso) para verificarmos se eles interferem no comportamento do {-na} (ou seja, se eles atraem o {-na} fonologicamente, em vez de ele se unir ao núcleo ou se permitem a omissão do {-na}). Observemos os dados obtidos:

- {-na} como ergativo

(96) a. idi:k-na=	duni	wa:pa ¹⁵²
3sg-CasoM	capturar	cão
“Você capturou o cão”.		

b. no-na=	duni	wa:pa ¹⁵³
2sg-CasoM	capturar	cão
“Você capturou o cão”.		

¹⁵² Modificando pi:da-na= duni wa:pa (QUEIXALÓS, 2013, p. 27).

¹⁵³ Modificando pi:da-na= duni wa:pa (QUEIXALÓS, 2013, p. 27).

- c. ***na-na=** **duni** **wa:pa**¹⁵⁴¹⁵⁵
 3pl-CasoM capturar cão
 “Vocês capturaram o cão”.

- {-na} como genitivo

- (97) a. **adu-na=** **tyo** **Tyo:ma**¹⁵⁶
 1sg-GEN filha Tyo:ma
 “Tyo:ma é minha filha”.

- b. **no-na=** **tyo** **Tyo:ma**¹⁵⁷
 2sg-GEN filha Tyo:ma
 “Tyo:ma é sua filha”.

- {-na} como oblíquo¹⁵⁸

- (98) a. **ityian-na=** **katu** **Hu**¹⁵⁹
 3sg-OBJPOSP SOC2 Hu
 “Hu está com ele”.

- b. **ha-na=** **katu** **Hu**¹⁶⁰
 3sg-OBJPOSP SOC2 Hu
 “Hu está com ele”.

Na marcação dos Casos ergativo, genitivo e oblíquo, o comportamento do proclítico {-na} com relação aos pronomes livres – no ergativo, *idi:k*, no genitivo, *adu*, e no oblíquo, *ityian* – já era esperado, uma vez que, segundo Dos Anjos (2011, p. 141), esses pronomes possuem “a habilidade de associar-se ao proclítico casual {-na}”, conforme abordado no subtópico 3.2. Essa habilidade dos pronomes livres, no entanto, vai de encontro à afirmação

¹⁵⁴ Os dois informantes julgaram essa sentença agramatical.

¹⁵⁵ Modificando *pi:da-na= duni wa:pa* (QUEIXALÓS, 2013, p. 27).

¹⁵⁶ Modificando *Tirin-na= tyo Tyo:ma* (DOS ANJOS, 2011, p. 203).

¹⁵⁷ Modificando *Tirin-na= tyo Tyo:ma* (DOS ANJOS, 2011, p. 203).

¹⁵⁸ Julgamento de um dos informantes.

¹⁵⁹ Modificando *Tokaniri-na= katu Hu* (DOS ANJOS, 2011, p. 204).

¹⁶⁰ Modificando *Tokaniri-na= katu Hu* (DOS ANJOS, 2011, p. 204).

de Queixalós (2007, 2013) de que a posição pré-verbal (argumento interno) só pode ser ocupada por sintagmas nominais e prefixos de pessoa, enquanto a pós-verbal (argumento externo) pode ser ocupada por sintagmas nominais e pronomes livres, conforme abordado no subtópico 2.3.1. Nos dados de Dos Anjos (2011) e nos nossos, observamos que os pronomes livres podem ocupar tanto a posição pré-verbal como a pós-verbal.

Em relação aos prefixos pessoais, por outro lado, percebemos um comportamento diferente do registrado até então. Segundo Queixalós (2007, 2013) e Dos Anjos (2011), quando tais prefixos estão presentes, a marcação morfológica de Caso (o proclítico {-na}) não acontece, conforme explicitamos nas subseções 1.2.3, 2.3.1 e 3.2. Podemos observar essa ausência nos dados abaixo – já destacados no subitem 3.2 e repetidos aqui:

(99) a. **yok-hak** **no:ru**
 1sg-flechar macaco zogue-zogue
 “Eu flechei o macaco zogue-zogue”.

b. **yok-owamok**
 1sg-esposa
 “Minha esposa”.

c. **ha-katu** **Aiobi**
 3sg-SOC2 Aiobi
 “O Aiobi está com ela”.

(DOS ANJOS, 2011, p. 134-135)

No entanto, como podemos perceber no teste com os prefixos pessoais nesses três Casos – no ergativo (cf. (96b), prefixo 2sg {no-}), no genitivo (cf. (97b), prefixo 2sg {no-}) e no oblíquo (cf. (98b), prefixo 3sg {ha-} –, a marcação morfológica de Caso pode acontecer mesmo com os prefixos pessoais presentes. Vale salientar que, quando estávamos realizando o teste 2, observamos que os informantes repetiam a sentença sem o {-na}, o que nos leva a crer que essa pode ser a forma canônica. Assim, registramos também a ocorrência dos prefixos pessoais – e dos pronomes livres – sem a marcação morfológica de Caso, como podemos observar nos exemplos abaixo:

- Retirada do {-na} como ergativo – pronomes livres/prefixos pessoais:

(100) a. **idi:k** **duni** **wa:pa**¹⁶¹
 3sg capturar cão
 “Você capturou o cão”.

b. **no-duni** **wa:pa**¹⁶²
 3sg-capturar cão
 “Você capturou o cão”.

c. **na-duni** **wa:pa**¹⁶³
 3pl-capturar cão
 “Vocês capturaram o cão”.

- Retirada do {-na} como genitivo – pronomes livres/prefixos pessoais:

(101) a. **adu** **tyo** **Tyo:ma**¹⁶⁴
 1sg filha Tyo:ma
 “Tyo:ma é minha filha”.

b. **no-tyo** **Tyo:ma**¹⁶⁵
 2sg-filha Tyo:ma
 “Tyo:ma é sua filha”.

- Retirada do {-na} como oblíquo – pronomes livres/prefixos pessoais:

(102) a. **adu** **katu** **Hu**¹⁶⁶
 1sg SOC2 Hu
 “Hu está comigo”.

¹⁶¹ Modificando pi:da-na= duni wa:pa (QUEIXALÓS, 2013, p. 27).

¹⁶² Modificando pi:da-na= duni wa:pa (QUEIXALÓS, 2013, p. 27).

¹⁶³ Modificando pi:da-na= duni wa:pa (QUEIXALÓS, 2013, p. 27).

¹⁶⁴ Modificando Tirin-na= tyo Tyo:ma (DOS ANJOS, 2011, p. 203).

¹⁶⁵ Modificando Tirin-na= tyo Tyo:ma (DOS ANJOS, 2011, p. 203).

¹⁶⁶ Modificando Tokaniri-na= katu Hu (DOS ANJOS, 2011, p. 204).

b. **yok-katu** **Hu**¹⁶⁷

1sg-SOC2 Hu

“Hu está comigo”.

Com base nos dados coletados, defendemos que o uso do {-na} para a marcação dos Casos ergativo, genitivo e oblíquo, quando usamos pronomes livres ou prefixos pessoais, é de variação livre, sendo a realização preferencial a que não apresenta marcação morfológica de Caso.

Continuando os testes de substituição dos sintagmas nominais por pronomes livres/prefixos pessoais, verificamos essa possibilidade nas ocorrências de {-kana} e {-na} como foco e de {-na} como centrífugo, como podemos observar abaixo:

- {-kana} como foco:

(103) a. **i-hi:k** [**kana** **ityian** **[datyokan-nin]]**¹⁶⁸

1sg-ver FOC 3sg morrer-SUB

“Eu vi a queixada que morreu”.

b. **i-hi:k** [**na** **ityian** **[datyokan-nin]]**¹⁶⁹

1sg-ver FOC 3sg morrer-SUB

“Eu vi a queixada que morreu”.

c. **i-hi:k** [**kana** **ha-[datyokan-nin]]**¹⁷⁰

1sg-ver FOC 3sg-morrer-SUB

“Eu vi a queixada que morreu”.

d. **i-hi:k** [**na** **ha-[datyokan-nin]]**¹⁷¹

1sg-ver FOC 3sg-morrer-SUB

“Eu vi a queixada que morreu”.

¹⁶⁷ Modificando Tokaniri-na= katu Hu (DOS ANJOS, 2011, p. 204).

¹⁶⁸ Modificando i-hi:k [kana wi:ri [datyokan-nin]] (DOS ANJOS, 2011, p. 366) – dado kanamari.

¹⁶⁹ Modificando i-hi:k [kana wi:ri [datyokan-nin]] (DOS ANJOS, 2011, p. 366) – dado kanamari.

¹⁷⁰ Modificando i-hi:k [kana wi:ri [datyokan-nin]] (DOS ANJOS, 2011, p. 366) – dado kanamari.

¹⁷¹ Modificando i-hi:k [kana wi:ri [datyokan-nin]] (DOS ANJOS, 2011, p. 366) – dado kanamari.

- {-na} como CTRF:

(104) a. **ki:nhi-na** **adu**¹⁷²
 voltar-CTRF 1sg
 “Eu voltei para lá”.

b. **Yok-ki:nhi-na**¹⁷³
 1sg-voltar-CTRF
 “Eu voltei para lá”.

Como podemos observar, o comportamento do {-na} (ou {-kana}) não muda quando os SNs são substituídos por pronomes livres/prefixos pessoais também em ambientes de marcação de foco e de direção (centrífugo). Em ambientes de foco, verificamos a possibilidade de omissão do {-na} quando usamos pronomes livres/prefixos pessoais, como podemos observar abaixo:

(105) a. **ityian** **dyo:** **naka**¹⁷⁴
 3sg encher PERF
 “Foi ela que encheu”.

b. **ha-dyo:** **naka**¹⁷⁵
 3sg-encher PERF
 “Foi ela que encheu”.

Portanto, com relação à pergunta do teste 2 (os pronomes livres e presos interferem no comportamento do {-na}?), observamos, em todos os ambientes em que o {-na} é registrado, que o seu comportamento não muda quando substituímos os SNs com os quais o {-na} está gramaticalmente ligado por pronomes livres/prefixos pessoais.

É importante destacar que Dos Anjos (2011) identificou a possibilidade da ausência do {-na} na marcação do objeto de posposição – ou de Caso oblíquo – em um contexto

¹⁷² Modificando *ki:nhi-na wu:dyon* (DOS ANJOS, 2011, p. 130).

¹⁷³ Modificando *ki:nhi-na wu:dyon* (DOS ANJOS, 2011, p. 130).

¹⁷⁴ Modificando *na= pudak dyo:* (DOS ANJOS, 2011, p. 296). O *naka* foi acrescentado por um informante, que disse que a sentença precisa de *naka* para ficar gramatical.

¹⁷⁵ Modificando *na= pudak dyo:* (DOS ANJOS, 2011, p. 296). O *naka* foi acrescentado por um informante, que disse que a sentença precisa de *naka* para ficar gramatical.

específico (a saliência discursiva alta rege o clítico {-na=}, a baixa, não), conforme o subtópico 3.3. Na pesquisa de campo, tivemos a oportunidade de ampliar os testes, identificando essa alternância em outros contextos em que o {-na} é usado, seja com sintagmas nominais, seja com prefixos pessoais ou pronomes livres, como podemos observar nos dados a seguir.

- Alternância do {-na} em ambiente de foco:

(106) a. **Ityian** **tan** **na=** **ki:tan-nin** **bak**¹⁷⁶
 3sg existe, está aqui FOC dormir-durativo mesmo
 “Esse é o que está dormindo”¹⁷⁷

 b. **Ityian** **tan** **ki:tan-nin** **bak**¹⁷⁸
 3sg existe, está aqui dormir-durativo mesmo
 “Esse é o que está dormindo”¹⁷⁹

(107) a. **ha-tan** **na=** **ki:tan-nin** **bak**¹⁸⁰
 3sg-existe, está aqui FOC dormir-durativo mesmo
 “Esse é o que está dormindo”¹⁸¹

 b. **ha-tan** **ki:tan-nin** **bak**¹⁸²
 3sg-existe, está aqui dormir-durativo mesmo
 “Esse é o que está dormindo”¹⁸³

¹⁷⁶ Modificando wa:ro kana ki:tan-nin (QUEIXALÓS, 2010 *apud* DOS ANJOS, 2011, p. 294), que foi julgada agramatical pelos informantes. O ‘tan’ e o ‘bak’ foram acrescentados por Caxeiro. Com essas palavras, o {-na} é aceitável na sentença, embora seja facultativo, como veremos em um exemplo adiante.

¹⁷⁷ Mesmo significado.

¹⁷⁸ Modificando wa:ro kana ki:tan-nin (QUEIXALÓS, 2010 *apud* DOS ANJOS, 2011, p. 294), que foi julgada agramatical pelos informantes, conforme apêndice. O ‘tan’ e o ‘bak’ foram acrescentados por Caxeiro. Com essas palavras, o {-na} é aceitável na sentença, embora seja facultativo, como veremos em um exemplo adiante.

¹⁷⁹ Mesmo significado.

¹⁸⁰ Modificando wa:ro kana ki:tan-nin (QUEIXALÓS, 2010 *apud* DOS ANJOS, 2011, p. 294), que foi julgada agramatical pelos informantes, conforme apêndice. O ‘tan’ e o ‘bak’ foram acrescentados por Caxeiro. Com essas palavras, o {-na} é aceitável na sentença, embora seja facultativo, como veremos em um exemplo adiante.

¹⁸¹ Mesmo significado.

¹⁸² Modificando wa:ro kana ki:tan-nin (QUEIXALÓS, 2010 *apud* DOS ANJOS, 2011, p. 294), que foi julgada agramatical pelos informantes, conforme apêndice. O ‘tan’ e o ‘bak’ foram acrescentados por Caxeiro. Com essas palavras, o {-na} é aceitável na sentença, embora seja facultativo, como veremos em um exemplo adiante.

Registramos duas ocorrências em que não houve marcação morfológica de Caso ergativo e de foco; desta vez, com a presença de SNs – em oposição à presença de pronomes livres e prefixos pessoais – como podemos observar abaixo:

- Retirada do {-na} como ergativo – SNs:

(108) **Maria** **dyuman** **tahi**¹⁸⁴
 Maria derramar água
 “Maria derramou a água”.

- Retirada do {-na} como foco – SNs:

(109) **wa:ro** **ki:tan-nin**¹⁸⁵
 papagaio dormir-durativo
 “O papagaio está dormindo”.

Uma hipótese para essa alternância (com e sem o {-na}), tanto nos ambientes que vimos até então como nos que veremos nos demais testes, na presença de SNs e de pronomes livres/prefixos pessoais, é a influência da língua estrangeira – a língua portuguesa – na fala Katukina. Como o português não apresenta marcação morfológica de Caso, isso poderia influenciar nessa estrutura do Katukina, devido ao crescente contato desses índios com não índios falantes de português, como vimos no primeiro capítulo deste texto.

4.1.1.3 Teste 3: *É possível a inserção de advérbios entre o {-na} e os elementos mais próximos?*

No teste 3, inserimos advérbios de tempo e de lugar entre o {-na} e a palavra anterior e entre o {-na} e o núcleo do sintagma, nos diversos ambientes registrados por Dos Anjos (2011), para verificarmos a (im)possibilidade de inserção de elementos entre o {-na} e o

¹⁸³ Mesmo significado.

¹⁸⁴ Modificando Maria-na dyuman tahi (QUEIXALÓS & DOS ANJOS, 2006, p. 40).

¹⁸⁵ Modificando wa:ro kana ki:tan-nin (QUEIXALÓS, 2010 *apud* DOS ANJOS, 2011, p. 294), que foi julgada agramatical pelos informantes, conforme apêndice.

núcleo do sintagma a que ele está fonologicamente ligado. Observemos a seguir os resultados desse teste:

- {-na} como CTRF:

(110) **waok-na** **mawa** **bainin-iki**¹⁸⁶
 chegar-CTRF 3POSS roça-INES¹⁸⁷
 “Chegaram lá na roça deles”.

(DOS ANJOS, 2011, p. 245)

Observemos agora a inserção de um advérbio:

a) entre o {-na} e a palavra anterior:

(110) a. **waok** **aninton** **na** **mawa** **bainin-iki**
 chegar hoje, agora CTRF 3POSS roça
 “Chegaram lá na roça deles hoje”.

b) entre o {-na} e a palavra posterior:

(110) b. **waok-na** **aninton** **mawa** **bainin-iki**
 chegar-CTRF hoje, agora 3POSS roça-INES
 “Chegaram lá na roça deles hoje”.

- {-na} como ALT:

(111) **daan** **awayan-hi-na**
 sair parente-COL-ALT

“(Eles) saíram para os parentes” (Lit.: ‘(Eles) saíram na direção dos parentes’)

(DOS ANJOS, 2011, p. 204)

¹⁸⁶ Modificando *waok-na mawa bainin* (DOS ANJOS, 2011, p. 245) – o *-iki* foi acrescentado a pedido dos informantes.

¹⁸⁷ Inessivo – sentido de ‘dentro, no interior’.

Observemos agora a inserção de um advérbio:

a) entre o {-na} e a palavra anterior:

(111) a. **daan** **awayan-hi** **manati** **na**
 sair parente-COL ontem ALT

“(Eles) saíram para os parentes ontem” (Lit.: ‘(Eles) saíram na direção dos parentes ontem’)

b) após o {-na}:

(111) b. **daan** **awayan-hi-na** **manati**
 sair parente-COL-ALT ontem

“(Eles) saíram para os parentes ontem” (Lit.: ‘(Eles) saíram na direção dos parentes ontem’)

- {-na} como ergativo:

(112) **ua:pa-na=** **ti:** **taukala**
 cachorro-ERG matar galinha
 “O cachorro matou a galinha”.

(DOS ANJOS, 2011, p. 125)

Observemos agora a inserção de um advérbio:

a) entre o {-na} e a palavra anterior:

(112) a. **ua:pa** **manati** **na=** **ti:** **taukala**
 cachorro ontem ERG matar galinha
 “O cachorro matou a galinha ontem”.

(112) b. **ua:pa** **tanti** **na=** **ti:** **taukala**
 cachorro aqui ERG matar galinha
 “O cachorro matou a galinha aqui”.

b) entre o {-na} e a palavra posterior:

- (112) c. **ua:pa-na=** **manati** **ti:** **taukala**
 cachorro-ERG ontem matar galinha
 “O cachorro matou a galinha ontem”.

- (112) d. **ua:pa-na=** **tanti** **ti:** **taukala**
 cachorro-ERG aqui matar galinha
 “O cachorro matou a galinha aqui”.

- {-na} como genitivo:

- (113) **Kari-na=** **tyo** **Owi**
 Kari-GEN filha Owi
 “Owi é a filha da Kari”.

(QUEIXALÓS, 2013, p. 58)

Observemos agora a inserção de um advérbio:

a) entre o {-na} e a palavra anterior:

- (113) a. **Kari** **nima** **na=** **tyo** **Owi**
 Kari então GEN filha Owi
 “Então, Owi é a filha da Kari”.

b) entre o {-na} e a palavra posterior:

- (113) b. **Kari-na=** **nima** **tyo** **Owi**
 Kari-GEN então filha Owi
 “Então, Owi é a filha da Kari”.

Com a intenção de verificarmos a estrutura de posse alienável, pedimos para um dos informantes dizer como ficava, em Katukina, a sentença ‘A camisa de Zoraide é preta’:

- (114) **Dyulaidi-noa kidapak¹⁸⁸ ti:knin**
 Dyulaidi-? camisa coisa preta
 “A camisa de Dyulaidi é preta”.

Como confirmamos que a sentença anterior não usava o {-na}, por não se tratar de posse inalienável, pedimos para que ele construísse outra com outro elemento de posse inalienável:

- (115) **Dyulaidi-na= bak manya**
 Dyulaidi-GEN ser bom coisa grande
 “A bondade de Dyulaidi é grande”.

O {-na} aqui é facultativo, conforme verificado no teste 2:

- (115) a. **Dyulaidi bak manya**
 Dyulaidi ser bom coisa grande
 “A bondade de Dyulaidi é grande”.

Observemos agora como se comporta a estrutura em (39) com a inserção do advérbio:

a) entre o {-na} e a palavra anterior:

- (115) b. **Dyulaidi nima na= bak manya**
 Dyulaidi então GEN ser bom coisa grande
 “Então, a bondade de Dyulaidi é grande”.

b) entre o {-na} e a palavra posterior:

- (115) c. **Dyulaidi-na nima bak manya**
 Dyulaidi-GEN então ser bom coisa grande
 “Então, a bondade de Dyulaidi é grande”.

¹⁸⁸ Pronúncia: kidarpak.

- {-na} como oblíquo:

(116) **Dyano-na= katu ityowun**
 Dyano-OBJPOSP SOC2 Prox
 “Esse está com Dyano”.

(DOS ANJOS, 2011, p. 144)

Observemos agora a inserção de um advérbio:

a) entre o {-na} e a palavra anterior:

(116) a. **Dyano aninton na= katu ityowun**
 Dyano hoje, agora OBJPOSP SOC2 PROX
 “Esse está com Dyano hoje (ou agora)”.

b) entre o {-na} e a palavra posterior:

(116) b. **Dyano-na aninton katu ityowun**
 Dyano-OBJPOSP hoje, agora SOC2 Prox
 “Esse está com Dyano hoje (ou agora)”.

- {-na} como foco:

(117) **na= an no-huna**¹⁸⁹
 FOC osso 2Sing-trazer
 “Foi o osso que você trouxe”.

(DOS ANJOS, 2011, p. 295)

Observemos agora a inserção de um advérbio:

a) antes do {-na}:

¹⁸⁹ Pronuncia-se /hikna/

(117) a. **manati** **na=** **an** **no-huna**
 ontem FOC osso 2Sing-trazer
 “Foi o osso que você trouxe ontem”.

(117) b. **hururu** **na=** **an** **no-huna**
 alvorada FOC osso 2Sing-trazer
 “Foi o osso que você trouxe na alvorada”.

(117) c. **paikadati** **na=** **an** **no-huna**
 de madrugada FOC osso 2Sing-trazer
 “Foi o osso que você trouxe de madrugada”.

b) entre o {-na} e a palavra posterior:

(117) d. **na=** **manati** **an** **no-huna**
 FOC ontem osso 2Sing-trazer
 “Foi o osso que você trouxe ontem”.

(117) e. **na=** **hururu** **an** **no-huna**
 FOC alvorada osso 2Sing-trazer
 “Foi o osso que você trouxe na alvorada”.

(117) f. **na=** **paikadati** **an** **no-huna**
 FOC de madrugada osso 2Sing-trazer
 “Foi o osso que você trouxe de madrugada”.

Segundo um dos informantes, a sentença ‘na= an no-huna’ ficaria melhor assim:

(118) **no-huna**¹⁹⁰ **na=** **an**
 2Sing-trazer FOC osso
 “Foi o osso que você trouxe”.

¹⁹⁰ Pronuncia-se /hikna/

c) entre o {-na} e a palavra anterior:

- (118) a. **no-huna** **manati** **na=** **an**
 2Sing-trazer ontem FOC osso
 “Foi o osso que você trouxe ontem”.

d) entre o {-na} e a palavra posterior:

- (118) b. **no-huna** **na=** **manati** **an**
 2Sing-trazer FOC ontem osso
 “Foi o osso que você trouxe ontem”.

Após a aplicação desse teste, verificamos que a palavra fonológica formada entre o {-na} e o núcleo do sintagma, ou a procliticização do {-na}, verificada por Queixalós e Dos Anjos (2006), Queixalós (2010, 2015) e Dos Anjos (2011), não ocorre quando um advérbio é inserido entre esses dois elementos. Quando o advérbio não está entre o {-na} e o núcleo do sintagma, a proclitização continua sendo verificada. Além disso, verificamos, de acordo com os testes nos dados (110) a (118), que um advérbio pode existir entre o {-na} e o núcleo do sintagma verbal; em pesquisas anteriores, exaustivos testes executados por Queixalós e Dos Anjos¹⁹¹ registravam a impossibilidade de ocorrência de advérbios nessa posição. Logo, com relação à questão que norteia este teste – É possível a inserção de advérbios entre o {-na} e os elementos mais próximos? – Sim, tanto na posição anterior como posterior do {-na}.

4.1.1.4 Teste 4: *qual o estatuto do {-na} em frases negativas e interrogativas?*

No teste 4, propusemos a transformação de uma sentença afirmativa em negativa e interrogativa, para verificarmos se o {-na} continua fonologicamente unido ao núcleo do sintagma. Observemos, portanto, os seguintes contextos:

- {-na} como ergativo:

- (119) **Pityira-na=** **hi:k** **pi:da**

¹⁹¹ Conforme comunicação pessoal com Dos Anjos em pesquisa de campo (2017).

Pityira-ERG ver onça
 “Pityira viu a onça”.

(DOS ANJOS, 2011, p. 388)

Observemos agora a transformação da sentença em (119):

a) para a forma negativa:

(119) a. **Pityira-na= hi:k-tu pi:da**¹⁹²
 Pityira-ERG ver-NEG onça
 “Pityira não viu a onça”.

b) para a forma interrogativa:

(119) b. **Pityira-na= hi:k-tu pi:da?**
 Pityira-ERG ver-INTERROG onça
 “Pityira viu a onça?”.

(119) c. **Pityira-na= hi:k pi:da?**
 Pityira-ERG ver onça
 “Pityira viu a onça?”

(119) d. **Pityira hi:k pi:da?**
 Pityira ver onça
 “Pityira viu a onça?”

- {-na} como oblíquo:

(120) **Pioru**¹⁹³ **-na= katu Kopa**¹⁹⁴
 Pioru-OBJPOSP SOC2 Kopa
 “Kopa está com Pioru”.

¹⁹² Igual ao dado 719b de Dos Anjos (2011, p. 389).

¹⁹³ Pronuncia-se /piurã/.

¹⁹⁴ Modificando Pioru-na= katu Tirin (DOS ANJOS, 2011, p. 222). O informante sugeriu a troca.

Observemos agora a transformação da sentença em (120):

a) para a forma negativa:

(120) a. **Pioru-na=** **katu-tu** **Kopa**
 Pioru-OBJPOSP SOC2-NEG Kopa
 “Kopa não está com Pioru”.

b) para a forma interrogativa:

(120) b. **Pioru-na=** **katu-tu** **Kopa?**
 Pioru-OBJPOSP SOC2-INTERROG Kopa
 “Kopa está com Pioru?”

(120) c. **Pioru-na=** **katu** **Kopa?**
 Pioru-OBJPOSP SOC2 Kopa
 “Kopa está com Pioru?”

(120) d. **Pioru** **katu** **Kopa?**
 Pioru SOC2 Kopa
 “Kopa está com Pioru?”

Podemos observar, nesse teste, que, na forma interrogativa, tanto o {-na} quanto o {-tu} (marcador morfológico de pergunta) são opcionais. Já na forma negativa, o informante fez questão de marcar o {-na} e o {-tu}. Todas as sentenças deste teste são gramaticais.

4.1.2 Dados resultantes da contação de uma estória traduzida do português para o katukina

Conforme sugerido pela banca de defesa do projeto de pesquisa do Doutorado, a estória em língua portuguesa foi traduzida para katukina por um dos informantes para verificarmos os contextos de uso do {-na} em uma narrativa. Segue a estória completa:

Caxeiro é um índio katukina. Ontem, ele capturou uma queixada (um porco selvagem) e hoje ele saiu para o Jutai para vender a caça. É Biú que vai comprar o porco. Ele está com José Edinelson no porto esperando Caxeiro chegar. A esposa de Caxeiro está doente na Boca do Biá. Ele vai vender a queixada e voltar logo para lá.

A seguir, apresentamos a estória em partes com a justificativa de cada uma, tendo em mente o que esperávamos em cada trecho:

- a) *Objetivo*: espera-se que o falante dê início à narrativa

Caxeiro é um índio katukina

(121) **Caxeiro** **tūkuna.**

Caxeiro katukina

“Caxeiro é katukina”.

- b) *Objetivo*: espera-se que nesta construção haja um {-na} indicando Caso ergativo:

Ontem, ele capturou uma queixada (um porco selvagem)

(122) **Manati** **too** **iki:k** **wa-dukni** **wi:ri.**

Ontem outro unidade, um ANTP-pegar queixada

“Ontem, ele pegou uma queixada”.

- c) *Objetivo*: espera-se que nesta construção haja um {-na} indicando Caso alativo.

e hoje ele saiu para o Jutai

(123) **Aninton** **daan** **Caxeiro** **Yutai-na**

hoje sair Caxeiro Jutai-ALT

“Hoje Caxeiro saiu para o Jutai”.

- d) *Objetivo*: espera-se que esta parte só dê sequência à estória.

para vender a caça.

- (124) [no-hok]¹⁹⁵ bara-hai tyo
 Vender caça-carne EXORT
 “vender carne de caça”.

e) *Objetivo*: espera-se que nesta construção haja um {-na} indicando a focalização de ‘Biú’.

É Biú que vai comprar o porco.

- (125) Biú omanin bara-hai wi:ri hi =tyi:n
 Biú comprar caça-carne queixada COL-FUTPROX
 “Biú que vai comprar a queixada”.

f) *Objetivo*: espera-se que nesta construção haja um {-na} indicando Caso oblíquo.

Ele está com José Edinelson no porto

- (126) José Edinelson [tao dya]¹⁹⁶ ityian =ka wanoton [naika]¹⁹⁷
 José Edinelson Estar junto PROX PERFEC porto na beira
 “(Ele) está com José Edinelson no porto”.

g) *Objetivo*: espera-se que esta parte só dê sequência à estória

esperando Caxeiro chegar.

- (127) [mapikan]¹⁹⁸ Caxeiro=ka
 esperar até chegar Caxeiro-PERF
 “esperando até Caxeiro chegar”.

¹⁹⁵ Significado dado pelo informante. Não encontramos registro dessa palavra nos documentos.

¹⁹⁶ Significado dado pelo informante. Não encontramos registro dessa palavra nos documentos.

¹⁹⁷ Significado dado pelo informante. Não encontramos registro dessa palavra nos documentos.

¹⁹⁸ Significado dado pelo informante. Não encontramos registro dessa palavra nos documentos.

h) *Objetivo*: espera-se que nessa construção haja um {-na} indicando Caso genitivo.

A esposa de Caxeiro está doente na Boca do Biá.

(128) **Caxeiro-na=** **owa:mok** **[oik]¹⁹⁹-pa** **ka** **Biá** **[Don niton]²⁰⁰**
 Caxeiro-GEN esposa doente-VRBLZ PERFEC Biá Boca
 “A esposa de Caxeiro está doente na Boca do Biá”.

Ou

(129) **Caxeiro** **owa:mok** **[oik]²⁰¹-pa** **ka** **Biá** **[Don niton]²⁰²**
 Caxeiro esposa doente-VRBLZ PERFEC Biá Boca
 “A esposa de Caxeiro está doente na Boca do Biá”.

i) *Objetivo*: espera-se que esta parte só dê sequência à estória.

Ele vai vender a queixada

(130) **wi:ri-hi** **[no-hok]²⁰³** **=tyi:n**
 Queixada-COL vender FUTPROX
 “(Ele) vai vender as queixadas”.

j) *Objetivo*: espera-se que nesta construção haja um {-na} indicando CTRF.

e voltar logo para lá.

(131) **ki:nhi-na** **Caxeiro** **=tyi:n**
 voltar-CTRF Caxeiro FUTPROX
 “Caxeiro vai voltar para lá”.

¹⁹⁹ Significado dado pelo informante. Não encontramos registro dessa palavra nos documentos.

²⁰⁰ Significado dado pelo informante. Não encontramos registro dessa palavra nos documentos.

²⁰¹ Significado dado pelo informante. Não encontramos registro dessa palavra nos documentos.

²⁰² Significado dado pelo informante. Não encontramos registro dessa palavra nos documentos.

²⁰³ Significado dado pelo informante. Não encontramos registro dessa palavra nos documentos.

Observamos, nos dados do katukina, que não houve a presença do {-na} na sentença equivalente a *Ontem, ele capturou uma queixada (um porco selvagem)*; esperávamos um {-na} ergativo, mas o falante nativo usou uma marca morfológica de antipassiva (-wa). Segundo Queixalós (2013), esta é realmente uma forma de marcar agência.

Na sentença equivalente a *hoje ele saiu para o Jutaí*, houve o uso do alativo {-na} (indicando a direção), conforme esperávamos. Já, na sentença equivalente à *É Biú que vai comprar o porco*, não houve marcação morfológica que indicasse focalização.

Na construção equivalente a *Ele está com José Edinelson no porto*, o primeiro participante ficou implícito e foram usados outros recursos (*tao dya* – estar junto e *ityian* – indicador de proximidade) para indicar companhia, e não o {-na} como objeto de posposição. Hipotetizamos que o primeiro participante ficou implícito devido à facilidade de retomada desse participante na oração anterior, como na sentença equivalente a *Ele vai vender a queixada*, e o fato de ele não estar explícito facilitou a construção sem o {-na} como objeto de posposição.

Na construção equivalente a *A esposa de Caxeiro está doente na Boca do Biá*, houve a marcação morfológica de Caso genitivo {-na}; e o informante deixou claro que essa marcação poderia não estar presente, sem prejuízo no sentido da sentença. Por fim, na construção equivalente a *voltar logo para lá*, o {-na} foi usado para indicar movimento centrífugo.

No último teste, portanto, verificamos as estruturas com o uso do {-na} e o seu uso facultativo, no caso do genitivo e da marcação de foco. As marcações de Caso ergativo e oblíquo não puderam ser verificadas nesse teste, porque outras estruturas foram usadas, e observamos o uso não opcional do {-na} para marcação morfológica de movimento centrífugo e de alativo.

4.2 REVISITANDO OS DADOS SOB O OLHAR DA ERGATIVIDADE

Neste subtópico, iremos analisar dados do Katukina com relação à ergatividade à luz da Tipologia linguística, com base nos estudos anteriores descritos nos capítulos 2 e 3 do presente estudo. Iniciaremos com a discussão das propriedades morfológicas do alinhamento ergativo destacadas pelos autores e sua aplicação na língua Katukina; logo após, destacaremos as propriedades sintáticas.

- (125) **Biú omanin bara-hai wi:ri hi =tyi:n**
 Biú comprar caça-carne queixada COL-FUTPROX
 “Biú que vai comprar a queixada”.

Em (88a), podemos observar a forma preferencial de marcação da ergatividade – com o morfema {-na} marcando o atuante interno. Em (108), (119) e (125), observamos a outra forma de marcação (ou de não marcação): o atuante interno marcado da mesma maneira que o atuante externo e o atuante único da oração monovalente (☼). É importante observar que o fenômeno encontrado por nós em campo é diferente daquele encontrado por Queixalós (2004) – acusatividade em Katukina, abordada no subtópico 2.3.2. Repetimos aqui o exemplo da oração acusativa e da ergativa, respectivamente:

- (58) **[takara duni] mapiri**²⁰⁷
 galinha capturar serpente
 “A serpente pegou a galinha”.

- (108) **[Maria dyuman] tahi**²⁰⁸
 Maria derramar água
 “Maria derramou a água”.

Na oração acusativa do Katukina, em (58), o atuante interno é o [-agente] e o atuante externo, o [+agente]. Conforme vimos no subitem 2.3.2, as operações sintáticas apontam para o movimento, a elisão, a focalização e a preferência na correferência do atuante externo, o [+agente]; as operações sintáticas na oração ergativa do Katukina, como vimos no subtópico 2.3.1, também favorecem o atuante externo, mas nesse caso o externo é o [-agente], conforme o dado (108). Logo, as sentenças em (108), (119) e (125) são ergativas sem a marcação de Caso {-na}.

Outra condição morfológica para a ergatividade em Katukina, apontada por Queixalós (2004), é a substituição do atuante interno – quando o sintagma nominal é retirado da posição pré-verbal, um prefixo de pessoa equivalente o substitui, sem a marcação morfológica {-na}. Dos Anjos (2011) concorda com a substituição e com o não licenciamento do {-na}. Essa mesma condição é apontada em outra obra de Queixalós (2013), porém no processo sintático

²⁰⁷ O dado do dialeto Kanamari em (58) é de Queixalós (2004, p. 177).

²⁰⁸ Modificando Maria-na dyuman tahi (QUEIXALÓS & DOS ANJOS, 2006, p. 40).

de movimento, conforme o subtópico 2.3.1. Conforme os dados no subtópico 4.1.1.2, o {-na} pode aparecer entre o prefixo de pessoa e o núcleo do sintagma (no caso da ergatividade, o núcleo é o verbo), como podemos observar nos exemplos repetidos a seguir:

- (96) b. **no-na=** **duni** **wa:pa**²⁰⁹
 2sg-CasoM capturar cão
 “Você capturou o cão”.

- c. ***na-na=** **duni** **wa:pa**²¹⁰²¹¹
 3pl-MCaso capturar cão
 “Vocês capturaram o cão”.

- (99) a. **yok-hak** **no:ru**
 1sg-flechar macaco zogue-zogue
 “Eu flechei o macaco zogue-zogue”.

- (100) b. **no-duni** **wa:pa**²¹²
 3sg-capturar cão
 “Você capturou o cão”.

- c. **na-duni** **wa:pa**²¹³
 3pl-capturar cão
 “Vocês capturaram o cão”.

Como podemos observar nos exemplos, as sentenças com e sem a marcação de Caso são aceitas em Katukina, com exceção do dado em (96c). A forma preferencial, reiteramos, é aquela em que o {-na} não está presente. Portanto, a condição morfológica de ausência de marcação no uso do prefixo pessoal parece ser uma condição preferencial, e não obrigatória.

Observemos agora algumas propriedades sintáticas do alinhamento ergativo. Conforme abordado no subtópico 2.3.1, Queixalós (2004, 2007, 2013) defende que, nas

²⁰⁹ Modificando pi:da-na= duni wa:pa (QUEIXALÓS, 2013, p. 27).

²¹⁰ Os dois informantes julgaram essa sentença agramatical.

²¹¹ Modificando pi:da-na= duni wa:pa (QUEIXALÓS, 2013, p. 27).

²¹² Modificando pi:da-na= duni wa:pa (QUEIXALÓS, 2013, p. 27).

²¹³ Modificando pi:da-na= duni wa:pa (QUEIXALÓS, 2013, p. 27).

operações sintáticas das orações ergativas, o atuante paciente da oração divalente mostra um comportamento similar ao atuante único da oração monovalente. Dos Anjos (2011) concorda com o autor, quando afirma:

Argumentos externos e internos em Katukina demonstram comportamento distinto nos processos de movimento, elisão, pronominalização, focalização, coordenação, interrogação, nominalização e relativização. Somente argumentos externos acessam esses processos sem que ocorram mudanças formais (DOS ANJOS, 2011, p. 395).

Em algumas construções, no entanto, observamos comportamentos diferentes daqueles previstos para as orações ergativas. Em primeiro lugar, vamos observar o que Queixalós (2007, 2013) afirma sobre as possibilidades de representação do termo pré-verbal no Katukina: conforme o autor, essa representação pode se dar por um prefixo de pessoa ou um sintagma nominal (subtópico 2.3.1). Dos Anjos (2011) observou que os pronomes livres também podem ocupar a posição pré-verbal, e até receber a marcação de Caso ergativo, conforme citado nas subseções 3.2 e 4.1.1.2. Nossos dados ratificam a afirmação de Dos Anjos, conforme o exemplo repetido a seguir:

(96) a. **idi:k-na=** **duni** **wa:pa**²¹⁴
 3sg-CasoM capturar cão
 “Você capturou o cão”.

De acordo com as observações de Dos Anjos (2011) e as nossas, portanto, o termo pré-verbal pode ser representado por um sintagma nominal, um prefixo de pessoa ou um pronome livre.

Com relação ao processo de elisão, Queixalós (2013) defende que apenas o argumento externo – nas ergativas, o atuante paciente – pode ser suprimido da sentença, conforme citado no subtópico 2.3.1. O dado a seguir mostra a elisão do argumento interno – nas ergativas, o atuante agente – da sentença:

(132) **mirik** **adu** **hon** **to:na**
 agarrar 1SNG terra SUBS
 “Eles agarraram-me no fundo da terra”. (DOS ANJOS, 2011, p. 161)

²¹⁴ Modificando pi:da-na= duni wa:pa (QUEIXALÓS, 2013, p. 27).

Em (132), há uma oração divalente em uma construção ergativa. O argumento externo *adu* está explícito, diferentemente do argumento interno: o sintagma nominal ou o pronome que equivaleria a “eles” não está na oração.

Por fim, com relação ao processo de secabilidad (subtópico 2.3.1), Queixalós (2004, 2007) e Dos Anjos (2011) verificaram, em pesquisa de campo, que expressões adverbiais não podem interpor a sequência atuante interno-verbo em orações divalentes. No entanto, em pesquisa de campo mais recente (2017), verificamos essa possibilidade em Katukina, conforme o teste 3 no subtópico 4.1.1.3, com dados reproduzidos abaixo:

- (112) **ua:pa-na= ti: taukala**
 cachorro-ERG matar galinha
 “O cachorro matou a galinha”. (DOS ANJOS, 2011, p. 125)

- (112) a. **ua:pa manati na= ti: taukala**
 cachorro ontem ERG matar galinha
 “O cachorro matou a galinha ontem”.

- (112) b. **ua:pa tanti na= ti: taukala**
 cachorro aqui ERG matar galinha
 “O cachorro matou a galinha aqui”.

- (112) c. **ua:pa-na= manati ti: taukala**
 cachorro-ERG ontem matar galinha
 “O cachorro matou a galinha ontem”.

- (112) d. **ua:pa-na= tanti ti: taukala**
 cachorro-ERG aqui matar galinha
 “O cachorro matou a galinha aqui”.

De acordo com os dados em (112), o advérbio pode não só ocorrer entre o argumento interno e a união fonológica entre o morfema ergativo {-na} e o verbo – (112a) e (112b) –, mas também pode separar fonologicamente o morfema {-na} e o verbo – (112c) e (112d). Então, em Katukina, o advérbio pode interpor quaisquer elementos da sentença divalente: atuante interno – verbo ou verbo – atuante externo.

Segundo Queixalós (2004), a ergatividade de uma língua é homogênea quando se manifesta por condições morfológicas e sintáticas e heterogênea, quando se manifesta apenas por condições morfológicas. Por isso, o autor classifica o Katukina como uma língua homogênea e fortemente ergativa. Não é nossa intenção aqui invalidar essa classificação, até porque os dados que contrariam ou complementam os critérios estabelecidos se constituem de dados adicionais da língua, de novas possibilidades, e não de dados que invalidam os anteriores. Além disso, as operações sintáticas em que observamos algumas diferenças foram apenas três – movimento, elisão e secabilidad – em um universo de dez operações que identificam a ergatividade nas línguas – movimento, elisão, secabilidad, ostensão, coordenação, focalização, interrogação, relativização, nominalização e correferência. Os dados de que dispomos, incluindo os dados disponíveis de estudos anteriores, não possuem nada diferente do que já está estabelecido nos outros sete critérios.

O que pretendemos com as discussões, portanto, é abrir o diálogo sobre os critérios sintáticos que permitem identificar a ergatividade para sua possível reelaboração – seja para reformular algum critério, seja para retirá-lo da lista de restrições. Esperamos contribuir, mesmo que modestamente, para a reestruturação do estatuto da marcação morfológica, por meio do {-na}, dos diversos ambientes em que ele é usado, e para uma possível revisão dos critérios sintáticos para a identificação da ergatividade nas línguas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa, procuramos observar o status do marcador morfológico {-na} em todos os contextos em que ele é usado na língua Katukina – marcação dos Casos genitivo, ergativo e oblíquo, marcação dêitica centrífuga e alativa e marcação de foco – a partir de quatro testes de gramaticalidade e da tradução de uma estória da língua portuguesa para a língua Katukina. A partir desses testes, intencionamos também observar como as evidências morfológicas e sintáticas da ergatividade foram comprovadas ou não através dos dados.

Partimos das seguintes questões (cf. o subitem 1.3.1.1): (i) a partícula {-na} é intercambiável com o marcador {kana} ({-na} pode ser uma forma reduzida de {kana})? A hipótese de que {-na} e {kana} não são intercambiáveis em todos os contextos, exceto no de focalização, foi confirmada, com poucas ocorrências de equivalência em argumentos focalizados; (ii) a partícula {-na} já está afixada ao núcleo do sintagma quando marca os Casos ergativo, genitivo e oblíquo e quando marca o foco? A hipótese de que a partícula {-na} já está afixada ao núcleo do sintagma foi confirmada, com a ressalva de que pode ocorrer um advérbio entre o {-na=} e o núcleo, conforme o teste 3, interrompendo essa afixação; (iii) a partícula {-na} pode ser elidida sem prejuízo semântico? A hipótese de que a partícula {-na} não poderia ser elidida foi refutada, uma vez que encontramos vários contextos em que houve a possibilidade de elisão do {-na}; (iv) há alterações nos resultados dos processos sintáticos das orações ergativas em Katukina com relação aos estudos anteriores? A hipótese de que haveria alteração foi confirmada. A mudança foi observada nos processos de movimento, elisão e secabilidad, pois foram verificadas, respectivamente, possibilidades de ocorrência de pronomes livres no atuante interno, de omissão do argumento interno e de inserção de advérbios entre o {-na} e o verbo; (v) essas possíveis alterações afetam a ergatividade em Katukina? A hipótese de que não afetaria foi confirmada, pois os dados analisados ratificam a ergatividade na língua.

O presente estudo pretende contribuir minimamente para a revisão do estatuto do morfema {-na} na língua Katukina e dos critérios das propriedades morfológicas e sintáticas dos sistemas de alinhamento ergativo, a partir principalmente dos estudos de Queixalós (2004, 2007, 2013) e Dos Anjos (2011). Acreditamos, a partir da nossa análise de dados, no capítulo 4, que os critérios de movimento e elisão podem ser reformulados tendo por base os dados da língua Katukina analisados e que o critério de secabilidad não é definitivo para a caracterização da ergatividade nas línguas, uma vez que o Katukina, língua fortemente ergativa, traz a possibilidade de não obedecer a esse critério. Mesmo os critérios

morfológicos, também analisados no capítulo 4, poderiam ser reformulados diante da possibilidade de ausência de marcação morfológica.

As nossas limitações nesse estudo, entre outras, foram a falta de fluência da língua estudada e pouco tempo de pesquisa de campo. Os estudos anteriores e os conhecimentos de Queixalós e Dos Anjos sobre o Katukina foram fundamentais para dirimir os efeitos dessas limitações. Acreditamos que o presente estudo é uma contribuição mínima, porém válida, para possíveis pesquisas futuras mais aprofundadas sobre os processos sintáticos e morfológicos para a verificação da ergatividade nas línguas, principalmente em Katukina. Esperamos também contribuir para o conhecimento da gramática do katukina, além de disponibilizar todos os dados coletados para pesquisas futuras, tanto nossas quanto de outros pesquisadores.

REFERÊNCIAS

- ADELAAR, Willem F. H. Propuesta de un nuevo vínculo genético entre dos grupos lingüísticos indígenas de la Amazonía Occidental: harakmbut y katukina. *In*: MIRANDA, Luis (ed.). **I Congreso de lenguas indígenas de Sudamérica**, v. 2, p. 219-236. Lima: Universidad Ricardo Palma, 2000.
- BLAKE, Barry J. **Case**. Second edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- COMRIE, Bernard. **Language universals and Linguistic typology: syntax and morphology**. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.
- DeLancey, S. The Blue Bird of Ergativity. *In*: Queixalós, F. (resp.) **Ergativity in Amazonia III**. Centre d'études des langues indigènes d'Amérique (CNRS, IRD), Laboratório de Línguas Indígenas (UnB), 2004.
- DETURCHE, Jérémy Paul Jean Loup. Narrativas e história do contato katukina: “etno-história” de um povo da Amazônia Brasileira. **Antropologia em primeira mão**. vol. 131. Florianópolis, UFSC: 2011. p. 5-15.
- _____. **Les Katukina du Rio Biá (Etat d'Amazonas - Brésil)**: Histoire, organisation sociale et cosmologie. 2009. Thèse présentée en vue du doctorat. Discipline : Ethnologie. Ecole doctorale « milieux, cultures et sociétés du passé et du présent », Université de Paris Ouest, Paris.
- _____.; HOFFMANN, Kaio Domingues. Nomes, subgrupos e qualidades totêmicas: nas águas de uma sociologia Katukina (rio Biá, sudoeste amazônico). **Ilha**. v. 18, n. 2, p. 99-120, 2016.
- DOS ANJOS, Zoraide. **Fonologia e Gramática Katukina-Kanamari**. Amsterdã, LOT: 2011.
- _____. Fonologia Katukina-Kanamari. **Línguas Indígenas Americanas (LIAMES)**. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas-SP, v. 12, p. 123-156, 2012.
- EPPS, Patience; SALANOVA, Andrés Pablo. A linguística amazônica hoje. **Línguas Indígenas Americanas (LIAMES)**. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas-SP, v. 12, p. 7-37, 2012.
- GIVÓN, Talmy. **Syntax: an introduction**. v. 1. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.
- ILHA, Flávio. **Seita ressurge em mais de 170 aldeias da Amazônia**. UOL notícias: cotidiano. 12/02/2016. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2016/02/12/seita-ressurge-em-mais-de-170-aldeias-da-amazonia.htm>>. Acesso em 20.12.2017.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- PAYNE, Thomas Edward. **Describing morphosyntax: A guide for field linguists**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- POVO INDÍGENA KATUKINA DO RIO BIÁ. **Plano de gestão territorial**: Terra indígena Rio Biá. Jutai-AM: Projeto Aldeias, s.d. Disponível em: <<https://vdocuments.mx/relatorio-katukina-completo-miolo.html>>. Acesso em: 28.09.2018.

QUEIXALÓS, Francesc. Ergatividade y Relaciones Gramaticales em Katukina-Kanamari. In: **Forma y Función**. Bogotá, n. 20, 2007. p. 95-146.

_____. Grammatical Relations in Katukina-Kanamari. In: Gildea, S. & Queixalós, F. (eds) **Ergativity in Amazonia**, Amsterdam, John Benjamins, 2010. p. 235-284.

_____. **L'ergativité est-elle un oiseau bleu?** Munich, Lincom, LSLT 26, 2013, 112 pp.

_____. Hipótese sobre a origem da marca de adjacência em Katukina-Kanamari e outras línguas. Apresentação de comunicação em simpósio temático. **XI Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística** (Abralin). Fevereiro de 2015.

_____. Split Transitivity and Coreference in Katukína. In: Queixalós, Francesc. (org.). **Ergatividade na Amazônia III**, Atas do terceiro encontro do Projeto Manifestações da ergatividade na Amazônia, Paris: CNRS. 2004. p. 175-188.

_____. Notas de aula da disciplina Tópicos de Teoria Sintática 2, ministrada pelo prof. Dr. Francesc Queixalós na Universidade de Brasília (UnB) no segundo semestre de 2013. – no teste 4.1.1.3 Teste 3 (Queixalós, 2013).

_____; DOS ANJOS, Zoraide. A língua Katukína-Kanamari. **Línguas Indígenas Americanas (LIAMES)**. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas-SP, v. 6, p. 29-59, 2006.

RIVET, Paul. Les Katukina, étude linguistique. In: **Journal de la Société des Américanistes**. Tome 12, p. 83-89, 1920.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna. **Línguas brasileiras**: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

_____. Panorama das línguas indígenas da Amazônia. In: QUEIXALÓS, Francesc; RENAULT-LESCURE, Odile (eds.). **As línguas Amazônicas hoje**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2000. p. 15-28.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atualizada. São Paulo: Cortez, 2007.

APÊNDICE A - DADOS REFERENTES AO TESTE 1

- {-na} como *CTRF*

- (1) **Dyoaki** **hi:ri** **o:man** **wa-na**
 Joaquim subir árvore, pau PRL-CTRF
 ‘Joaquim subiu pela árvore’ (DOS ANJOS, 2011, p. 133)

Sentença gramatical, segundo dois informantes. Substituindo {-na} por {-kana}:

- (2) ***Dyoaki** **hi:ri** **o:man** **wa-kana**

- {-na} como *ALT*

- (3) **kaya** **hak-na**
 ir casa-ALT
 ‘Vamos à casa’ (DOS ANJOS, 2011, p. 132)

Sentença gramatical, segundo dois informantes. Substituindo {-na} por {-kana}:

- (4) ***kaya** **hak-kana**

Mais uma vez, os informantes fizeram questão de dizer que {-kana} significa cana de açúcar e que a sentença ficaria muito estranha com esse significado.

- {-na} como *ergativo*

- (5) **Maria-na** **dyuman** **tahi**
 Maria-MCaso derramar água
 ‘Maria derramou a água’ (QUEIXALÓS & DOS ANJOS, 2006, p. 40)

Sentença gramatical, segundo dois informantes. Substituindo {-na} por {-kana}:

(6) ***Maria-kana** **dyuman** **tahi**

- {-na} como *genitivo*

(7) **Tirin-na=** **tyo** **Tyo:ma**

Tirin-GEN filha Tyo:ma

‘Tyo:ma é filha de Tirin’

(DOS ANJOS, 2011, p. 203)

Sentença gramatical, segundo dois informantes. Substituindo {-na} por {-kana}:

(8) ***Tirin-kana=** **tyo** **Tyo:ma**

- {-na} como *oblíquo*

(9) **Yako-na=** **katu** **Dyoraidi**

Yako-MCaso ComitativoInstrumental Dyoraidi

‘Dyoraidi está com o Yako’

(DOS ANJOS, 2011, p. 286)

Sentença gramatical, segundo um informante. Substituindo {-na} por {-kana}:

(10) ***Yako-kana** **katu** **Dyuraidi**

- {-na} como *marcador de foco*

(11) **pi:da-na=** **ti:** **na=** **Konhu:**

onça-ERG matar FOC Konhu:

‘Foi o Konhu que a onça matou’

(DOS ANJOS, 2011, p. 294)

Sentença gramatical, segundo um informante. Substituindo {-na} por {-kana}:

(12) ***pi:da-na=** **ti:** **kana=** **Konhu:**

(13) ***pi:da-kana=** **ti:** **na=** **Konhu:**

(14) *pi:da-kana= ti: kana= Konhu:

Obs.: é importante questionar a validade dos dados e dos testes acima (e os que derivaram deles), porque, se o informante não reconheceu o segundo {-na} como foco, o teste desse morfema com o pronome pessoal ou sem o {-na} não teria função.

Outras sentenças:

(15) *wi:ri na tyo ikihak²¹⁵
 porco selvagem FOC 1Pl flechar
 ‘É um porco selvagem que nós flechamos’

(QUEIXALÓS, 2010 *apud* DOS ANJOS, 2011, p. 294)

Um dos informantes disse que a sentença, em katukina, ficaria boa assim:

(16) wi:ri na iki:k tyo ikihak
 porco selvagem FOC um 1Pl flechar
 ‘É um porco selvagem que nós flechamos’

Substituindo {-na} por {-kana}:

(17) *wi:ri kana tyo- ikihak
 porco selvagem FOC 1Pl flechar
 ‘É um porco selvagem que nós flechamos’

- {-kana} como marcador de foco

(18) *wa:ro kana ki:tan-nin²¹⁶
 papagaio FOC dormir-durativo
 ‘Esse é o papagaio que está dormindo’

(QUEIXALÓS, 2010 *apud* DOS ANJOS, 2011, p. 294)

²¹⁵ É um dado kanamari.

²¹⁶ Esse é um dado kanamari.

Sentença agramatical, segundo um informante. Substituindo {-kana} por {-na}:

(19) ***wa:ro na ki:tan-nin**

(20) **i-hi:k [kana ityian [datyokan-nin]]**²¹⁷

1sg-ver FOC 3sg morrer-SUBD

“Eu vi a queixada que morreu”.

(21) **i-hi:k [na ityian [datyokan-nin]]**²¹⁸

1sg-ver FOC 3sg morrer-SUBD

“Eu vi a queixada que morreu”.

(22) **i-hi:k [kana ha-[datyokan-nin]]**²¹⁹

1sg-ver FOC 3sg-morrer-SUBD

“Eu vi a queixada que morreu”.

(23) **i-hi:k [na ha-[datyokan-nin]]**²²⁰

1sg-ver FOC 3sg-morrer-SUBD

“Eu vi a queixada que morreu”.

²¹⁷ Modificando i-hi:k [kana wi:ri [datyokan-nin]] (DOS ANJOS, 2011, p. 366) – dado kanamari.

²¹⁸ Modificando i-hi:k [kana wi:ri [datyokan-nin]] (DOS ANJOS, 2011, p. 366) – dado kanamari.

²¹⁹ Modificando i-hi:k [kana wi:ri [datyokan-nin]] (DOS ANJOS, 2011, p. 366) – dado kanamari.

²²⁰ Modificando i-hi:k [kana wi:ri [datyokan-nin]] (DOS ANJOS, 2011, p. 366) – dado kanamari.

APÊNDICE B - DADOS REFERENTES AO TESTE 2

- {-na} como marcador de foco

- (24) ***wi:ri** **na** **tyo** **ikihak**²²¹
 porco selvagem FOC 1Pl flechar
 ‘É um porco selvagem que nós flechamos’

(QUEIXALÓS, 2010 *apud* DOS ANJOS, 2011, p. 294)

Um dos informantes disse que essa sentença, em katukina, ficaria boa assim:

- (25) **iki:k** **ityian** **yo-na=** **hak** **naka**
 um 3Sing eu-ERG flechar PERF
 ‘Eu flechei um deles’

- (26) **ha** **ityian** **yo-na=** **hak** **naka**
 um (ou 3Sing) 3Sing eu-ERG flechar PERF
 ‘Eu flechei um deles’

Também pode ser usado sem o {-na}:

- (27) **iki:k** **ityian** **yo-hak** **naka**
 um 3Sing eu-flechar PERF
 ‘Eu flechei um deles’

- (28) **ha** **ityian** **yo-hak** **naka**
 um (ou 3Sing) 3Sing eu-flechar PERF
 ‘Eu flechei um deles’

- {-na} como centrífugo

- (29) **ki:nhi-na** **adi:k**²²²

²²¹ É um dado kanamari.

voltar-CTRF 1Pl

‘Nós voltamos para lá’

(30) **Tyo-ki:nhi-na**²²³

1Pl-voltar-CTRF

‘Nós voltamos para lá’

- {-na} como ergativo

(31) **idi:ki-na= duni wa:pa**²²⁴

3Pl-CasoM capturar cão

‘Vocês capturaram o cão’

(32) **idi:ki duni wa:pa**²²⁵

3Pl capturar cão

‘Vocês capturaram o cão’

(33) **Ityian-na dyuman tahi**²²⁶

3Sing-MCaso derramar água

‘Ela derramou a água’

(34) **Atyian-na dyuman tahi**²²⁷

3Pl-MCaso derramar água

‘Elas derramaram a água’

(35) **ha-na dyuman tahi**²²⁸

3Sing-MCaso derramar água

‘Ela derramou a água’

(36) **ma-na dyuman tahi**²²⁹

²²² Modificando *ki:nhi-na wu:dyon* (DOS ANJOS, 2011, p. 130).

²²³ Modificando *ki:nhi-na wu:dyon* (DOS ANJOS, 2011, p. 130).

²²⁴ Modificando *pi:da-na= duni wa:pa* (QUEIXALÓS, 2013, p. 27).

²²⁵ Modificando *pi:da-na= duni wa:pa* (QUEIXALÓS, 2013, p. 27).

²²⁶ Modificando *Maria-na dyuman tahi* (QUEIXALÓS, 2006, p. 40).

²²⁷ Modificando *Maria-na dyuman tahi* (QUEIXALÓS, 2006, p. 40).

²²⁸ Modificando *Maria-na dyuman tahi* (QUEIXALÓS, 2006, p. 40).

3Pl-MCaso derramar água
 ‘Elas derramaram a água’

Retirando o {-na} para saber se ele pode ser omitido quando usamos morfemas livres ou presos:

(37) **Ityian dyuman tahi**²³⁰
 3Sing derramar água
 ‘Ela derramou a água’

(38) **Atyian dyuman tahi**²³¹
 3Pl derramar água
 ‘Elas derramaram a água’

(39) **ha-dyuman tahi**²³²
 3Sing-derramar água
 ‘Ela derramou a água’

(40) **ma-dyuman tahi**²³³
 3Pl-derramar água
 ‘Elas derramaram a água’

- {-na} como genitivo

(41) **idi:k-na= tyo Tyo:ma**²³⁴
 2Sing-GEN filha Tyo:ma
 ‘Tyo:ma é sua filha’

(42) **yok-na= tyo Tyo:ma**²³⁵

²²⁹ Modificando Maria-na dyuman tahi (QUEIXALÓS, 2006, p. 40).

²³⁰ Modificando Maria-na dyuman tahi (QUEIXALÓS, 2006, p. 40).

²³¹ Modificando Maria-na dyuman tahi (QUEIXALÓS, 2006, p. 40).

²³² Modificando Maria-na dyuman tahi (QUEIXALÓS, 2006, p. 40).

²³³ Modificando Maria-na dyuman tahi (QUEIXALÓS, 2006, p. 40).

²³⁴ Modificando Tirin-na= tyo Tyo:ma (DOS ANJOS, 2011, p. 203).

²³⁵ Modificando Tirin-na= tyo Tyo:ma (DOS ANJOS, 2011, p. 203).

1Sing-GEN filha Tyo:ma

‘Tyo:ma é minha filha’

(43) **ityian-na=** **obatyawawa** **Owi**²³⁶

3Sing-MCaso esposa Owi

‘A Owi é a esposa dele’

(44) **ha-na=** **obatyawawa** **Owi**²³⁷

3Sing-MCaso esposa Owi

‘A Owi é a esposa dele’

(45) **no-na=** **tyo** **kana**——**tona**²³⁸ **da:an**²³⁹

2Sing-CasoM= filha ~~foco~~——~~partir~~ fugir (sozinho)

‘Sua filha fugiu’

(46) **ha-na=** **tyo** **da:an**²⁴⁰

3Sing-CasoM= filha fugir (sozinho)

‘A filha dele fugiu’

(47) **idi:k-na=** **tyo** **kana**——**tona** **da:an**²⁴¹

2Sing-CasoM= filha ~~foco~~——~~partir~~ fugir (sozinho)

‘Sua filha fugiu’

(48) **ityian-na=** **tyo** **kana**——**tona** **da:an**²⁴²

3Sing-CasoM= filha ~~foco~~——~~partir~~ fugir (sozinho)

‘A filha dele fugiu’

²³⁶ Modificando Nodia-na obatyawa Owi (QUEIXALÓS, 2006, p. 40).

²³⁷ Modificando Nodia-na obatyawa Owi (QUEIXALÓS, 2006, p. 40).

²³⁸ Aqui, a intenção era destacar a função do -kana como foco, mas a sentença foi considerada agramatical e ficou um -na com a função de genitivo.

²³⁹ Modificando Maranmaran-na= tyo Kana tona (QUEIXALÓS, 2013, p. 31). Substituição (‘kana tona’ por ‘da:an’) feita por um informante.

²⁴⁰ Modificando Maranmaran-na= tyo Kana tona (QUEIXALÓS, 2013, p. 31). Substituição (‘kana tona’ por ‘da:an’) feita por um informante.

²⁴¹ Modificando Maranmaran-na= tyo Kana tona (QUEIXALÓS, 2013, p. 31). Substituição (‘kana tona’ por ‘da:an’) feita por um informante.

²⁴² Modificando Maranmaran-na= tyo Kana tona (QUEIXALÓS, 2013, p. 31). Substituição (‘kana tona’ por ‘da:an’) feita por um informante.

Retirando o {-na} para saber se ele pode ser omitido quando usamos morfemas livres ou presos:

- (49) **ityian obatyawawa Owi**²⁴³
 3Sing esposa Owi
 ‘A Owi é a esposa dele’

- (50) **ha-obyawawa Owi**²⁴⁴
 3Sing-esposa Owi
 ‘A Owi é a esposa dele’

- {-na} como oblíquo

- (51) **adu-na= katu Hu**²⁴⁵
 1Sing-OBJPOSP SOC2 Hu
 ‘Hu está comigo’

- (52) **idi:k-na= katu Hu**²⁴⁶
 2Sing-OBJPOSP SOC2 Hu
 ‘Hu está com você’

- (53) **yok-na= katu Hu**²⁴⁷
 1Sing-OBJPOSP SOC2 Hu
 ‘Hu está comigo’

- (54) **no-na= katu Hu**²⁴⁸
 2Sing-OBJPOSP SOC2 Hu
 ‘Hu está com você’

²⁴³ Modificando Nodia-na obatyawa Owi (QUEIXALÓS, 2006, p. 40).

²⁴⁴ Modificando Nodia-na obatyawa Owi (QUEIXALÓS, 2006, p. 40).

²⁴⁵ Modificando Tokaniri-na= katu Hu (DOS ANJOS, 2011, p. 204).

²⁴⁶ Modificando Tokaniri-na= katu Hu (DOS ANJOS, 2011, p. 204).

²⁴⁷ Modificando Tokaniri-na= katu Hu (DOS ANJOS, 2011, p. 204).

²⁴⁸ Modificando Tokaniri-na= katu Hu (DOS ANJOS, 2011, p. 204).

- {-na} como *foco*

(55) **na= ityian paha-nin**²⁴⁹
 FOC 3Sing estar podre-DUR
 ‘É ela que está apodrecendo’

(56) **na= ha-paha-nin**²⁵⁰
 FOC 3Sing-estar podre-DUR
 ‘É ela que está apodrecendo’

(57) **na= ityian dyo: naka**²⁵¹
 FOC 3Sing encher PERF
 ‘Foi ela que encheu’

(58) **na= ha-dyo: naka**²⁵²
 FOC 3Sing-encher PERF
 ‘Foi ela que encheu’

- *Retirada do {-na} como genitivo – pronomes livres/prefixos pessoais*

(59) **idi:k tyo Tyo:ma**²⁵³
 2Sing filha Tyo:ma
 ‘Tyo:ma é sua filha’

(60) **yok-tyo Tyo:ma**²⁵⁴
 1Sing-filha Tyo:ma
 ‘Tyo:ma é minha filha’

²⁴⁹ Modificando na= bara paha-nin (DOS ANJOS, 2011, p. 296).

²⁵⁰ Modificando na= bara paha-nin (DOS ANJOS, 2011, p. 296).

²⁵¹ Modificando na= pudak dyo: (DOS ANJOS, 2011, p. 296). O naka foi acrescentado por um informante, que disse que a sentença precisa de naka para ficar gramatical.

²⁵² Modificando na= pudak dyo: (DOS ANJOS, 2011, p. 296). O naka foi acrescentado por um informante, que disse que a sentença precisa de naka para ficar gramatical.

²⁵³ Modificando Tirin-na= tyo Tyo:ma (DOS ANJOS, 2011, p. 203).

²⁵⁴ Modificando Tirin-na= tyo Tyo:ma (DOS ANJOS, 2011, p. 203).

- (61) **no-tyo kana—tona da:an**²⁵⁵
 2Sing-filha foco—partir fugir (sozinho)
 ‘Sua filha fugiu’
- (62) **ha-tyo kana—tona da:an**²⁵⁶
 3Sing-filha foco—partir fugir (sozinho)
 ‘A filha dele fugiu’
- (63) **idi:k tyo kana—tona da:an**²⁵⁷
 2Sing filha foco—partir fugir (sozinho)
 ‘Sua filha fugiu’
- (64) **ityian tyo kana—tona da:an**²⁵⁸
 3Sing filha foco—partir fugir (sozinho)
 ‘A filha dele fugiu’

- *Retirada do {-na} como oblíquo – pronomes livres/prefixos pessoais*

- (65) **idi:k katu Hu**²⁵⁹
 2Sing SOC2 Hu
 ‘Hu está com você’
- (66) **ityian katu Hu**²⁶⁰
 3Sing SOC2 Hu
 ‘Hu está com ele’
- (67) **no-katu Hu**²⁶¹

²⁵⁵ Modificando Maranmaran na=tyo kana tona tyo (QUEIXALÓS, 2010). Esse é um dado kanamari. Um informante katukina falou que, para essa frase ficar gramatical em katukina, *kana* (marcador morfológico de foco) e *tona* (‘ir embora’) deveriam ser substituídos por *da:na* (‘fugir sozinho’). Retiramos o último *tyo* do dado original porque denota exclamação, e a nossa intenção era testar uma afirmação. A consequência dessas modificações foi que, em vez de testar o foco nessa sentença, testamos o genitivo.

²⁵⁶ Idem nota anterior.

²⁵⁷ Idem nota anterior.

²⁵⁸ Idem nota anterior.

²⁵⁹ Modificando Tokaniri-na= katu Hu (DOS ANJOS, 2011, p. 204).

²⁶⁰ Modificando Tokaniri-na= katu Hu (DOS ANJOS, 2011, p. 204).

²⁶¹ Modificando Tokaniri-na= katu Hu (DOS ANJOS, 2011, p. 204).

2Sing-SOC2 Hu

‘Hu está com você’

(68) **ha-katu** **Hu**²⁶²

3Sing-SOC2 Hu

‘Hu está com ele’

- *Retirada do {-na} como foco – pronomes livres/prefixos pessoais*

(69) **ityian** **paha-nin**²⁶³

3Sing estar podre-DUR

‘É ela que está apodrecendo’

(70) **ha-paha-nin**²⁶⁴

3Sing-estar podre-DUR

‘É ela que está apodrecendo’

²⁶² Modificando Tokaniri-na= katu Hu (DOS ANJOS, 2011, p. 204).

²⁶³ Modificando na= bara paha-nin (DOS ANJOS, 2011, p. 296).

²⁶⁴ Modificando na= bara paha-nin (DOS ANJOS, 2011, p. 296).

APÊNDICE C - DADOS REFERENTES AO TESTE 3

- {-na} como CTRF

(71)	waok-na	iki:k	
	chegar-CTRF	unidade	
	‘Um chegou’		(DOS ANJOS, 2011, p. 148)

Colocando um advérbio entre o {-na} e a palavra anterior:

(72)	waok	manati	na	iki:k
	chegar	ontem	CTRF	unidade
	‘Um chegou ontem’			

Colocando um advérbio entre o {-na} e a palavra posterior:

(73)	waok-na	manati	iki:k
	chegar-CTRF	ontem	unidade
	‘Um chegou ontem’		

Obs.: a ordem canônica, segundo um dos informantes: **manati waok-na iki:k**.

- {-na} como ALT

(74)	dado:hi	nayo-na	
	correr, fugir	mãe-ALT	
	‘Corre para a mãe (Lit.: corre na direção da mãe)’		(DOS ANJOS, 2011, p. 205)

Colocando um advérbio entre o {-na} e a palavra anterior:

(75)	dado:hi	nayo	aninton	na
	correr, fugir	mãe	hoje, agora	ALT
	‘Corre para a mãe agora (Lit.: corre na direção da mãe agora)’			

Colocando um advérbio entre o {-na} e a palavra posterior:

- (76) **dado:hi** **nayo-na** **aninton**
 correr, fugir mãe-ALT hoje, agora
 ‘Corre para a mãe agora (Lit.: corre na direção da mãe agora)’

Obs.: a ordem canônica, segundo um dos informantes: **nayo-na dado:hi**.

- {-na} como *ergativo*

- (77) **Kopa-na=** **buhuk** **hak-ba**
 Kopa-ERG fazer casa-plano (telhado)
 ‘Kopa fez o telhado’ (DOS ANJOS, 2011, p. 138)

Colocando um advérbio entre o {-na} e a palavra anterior:

- (78) **Kopa** **manati** **na=** **buhuk** **hak-ba**
 Kopa ontem ERG fazer casa-plano (telhado)
 ‘Kopa fez o telhado ontem’

- (79) **Kopa** **tanti** **na=** **buhuk** **hak-ba**
 Kopa aqui ERG fazer casa-plano (telhado)
 ‘Kopa fez o telhado aqui’

Colocando um advérbio entre o {-na} e a palavra posterior:

- (80) **Kopa-na=** **manati** **buhuk** **hak-ba**
 Kopa-ERG ontem fazer casa-plano (telhado)
 ‘Kopa fez o telhado ontem’

- (81) **Kopa-na=** **tanti** **buhuk** **hak-ba**
 Kopa-ERG aqui fazer casa-plano (telhado)
 ‘Kopa fez o telhado aqui’

- (82) **mapiri-na= duni takara**

Anaconda-MKCase catch hen

‘The anaconda caught the hen’

‘A anaconda pegou a galinha’

(QUEIXALÓS, s. d. *apud* DOS ANJOS, 2011, p. 295)

Colocando um advérbio entre o {-na} e a palavra anterior:

- (83) **mapiri aninton na= duni takara**

Anaconda hoje ERG pegar, capturar galinha

‘A anaconda pegou a galinha hoje’

- (84) **mapiri datanti na= duni takara**

Anaconda ali ERG pegar, capturar galinha

‘A anaconda pegou a galinha ali’

- (85) **mapiri manati na= duni takara**

Anaconda ontem ERG pegar, capturar galinha

‘A anaconda pegou a galinha ontem’

Colocando um advérbio entre o {-na} e a palavra posterior:

- (86) **mapiri-na aninton duni takara**

Anaconda-FOC hoje pegar, capturar galinha

‘A anaconda pegou a galinha hoje’

- (87) **mapiri-na datanti duni takara**

Anaconda-FOC ali pegar, capturar galinha

‘A anaconda pegou a galinha ali’

- (88) **mapiri-na manati duni takara**

Anaconda-FOC ontem pegar, capturar galinha

‘A anaconda pegou a galinha ontem’

- {-na} como objeto de posposição:

[illegible]

Obs.: Para o informante que julgou essa sentença, esse dado é exclusivo do Kanamari; para o Katukina, ele não é gramatical; não pertence ao Katukina.